

Defesa Nacional



DE MAIO
9 4 2

NÚMERO
3 3 6

Diretores responsáveis

Gen. Heitor A. Borges

Cel. Orozimbo M. Pereira

Ten. Cel. Lima Figueiredo

Ten. Cel. Djalma Dias Ribeiro

Maj. Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXIX

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1942

N.º 3

SUMÁRIO

- Editorial
- E como os homens, os povos . . . — **Cel. Renato Batista Nunes**
- O moderno armamento naval — Tradução do **Ten. Otávio Alves Velho**
- Boletim de Informações da Biblioteca Militar — **Cel. F. de Paula Cidade**
- Como marcham as Unidades Motorizadas dos E. U. A. — **Cap. Lindolfo Ferraz Filho**
- “Carros, arma econômica” — **Cap. Vitor Hugo de Alencar Cabral**
- Missões de Artilharia — O acompanhamento imediato — **2.º Ten. Ferdinando de Carvalho**
- Os fundamentos da Batalha do Atlântico — **Barreto Leite Filho**
- O altar de campanha do Marechal Duque de Caxias — **Cel. Silveira Mello**
- Acampamento em barracas de madeira construído para alojar 20.000 homens — Tradução
- A motorização e a mecanização — Tradução de **Cibele Silvia Fonseca**
- Iniciação, Adextramento — **Cap. Hugo Garrastazu**
- Livros do Exército — **1.º Ten. Umberto Peregrino**
- Tática de Cavalaria — 4.ª Série — **Major Heitor Paiva**
- Noticiário e Legislação

Companhia Docas de Santos

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA LUCROS E PERDAS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1941

D E B I T O

| | |
|---|-----------------|
| a Despesas Gerais | 395:548\$700 |
| a Custeio do Tráfego | 53.964:206\$900 |
| a Departamento Médico | 613:939\$700 |
| a Almoxarifado, produção e despesa | 248:887\$600 |
| a Impostos e Taxas | 27:996\$100 |
| a Juros de Debentures | 3.102:612\$000 |
| a Fundo de Amortização | 656:049\$000 |
| a Juros e Descontos | 194:832\$815 |
| a Gratificações, Contribuições e Do- nativos | 414:482\$500 |
| a Pecúlios aos Empregados da Com- panhia | 97:500\$000 |
| a Pensões | 145:015\$000 |
| a Fundo de Emergência | 5.521:780\$695 |
| a Dividendos a Pagar | 12.800:000\$000 |
| Res. | 78.182:851\$010 |

C R E D I T O

| | |
|---|-----------------|
| de Renda Bruta do Tráfego | 78.156:040\$750 |
| de Renda de Títulos | 10:794\$900 |
| de Bonificações, Divids. e Juros, prescritos | 16:015\$360 |
| Res. | 78.182:851\$010 |

Rio de Janeiro, 31 de Dezembro de 1941 — **Guilherme Guinle**, Presidente. — **Oscar Weinschenck**, Diretor-Gerente. — **Otávio P. dos Santos**, Diretor-Tesoureiro. — **Arnaldo Guinle**, Diretor-Secretário. — **Lineu de Paula Machado**, Diretor Econômico-Financeiro. — **Fernando Machado Torres**, Chefe da Contabilidade.

Balanço Geral realizado em 31 de Dezembro de 1941

S/A INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO

FUNDADA EM 1881

A MAIOR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL DA AMERICA LATINA



SOCIEDADES SUBSIDIARIAS

• Industrias Matarazzo do Paraná Sot. Paulista de Navegação Matarazzo Ltda. • Fazenda Amalia-Conde Francisco Matarazzo Junior • Armazens Geraes Matarazzo • S/A Les Parfums de Chimêne • S/A Industrias de Seda Nacional • S/A Tecelagem de Seda Italo-Brasileira •

Moinhos de trigo, frigoríficos, fabricas de oleos: de caroço de algodão, gergelim, coco, linhaça, ricino; refinarias de sal, banhas, açucar, composto Paulista; fabricas de velas, sabões, sabonetes, perfumes e cosméticos; giz, pregos, produtos químicos, gasolina, kerozene e óleo crú, louça e azulejos, amido e dextrina de mandioca; conservas cítricas; papel, papelão; fiação, tecelagem, tinturaria e estamparia de seda, raión e algodão; oficina mecanica e fundição.

POTENCIALIDADE

Área ocupada pelas fabricas 1 milhão de m²
Operarios 20.000
Funcionarios 1.200
Técnicos 600
Força motriz 30.000 H.P.
Consumo mensal de energia
de 8 a 10.000.000 Kw. H.
Superfície caldeiras instaladas 12.000 m²

Material Ferroviário
10 locomotivas e 146 vagões
Teares 5.000
Fusos 150.000
Produção de tecidos de seda, raión e algodão
50.000.000 de metros por ano
Mercadorias transportadas em caminhões
próprios 300.000.000 de Kgs. por ano

Prédio Conde Matarazzo: Praça da Patriarca — Fone, 3-5151 — S. PAULO

AGORA
tenho o prazer de
apresentar a
CERVEJA

PATRICIA

A NOVA DELICIA!



LOS MOS



Cooperar com o comércio, com as indústrias e com as autoridades do país, na solução de todos os problemas relacionados com o petróleo, é o verdadeiro intuito da Organização SHELL.

Com o máximo prazer atenderemos a todas as consultas que nos forem dirigidas.

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM COMPANY, LTDA.

Praça 15 de Novembro n. 10

Rio de Janeiro

THE CALORIC COMPANY

Matriz: RIO DE JANEIRO

AV. PRESIDENTE WILSON, 118, 4.^o andar

Tel. 22-5133

OLEO
COMBUSTIVEL
para industrias
e navegação



OLEO
DIESEL
para motores
e tratores

OLEOS LUBRIFICANTES
DEPOSITOS:

Rio - S. Paulo - Santos - S. Salvador - Recife e Belém
Representantes em todas as cidades do país

EDITORIAL

Primeiro de maio, a data universal do Trabalho, merece de nossa parte um registro todo particular. No seu transcurso atual, quando se escôa o terceiro ano da maior guerra que a humanidade já conheceu, guerra cuja característica mais importante é, decididamente, a corrida do material, fazendo da batalha industrial a principal batalha, pois que da sua evolução é que dependerá, em última análise, o destino final do embate dos exércitos, nesta hora e em face deste quadro, devemos refletir muito na extraordinária função militar que cabe aos operários.

Eles que alimentam as frentes e são, pela qualidade e volume do seu esforço, construtores indiretos de todas as vitórias. Por outro lado a morte os ronda a cada instante, porque as ações do ar se dirigem sobretudo contra as fábricas. Cada um procura destruir ou paralisar a produção industrial do adversário, e assim o posto do trabalhador não é só de sacrifício, de esforço, de suor, é também de enormes e constantes perigos, sobre as suas cabeças ferem-se combates violentos e podem abater-se de repente dezenas de bombas arrazadoras.

O Brasil há muito vem pedindo e tem conseguido dos seus trabalhadores, em virtude do agravamento contínuo das dificuldades do comércio internacional. A nossa indústria há muito trabalha e se desdobra num ritmo acelerado, para suprir necessidades que antes eram em grande parte cobertas pela importação. Devemos esperar que essas necessidades se tornem ainda mais numerosas e prementes, à medida que a guerra adquirá caráter mais agudo. Poder-se-á, todavia, confiar no nosso operário. Sua capacidade está provada pela nossa própria evolução industrial. Adapta-se rapidamente às mais

variadas técnicas, maneja com ótimo rendimento todas as máquinas que lhe são dadas. Além disso, assistido por sabia legislação social, não sofre inquietações, não se agita com reivindicações de classe, tem seus direitos definidos e eficientemente assegurados.

O trabalhador brasileiro é, pois, uma poderosa e saudável força da nacionalidade. O exército tem-no como um dos pilares da estrutura militar do país. No quadro da guerra moderna o braço operário é tão precioso quanto o braço que empunha a arma.

Outra notável efeméride do mês de maio é a que assinala o descobrimento do Brasil. A verdadeira data, 22 de abril, deslocou-se para 3 de maio, em razão da reforma do calendário operada em 1582. Os historiadores teem protestado em vão, alegando a improcedência dessa transposição, de vez que a reforma tendo consistido na supressão de 10 dias do mês de outubro no referido ano de 1582, não podia de modo algum afetar uma efeméride de abril. Por outro lado, mesmo admitindo a correção dos 10 dias, a data não seria 3, mas sim 2 de maio. Tudo veiu, porém, de uma inadvertência de José Bonifácio, em 1823, como Ministro do Império, designando o dia 3 de maio para início dos trabalhos da Assembléia Constituinte, por ser o dia do descobrimento do Brasil. E assim ficou até hoje.

Mas, se o próprio feito de Cabral pôde ser considerado, do ponto de vista histórico, como fato convencional, pois que alguns afirmam ter vindo a sua expedição bater determinadamente no Brasil, país já visitado por outros navegadores, e cuja posse se fazia mister assegurar para Portugal, não será excessivo aceitar o convencionalismo da data.

Recordemos, então, em 3 de maio o inicio da existência do Brasil perante o mundo.

Vinte quatro de maio de 1866.

Desde o dia 20 os aliados haviam acampado no areial denominado Tuiutí, entre os esteros Rojas e Bella-co. A oeste ficava o prolongamento meridional da mata do Sauce e a Leste um tereno alto coberto de jataís.

Os brasileiros ocupavam o centro e a esquerda da linha; à direita estava o exército argentino às ordens diretas de Mitre; um pouco avançada a divisão oriental, a 6.^a divisão brasileira e o 1.^º regimento de artilharia a cavalo, com 24 peças e 1 bateria oriental de 6 peças. Essas 30 peças, sob o comando de Mallet, foram colocadas em trincheiras improvisadas.

No dia 23 foi feito pelo Cel. Belo um reconhecimento ofensivo, ficando assente que o ataque geral se desencadearia no dia seguinte após novo reconhecimento marcado para as 14 horas.

Segundo Thompson, Lopez fazia tenção de aguardar os adversários e depois lançar-lhes contra a retaguarda 10.000 homens. Mudou de idéia sabendo que ia ser atacado no dia 25. Resolveu então adiantar-se e atacar a 24. Seu plano consistia em atacar de frente com 9.000 homens às ordens de Marcó e Diaz e simultaneamente pela direita com 6.300 homens comandados por Resquin, alem de 8.700 pela esquerda com Barrios.

De fato, ao meio-dia de 24 romperam subitamente os paraguaios das matas fronteiras e de vários outros pontos. A massa de 10 batalhões de infantaria, 4 regimentos de cavalaria e 6 peças, conduzida por Barrios levou vantagem inicial, impelindo os nossos até o Estero Bel-laco, o que poz a descoberto o flanco esquerdo das tropas de Osório. Auxiliado, porem, pelo Gen. Sampaio, lançou poderosa carga, que dizimou as massas adversárias, enquanto a artilharia de Mallet disparava sem pau-sa, ceifando quantos se lhe defrontavam. No centro a in-

vestida de Resquin era perigosa, pois utilizava 8 regimentos de cavalaria, alem de 2 batalhões de infantaria. Mas o Gen. Osório lá se apresentou e dominou a situação. Na direita os argentinos tiveram a sua cavalaria derrotada e iam perdendo a artilharia, quando o Gen. Paunero interveiu, conseguindo retomá-la. Osório, porem, percebendo as dificuldades acudiu prontamente, sendo recebido com vivas e hurras. Houve uma ação de Cavalaria notavel. Foi quando os paraguaios se arrojaram contra os nossos cavalerianos que dispunham de montadas, em número de quinhentos. Mas a 2.^a, 4.^a e 5.^a divisões de cavalaria, mesmo a pé, enfrentaram com suas lanças os atacantes, enquanto o Gen. Neto, com os seus poucos cavaleiros, dizimava-os impiedosamente. Fizeram prodígios esses cavalerianos, sendo de notar que havia um Esquadrão só de oficiais, cerca de 200, a cuja frente combateu o próprio Gen. Neto.

A batalha continuava acesa. Na esquerda brasileira os paraguaios renovaram o ataque com muita cavalaria e infantaria, mas quando começavam a ganhar terreno, eis novamente Osório com suas tropas e eis a vitória.

Até que o exército atacante foi dividido em duas frações. Era a derrota final. E, reduzido a destroços o "mais belo e denodado exército que a nação tinha ao seu serviço", como diz Centurión, internou-se nas matas e banhados adjacentes.

Tivemos 3.011 homens fóra de combate, os argentinos 606 e os orientais 296. Os paraguaios perderam 13.000 mortos, além de 500 prisioneiros.

A vitória memorável de Tuiutí veiu da bravura com que se bateram os nossos soldados e do extraordinário comando de Osório. Fixemos o olhar sobre esse lance longínquo, e podemos estar certos de que ele repetirá sempre que o soldado brasileiro lute com o mesmo espírito e sob a direção de chefes à sua altura.

O Grande Vencedor de Tríunfo



Gen. Osório

E COMO OS HOMENS, OS POVOS...

Cel. RENATO BATISTA NUNES

I

E' de tal maneira intenso e continuado o labor intelectual dos que aqui se aplicam ao aperfeiçoamento e à ampliação de conhecimentos profissionais, que não se chega a ter percepção nítida do tempo que passou. Parecem ressoar ainda neste recinto os écos da última cerimônia de encerramento dos cursos realizados, há justamente, um ano.

A impressão de uma vida não vivida hora a hora, dia a dia, é tanto mais sentida quando se percorre já o ramo descendente da existência. O tempo, parece então, escoar-se com velocidade acelerada, como se obedecesse à lei da gravidade. Os que avançam pelo ramo ascendente, fazem menos conta do tempo e esperam ainda libertar-se das preocupações que abreviam a vida. Esta ilusão aumenta-lhes o alento necessário para prosseguirem na árdua escalada.

Se para o filósofo e para os que crêem na eternidade, abstrair-se do tempo e do espaço é realizar um estado de felicidade superior, nem sempre o será para o comum dos homens que amam a vida pela vida e não pelo que a faz esquecer. Mas, se é a dedicação ao cumprimento dos deveres que absorve os espíritos, podem existir compensações na satisfação da própria consciência. E tal satisfação é mais confortadora ainda quando se sente o reconhecimento do sacrifício consumado.

Assim atua a presença, já habitual, de V. Excia. Senhor Presidente, a esta cerimônia; e vale por uma recompensa

Discurso pronunciado na Escola de Estado Maior pelo Senhor Coronel Comandante, por ocasião da entrega dos diplomas aos oficiais que concluíram o curso em 1941.

para os que atingem a méta de seu labor escolar, e por um incentivo para os que ainda vêm a meio da jornada. Exprime o interesse vigilante do Chefe que deve exaltar e impulsionar as energias, e assim o compreendemos. Pode V. Excia. ficar certo de que, a essa honrosa assistência, responderão todos com um redobramento de ânimo, porque a cooperação, o trabalho profícuo e honesto é a maneira mais digna de corresponder a confiança do Chefe.

Uma rápida prestação de contas vem confirmar esse propósito: — no ano didático que findou, realizaram-se nos dois cursos desta Escola, 340 sessões de tática na carta; — 71 trabalhos escritos solucionados pelos oficiais alunos, em sala, com tempo limitado; — 9 viagens de tática, perfazendo 86 jornadas de exercícios no campo; — 3 exercícios de funcionamento de estados-maiores de Corpo de Ex. e de Divisão. Para isso, os oficiais instrutores elaboraram 155 temas táticos e corrigiram meticulosamente 5.768 trabalhos escritos dos oficiais alunos. Um índice da atividade desenvolvida na viagem de tática e estado-maior executada nos Estados de Pernambuco e Alagoas: a quilometragem registrada pelos automóveis que percorreram aquela região somou 45.600 quilômetros, isto é, mais do que a volta do mundo pelo equador. Um pormenor expressivo: o encerramento desse exercício verificou-se no campo dos Guararapes. Após algumas palavras que rememoravam uma das mais belas páginas de nossa história, escrita com o sangue dos bravos que ali se bateram, os oficiais, reunidos, fizeram ecoar por aquelas plagas a música e as estrofes brilhantes do hino nacional brasileiro.

Assim se aplicam os oficiais instrutores e alunos à tarefa de aperfeiçoar sua preparação intelectual para a guerra, finalidade desta Escola. A preparação profissional, propriamente dita, depende do aparelhamento material do Exército e da execução de um programa de instrução realista. Só assim se podem exercitar Comandos e tropas na aplicação dos meios de ação às realidades do terreno, às situações táticas sempre variadas, e firmar princípios doutrinários sobre bases concretas.

A preparação intelectual persiste, entretanto, como elemento essencial da ação militar eficiente, e apraz-me dizer, nesse momento, que a operosidade e a dedicação, sem desfalecimentos, dos oficiais instrutores e alunos, concorreram para a obtenção de resultados compensadores, e os tornaram merecedores dos francos louvores que daqui lhes dirijo. Ser-me-ia quasi impossivel destacar nomes, mas devo mencionar particularmente meu auxiliar direto, o Coronel HENRIQUE BAPTISTA DUFFLES TEIXEIRA LOTT, Sub-Diretor do Ensino. Oficial de escól, suas aptidões foram constantemente postas à prova, na coordenação dos trabalhos dos instrutores, na assistencia às aulas e na direção de viagens de tática, resultando sempre proficuas, como seria de esperar de um profissional que honra sua classe.

Graças à manutenção desse cunho de severidade nos trabalhos e ao cumprimento integral de seus programas de ensino, adquiriu esta Escola um prestígio que constitue verdadeiro patrimônio moral. Ela não atua apenas como orgão de aperfeiçoamento teórico-profissional, mas também como um cadiño em que se retemperam caracteres. Dois fatos apoiam essa asserção: — em 1930, os cursos foram interrompidos pelo surto da revolução nacional; reaberta a Escola meses depois, alvitrou-se uma medida de emergência, — as aprovações por decreto. A solução não conquistou adeptos na direção do ensino nem entre os oficiais alunos, e os interessados conseguiram a continuação dos estudos e a realização dos exames finais. Mas tarde, em 1934 efetuavam-se os exames de fim de ano; no decurso das provas, o Congresso instituiu a lei de aprovação por médias. Os exames continuaram sem um protesto, até à última prova. Entretanto, por deliberação superior, ao consultá-los sobre qual dos resultados deveriam ser registrados, se os dos exames, se os das médias, por serem estes superiores àqueles, todos com exceção de um, responderam: — “quando me submeti aos exames foi para aceitar essa medida do que assimilei”. Não conheço manifestações similares noutras escolas do Brasil.

II

Meus Camaradas:

Vivemos uma breve hora de prazenteiras expansões, de júbilo bem merecido por quantos completaram dois longos anos de porfiado labor intelectual.

Poderia limitar-me, talvez, a aconselhar-vos que procedesseis, nesta altura, à contemplação mental e retrospectiva da senda percorrida, para que cada qual pudesse distinguir com clareza os conhecimentos adquiridos integralmente daqueles que apenas chegaram a aflorar, sentindo-lhes os contornos, sem penetrar-lhes a profundidade, ou por excederem o campo restrito de nossas investigações ou por exigirem meditação e tempo, que só a preparação profissional sempre continuada e jamais inteiramente acabada, poderá proporcionar.

Este curso é um **meio** e não uma **finalidade**. E' um guia seguro que vos abre largos horizontes e profunda visão sobre os domínios da difícil, complexa e ingrata arte da guerra. Nesse intrincado labirinto, podeis já entrever, definir e localizar os multiformes problemas suscitados pela guerra moderna. E porque eles se apresentam cada vez mais vastos e complexos, à medida que se ascende na hierarquia dos comandos e das responsabilidades, torna-se indispensável ao seu encontro com o espírito já orientado e esclarecido desde os primeiros postos, para ser capaz de resolvê-los progressivamente sem correr o risco de ser por eles submergido mais tarde.

Se esta é uma hora de agradáveis expansões, por que toldar-lhe a amenidade, lembrando o que vos resta fazer nessa infinável tarefa da preparação profissional para a guerra?

Essa palavra sôa, nesse momento, como a voz soturna daquele frade, ao qual já me referí de uma feita, cuja missão o obrigava a quebrar o silêncio e a quietude do claustro, ao

bater periodicamente à porta das celas para advertir: "irmão, lembra-te de que tens de morrer" . . .

E' que existe uma identidade de predestinações: se o cristão deve estar sempre pronto a morrer bem, para salvação da alma, o soldado precisa estar sempre preparado para morrer, proficiamente, pela salvação da pátria. Demais, a guerra é tão inevitável na vida dos povos, como a morte na vida dos homens. Seu embrião gerou-se no dia em que a diversidade das línguas e as peculiaridades mesológicas isolaram os núcleos humanos e imprimiram à sua vida características específicas. De então para cá, tornou-se uma fatalidade.

A ambição do homem: ambição de riquezas, ambição de mando, está na origem de todas as guerras.

A inteligência posta ao serviço das artes, das ciências e das indústrias contribuiu para desenvolver, progressivamente, o conforto e o bem estar do homem, criou paralelamente novas necessidades, que muitas vezes serviram de pretexto para a guerra.

As conquistas do espírito no campo da moral seguiram, sem dúvida, a marcha ascendente do progresso material, mas sempre foram inoperantes para evitar a guerra e até mesmo para humanizá-la. Esta, uma vez deflagrada, torna-se questão de vida ou de morte e, então, a força bruta supera o direito, e o instinto de conservação fala mais alto do que séculos de civilização. O homem sempre criou inventos ou desencadeou forças, cujos efeitos ou aplicações muitas vezes, foi incapaz de dominar ou dirigir.

Embora repugne ao próprio sentimento de dignidade humana, não é bastante exercer a guerra para evitá-la porque ela pode ser imposta, e cumpre às coletividades o dever de auto-defesa.

Constituir sistemas de alianças capazes de neutralizar ou superar o poderio ameaçador de possíveis adversários; — conseguir pelo consenso geral a paridade de armamentos ou o desarmamento total; — criar sanções para os agressores; — constituir-se um potencial de guerra tão poderoso que

tire ao adversário o ânimo de atacar, pela incerteza de êxito; — tornar a guerra tão espantosamente destruidora que todos a evitem; — ou elevar aquele potencial a um maximum que permita obter resultados decisivos, numa “guerra de curta duração”, sem deixar tempo ao adversário para mobilizar integralmente seus meios de ação, — **foram tentativas malogradas para evitar a guerra, e até mesmo para diminuir-lhe a frequência.**

Entretanto, se não se pode eliminar a guerra, não seria impossível restringir suas causas determinantes.

E' bem certo, todavia, que só o perigo comum é capaz de unir os homens de todos os credos e de todas as tendências, porque o liame moral que os aproxima é, então, o instinto de conservação, superlativo do egoísmo humano. Passada a crise, porém os homens continuem irremediavelmente divididos. **E como os homens, os povos...**

Deve-se, entretanto, aproveitar esse estado psicológico de receptividade para lançar a semente dos ideais superiores, porque dos movimentos generosos e sinceros sempre resta alguma causa de indestrutível.

Entre nações jovens que não quiserem herdar nem alimentar ódios ou dissensões já inexistentes entre as primitivas metrópoles — que não se comprimen geográfica, política nem economicamente, porque dispõem de imensas reservas de espaço, — sem pretenções de hegemonias irritantes — que não se asfixiam pela superprodução sem mercados, pois ao contrário disso podem encontrar compensações mútuas de excessos e necessidades, não parece utópico eliminar desentendimentos e incompreensões para trilhar a estrada larga e franca da cooperação.

Para realizar esse ideal, não bastam os esforços, mesmo sinceros, dos homens de governo, porque passam e a vida evolue sempre.

Os tratados, as convenções, as manifestações de cordialidade não têm força vital própria que os mantenha através dos tempos; — ao contrário, sua vida às vezes é limitada pelos interesses dos mais poderosos do momento. O advento

dessa nova era ultrapassará, por certo, as possibilidades da geração atual, e a continuidade do esforço só será garantida, se as novas gerações forem educadas e orientadas nesse sentido. Essa será a obra dos governos, dos educadores e das elites intelectuais. Cabe essencialmente a estes últimos mostrar aos espíritos em formação o mundo com suas tristes realidades, e inculcar-lhes, não a noção individualista da preparação da "luta pela vida", e sim a da "cooperação pela vida", assentada nos sãos princípios da moral privada e social, e capaz de formar a "alma coletiva" de cada nacionalidade.

Restringindo-nos aos interesses do Brasil, hoje, mais do que nunca, incumbe aos educadores e aos intelectuais, ocupar a vanguarda nas lutas do espírito contra a obra insidiosa e dissolvente de minorias ousadas e inteligentes que por todos os meios, até em obras de pura ficção, procuram solapar os fundamentos da civilização cristã. Que se firme e desenvolva, em todas as ocasiões, o sentimento da consciência nacional, como emanação do elevado conceito de "pátria una no tempo e no espaço", que consubstancia a palavra de ordem do Chefe do Governo.

Coêssas espiritualmente dentro da unidade política e geográfica, coerentes com o passado e com as tendências históricas, serão as gerações de amanhã capazes de conduzir o Brasil aos seus verdadeiros destinos.

Seguindo os imperativos de sua consciência nacional; — irmanados pelos mesmos ideais de independência política, que exclui a imitação servil de ideologias exóticas, ou as "padronizações" insinuadas; — observando a igualdade de deveres e de direito ao respeito mútuo, base da confiança; — praticando, enfim o verdadeiro conceito do pan-americanismo, cuja essência é a cooperação, — poderão as nações do continente constituir indestrutivelmente sobre bases econômicas, políticas, e sociais a "Sociedade Americana", unida e concorrente, sem sacrifício das características nacionais de cada uma.

A segurança continental decorrerá, então, como simples corolário, da integração dos "potenciais de guerra da economia nacional" de cada dos componentes dessa sociedade.

Enquanto esse ideal não se corporificar pela sinceridade na prática das ações; enquanto a guerra perdurar como um mal inevitável, e o entrelaçamento de interesses políticos e econômicos, livremente consentidos ou não, privar os neutros de um lugar no mundo, só restará aos povos insubmissos à escravidão um único recurso de defesa — **manter-se moral e materialmente preparados para a guerra.** Enunciado simplista de um problema que hoje parece exceder às próprias possibilidades humanas...

Se outrora as forças armadas, forças mercenárias ou exércitos nacionais em guerra, constituiam uma espécie de muralha ao abrigo da qual a vida conservava seu ritmo normal, hoje, não são mais os exércitos, mas os povos, que se batem.

Embora os exércitos continuem a ser o principal instrumento de guerra, porque nenhuma vitória definitiva se conquista no mar ou no ar, sua destruição exige o aniquilamento prévio ou simultâneo das forças vivas da nação, que o alimentam e impulsionam. Essas forças vivas são **as forças morais:** a energia e fénacidade dos governantes, e a capacidade de resistência moral das populações; — **as forças intelectuais:** — as criações dos cientistas e dos técnicos de todos os ramos das atividades humanas; **as forças materiais:** a pujança das indústrias, incluidas a agricultura e os transportes, e a solidez de estrutura econômica da nação. Todo o indivíduo, sem distinção de classe, idade ou sexo, deve cooperar na destruição do inimigo submetendo-se aos mesmos riscos e sofrimentos, porque os meios de ação utilizados são terrestres, marítimos, aéreos, políticos, diplomáticos, financeiros, e, essencialmente, morais, psicológicos e econômicos.

Preparar a nação para a guerra significa, portanto, constituir a totalidade dessas forças num "sistema" capaz de funcionar harmonicamente, sob a impulsão de uma direção única, para um fim determinado.

Esse objetivo será atingido quando o sistema econômico do tempo de paz puder satisfazer, também, as necessidades do tempo de guerra, sem perturbações profundas de sua estrutura e sem delongas.

Ou, em outras palavras, quando a economia de paz puder transformar-se, sem perda de tempo, em **economia de guerra**.

Tal e tão íntima é a interdependência do potencial militar e do potencial econômico, que um não pode subsistir sem o outro e a soma de ambos representa o grau de "potencial de guerra da economia nacional".

Por isso, no dizer de um economista, "toda a direção militar, hoje, deve considerar a economia parte integrante do potencial de guerra total do país. A economia, acrescenta, tem em tempo de guerra a mesma importância que o próprio exército". E outro afirma: "a arte militar não pode mais ignorar a ciência econômica; o soldado fez-se engenheiro, médico, químico, mecânico, etc; hoje, deve tornar-se economista".

Se a economia de guerra traça as regras da utilização sistematizada das forças vivas da nação, e aparece como uma entidade moderna no campo da economia, a "guerra econômica", ao contrário, é um meio de ação desde muito empregado, quer defensivamente, quando se trata de resguardar os próprios recursos vitais, quer ofensivamente, quando se procura destruir os do adversário, ou conquistar, pela força, utilidades reclamadas pelas necessidades de guerra, onde quer que se encontrem. Ampliado e intensificado seu emprego, a guerra econômica, que antecede ou segue as hostilidades armadas, é hoje elemento preponderante da economia de guerra. Os alimentos de primeira necessidade, as matérias primas, o combustível e o carburante, podem imprimir às guerras modalidades, à primeira vista, inesperadas ou incompreensíveis. O chefe militar deve, portanto, conhecer a tática e a estratégia econômicas. De igual passo, o economista não pode mais ignorar a guerra, no que concerne, pelo menos, ao vulto e à natureza das necessidades por ela criadas e re-

clamadas; menos ainda as perturbações que acarreta à economia do tempo de paz, e que exigem sua transformação na economia de guerra.

Ouso, mesmo, ampliar a idéia, opinando que a economia de guerra não deve ser assunto estranho aos nossos cursos técnicos superiores, notadamente, aos de ciências econômicas e sociais.

Por muito que o o deplorem os puros liberais, restrigem-se os direitos individuais quando a existência das coletividades está em jogo.

A economia de guerra, diz um publicista, "é um estado mórbido, ainda mal definido; é uma entidade que nada tem de comum com os sistemas econômicos já conhecidos, mas contém todos eles".

Em verdade, ela não só subverte o próprio conceito humano da economia política como suas próprias leis, pois as atividades, nem concorrem para o bem estar dos homens nem se destinam a criar riquezas. E' mais restritiva das liberdades do que a economia dirigida do tempo de paz, porque o Estado não "dirige" as atividades: "comanda-as".

Não é mais o jogo da oferta, da procura e do preço que que orienta a produção. "E' o Estado, principal consumidor, que eleva a produção ao nível das necessidades" — que limita os lucros, — que reparte a mão de obra e distribue a matéria prima, — que regula as importações e as exportações, — que emite e fixa o valor da moeda, — que alimenta a população, provê a saúde pública, etc.

Tal "revolução da técnica e da organização", é evidente, não pode ser improvisada no momento em que a guerra se deflagra; quando a mobilização militar, pura e simples, retirando das usinas e dos campos, braços e meios de transporte, debilita a produção e restringe a distribuição, justamente quando dela se exige o maior rendimento.

A França de 1914, país talvez o mais avançado de seu tempo em matéria de mobilização militar e de utilização dos recursos da nação para a guerra, pois desde muitos anos ensaiava uma solução, apezar do miraculoso esforço de impro-

vização de que seus homens foram capazes, verificu que "tudo quanto faltou no início da guerra, faltou até o fim".

O ligeiro e incompleto enunciado dos problemas a serem resolvidos num plano de economia de guerra, que se propõe a satisfazer as necessidades de ordem civil e todas as imensas necessidades militares, já vos habilita a avaliar o vulto da obra. Nela terão de colaborar os homens de governo, os técnicos militares e os técnicos de todas as demais especialidades, para que aquele plano se torne um poderoso instrumento de guerra. Nos países suficientemente industrializados, em que a estrutura corporativa facilita a interferência do Estado no controle e na intensificação da produção, — em que a ordem intelectual já se tenha sistematizado dentro do espírito nacionalista, — em que o governo assenta no princípio da autoridade, subordinando interesses e deveres individuais aos da coletividade, — a organização daquele plano é grandemente facilitada.

Dois métodos se apresentam. Excluiremos, de início, o que se funda na concepção de que o próprio desenvolvimento da riqueza econômica cria, automaticamente, o potencial de guerra da economia nacional, porque nunca se conseguirá a autarcia absoluta, nem se poderá estar certo de que um período de paz, suficientemente longo, permita estabelecer o equilíbrio ou paridade entre o potencial econômico próprio e o dos países que possam deflagrar a guerra.

O primeiro método a seguir é o da preparação minuciosa e completa da mobilização econômica, durante a paz, e aplicá-la quando sobreviver a guerra; o segundo, consiste em fazer funcionar o organismo econômico dirigido pelo Estado desde o tempo de paz; é a adoção do princípio da "economia de guerra desde o tempo de paz", solução extrema nos casos de agressão ou de defesa premeditadas. Em qualquer dos casos, como foi dito, trata-se de organizar o conjunto de atividades do país, num "sistema" capaz de funcionar sob a impulso direta do Estado.

Dentre os conhecimentos que devem integrar a cultura geral do soldado que aspira exercer funções de alta direção

ou nelas colaborar, focalizei este da economia de guerra, por sua relevância e atualidade. E o fiz, obedecendo à norma de que nesta casa, nem uma hora se deve escoar, sem que alguma cousa se faça em prol da instrução. Aconselho-vos portanto, uma incursão pelo assunto e que será bem iniciada com a leitura do notável livro de André Piatier, "L'économie de guerre", sobre o qual foram calcadas algumas das sucintas considerações aqui expendidas.

E meditai no caso brasileiro.

Camaradas: ides continuar vossa formação profissional nos estados-maiores das grandes unidades, e, depois, no comando de tropa. Onde quer que exerciteis vossas atividades, haveis de encontrar sempre oportunidade para completar vossa preparação e para adaptar os conhecimentos doutrinários assimilados, às realidades de nosso meio e às possibilidades de nossos recursos.

Sois hoje auxiliares dos chefes; sereis os chefes no futuro. Lembrai-vos sempre de que o amor à verdade e à sinceridade, devem estar na base de toda a ação, mórmemente daqueles que, na paz, são coresponsáveis pela organização da segurança nacional e na guerra pela vida do soldado, às vezes, pelos destinos da Pátria.

Para que o chefe possa ter plena consciência de suas decisões e plena responsabilidade de suas consequências, é-lhe indispensável conhecer, em todas as circunstâncias aquilo a que se pode chamar "a verdade atual das cousas". E isto se obtém mediante justa apreciação dos fatos e das cousas". E isto se obtém mediante a justa apreciação dos fatos e das informações colhidas pessoalmente a justa, ou por intermédio de auxiliares inteligentes e sinceros.

Sede, então, sempre sinceros e verdadeiros. Combatei intransigentemente, se ela se apresentar, essa forma de deslealdade que consiste em criar em torno do chefe uma série de "filtros concêntricos", tanto mais numerosos quanto mais alta é sua categoria, e através dos quais só costuma passar aquilo que lhe pode agradar, ou dar-lhe boas impressões do detentor de cada filtro.

São as falhas, as insuficiências, as necessidades, o que mais interessa ao chefe conhecer, para não ser surpreendido por elas justamente no momento crítico em que sua responsabilidade e a segurança de todos se acham em jogo. Não trespideis em confessar-lhe o fracasso de vossas próprias missões, apontando-lhe as causas determinantes, certos de que não haverá Chefe digno desse nome que não exalte tal maneira de proceder.

Sinceridade na cooperação, sinceridade e firmeza na execução, obediência ao dever levada até ao sacrifício, — eis o lêma. A desgraça só é uma fatalidade, quando todos souberem cumprir integralmente o seu dever.

Pensai sempre no Brasil!

|||||

Instituição da Observação nos Círculos de Tropa

do Major BATISTA GONÇALVES

Livro indispensável na biblioteca
DE QUALQUER MILITAR

PREÇO 8\$000 - PELO CORREIO 9\$000

A venda na A DEFESA NACIONAL



GENERAL MAC ARTHUR, o grande herói das Filipinas e atual defensor do continente australiano. Nele estão concentradas todas as esperanças dos que lutam contra a ação expansionista dos países do eixo.

O MODERNO ARMAMENTO NAVAL

Por FREDERICO SONDERN, JR.

Tradução do Ten. OTÁVIO ALVES VELHO

Nos dias de hoje a Ciência domina no mar, tanto pelo menos quanto em terra. O êxito das operações navais depende, em alto grau, da habilidade técnica com que são fabricadas e utilizadas as armas modernas, muitas das quais são verdadeiros instrumentos de precisão que funcionam com exatidão e eficiência realmente espantosas.

Este artigo foi originalmente publicado na revista americana "Current History and Forum" e, depois, condensado pelo famoso "Reader's Digest". Julgamos interessante traduzi-lo, pois nele os camaradas verão descritas sucintamente algumas das fundamentais armas do moderno combate naval.

— NOTA DO TRADUTOR.

1) O SUBMARINO

O submarino de hoje é coisa muito diferente do barquinho cego e vulnerável da guerra mundial de 1914-18. Os atuais submarinos de grande raio de ação podem percorrer 16 mil milhas — ou sejam cinco vezes a distância entre a Europa e os Estados Unidos — sem necessidade de se reabastecerem de combustível.

A complexa operação de submergir a belonave — fechar as escotilhas, trocar de motores Diesel por motores elétricos, encher os tanques com a água de lastro — é executada mais ou menos em um minuto.

Os acidentes diminuíram notavelmente, e o casco tem sido tão aperfeiçoado e reforçado, que as chamadas "bomba de profundidade" ou "anti-submarinas" não lhe causam sérios danos quando arrebentam a mais de trinta metros de distância.

Há novos sistemas secretos de comunicação submarina, ideados pelos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha, conhe-

cidos apenas das armadas dos respectivos países. Por meio destes sistemas os submarinos mantêm-se em correspondência e podem agora caçar seus objetivos como verdadeiras matilhas, guiados pelos "olhos da esquadra", isto é, pelos aviões de exploração e reconhecimento.

2) ESCUTA SUBMARINA

Quando o submarino está a mais de doze metros de profundidade, de nada lhe serve seu periscópio. Nessa situação põem-se em funcionamento vários microfones de grande sensibilidade, com os quais se pode ouvir o movimento da hélice de um navio afastado de muitas milhas. O escutador, regulando o instrumento até que o som adquira sua intensidade máxima, pode determinar a posição, velocidade e rumo do navio. (1)

3) O TORPEDO

O torpedo moderno, que tem cerca de 4 metros de comprimento e um calibre de 530 mm., é construído com a precisão de um mecanismo de relojoaria; seu custo eleva-se a 12 mil dólares (2). Leva uma carga de arrebentamento de 227 quilos de T.N.T. (tri-nitro-tolueno), sulca as águas com a velocidade de 72 quilômetros por hora e tem um alcance aproximado de 5 quilômetros. Um destes torpedos causa graves prejuizos ao mais poderoso couraçado e geralmente bastam três deles para afundá-lo.

Quando um torpedo é lançado pelo respectivo tubo, por meio de ar comprimido, acende-se em seu interior u'a mecha de álcool; ela produz tanto calor, que instantaneamente se formam vapores a uma pressão muito elevada, dentro da pequena caldeira em que se encontra.

O torpedo tem duas hélices de propulsão movidas por dois mecanismos a vapor. Dirigem-no em trajetória vários

(1) N. T. — Princípio análogo ao da radiogoniometria.

(2) N. T.: Cerca de 240.000\$; note-se bem que este é o preço de custo, não de venda...

lemes horizontais regulados por um giroscópio e um mecanismo de relojoaria.

Os mais recentes torpedos mudam de direção várias vezes antes de atingir o alvo, afim de que se não saiba donde vêm. Por outro lado, só podem ser vistos quando estão bem próximos do objetivo, pois a uma tal profundidade e com tanta rapidez, que as borbulhas do vapor de escapamento, que nos antigos torpedos indicavam exatamente a posição e direção do projetil, aparecem agora muito atrás e não fornecem indícios seguros.

4) A BOMBA ANTI-SUBMARINA

O pior inimigo do submarino é a bomba anti-submarina ou **de profundidade**, que geralmente tem uma carga de 136 kg. de T.N.T. e pode ser graduada para arrebentar entre 10 e 90 metros de profundidade.

Os navios encarregados de lançar estas bombas são geralmente de grande velocidade, pois do contrario poderiam ser atingidos por elas ao funcionarem.

Na defesa de navios comboiados e nas ações navais, tão logo se veja um periscópio, os contra-torpedeiros atacam-no com suas bombas anti-submarinas. Cada um lança uma bomba, avança uns cem metros e lança outra ou outras duas, e assim continua até percorrer uma grande distância. Como há vários contra-torpedeiros executando a mesma operação, cobrem com suas bombas uma grande extensão de mar, e é difícil que o submarino, cuja velocidade reduzida o inabilita para por-se a salvo rapidamente, possa escapar de seus perseguidores.

5) ALVO DOS AVIÕES DE BOMBARDEIO

Depois de navegar submerso durante umas poucas horas, o submarino tem que vir à-tona para recarregar as baterias de seus motores elétricos. Quando principia a sair é facil presa para os aviões de bombardeio. A maior parte dos peris-

cópios não serve para ver objetos a grande altura acima da superfície das águas, porém um avião pode descobrir à uma distância de vários quilômetros, um submarino que começa a emergir. Depois de estar completamente na superfície, o submarino está mais seguro, pois o céu estando límpido pode ver os aviões a uma grande distância e submergir a tempo. Por isso geralmente os submarinos carregam suas baterias à noite; em tempo nublado, quasi sempre permanecem submersos, pois há perigo de, vindo à-tona, serem surpreendidos pelo ataque súbito de aeronaves inimigas.

Ao contrario do que se crê comumente, é difícil ao piloto de um avião descobrir um submarino submerso, a não ser quando a água esteja excepcionalmente calma, porque os submarinos, pintados com tinta preta, não projetam sombra perceptível sobre a superfície de águas agitadas.

6) O TERROR MAGNÉTICO

Na guerra atual, a mina magnética esteve prestes a causar um pânico no Almirantado inglês. E' um artifício que tem a aparência de um pequeno torpedo, de aproximadamente dois metros e meio de comprimento e um calibre de 600 mm., podendo ser lançado por um avião, um submarino ou uma embarcação qualquer. Dentro da mina há uma agulha magnética que, atraída pelo casco de aço de um navio que passe por cima dela, faz detonar o T.N.T., com que ela é carregada.

Estas minas não servem sinão para águas baixas, porém as águas das proximidades de quasi todos os portos do mundo são de pequena profundidade. A supressão desta ameaça foi um dos maiores triunfos da guerra, embora não fosse dado à publicidade. Um engenheiro inglês recolheu uma mina magnética e desmontou-a inteiramente, arriscando-se a que a mal-dita máquina funcionasse de um momento para outro e o deixasse em frangalhos. Logo que se descobriu o mecanismo da mina e seu funcionamento, inventou-se o "cinto de Gausse", conjunto de cabos elétricos dispostos em torno do casco do

navio, que neutraliza o seu campo magnético. Quando todos os navios mercantes tiverem esta proteção, a mina magnética ter-se-á tornado inútil e obsoleta.

7) O PORTA-AVIÕES

Nada transformou tanto a guerra naval como o porta-aviões. Os de mais recente construção têm uma velocidade de 34 milhas por hora, pelo menos; sua autonomia é de 13 mil milhas e podem transportar 100 aviões de combate e de exploração.

E' difícil aterrissar na coberta de um navio destes, que tem pouco mais de 240 metros de comprimento por 24 de largura, ou dela decolar, sobretudo quando o mar está bravio, porém, os aviadores das armadas modernas tem se exercitado tanto nestas operações, que as executam com facilidade e rapidez surpreendentes.

Os porta-aviões são extremamente vulneráveis. São alvos ótimos para o submarinos, pois raramente podem zigzaguear quando os aviões estão aterrissando ou levantando vôo. Uma bomba que destrua a coberta de aterrissagem, inutiliza o porta-aviões. Embora eles sejam defendidos por canhões anti-aéreos e aviões de combate, devem evitar, o mais possível, encontros com navios inimigos, cuja artilharia pode destruí-los ou avariá-los consideravelmente.

Com uma precisão maravilhosa em seus golpes, em que o tempo é calculado com aproximação de frações de segundos, os aviões de mergulho e torpedeiros do porta-aviões podem surpreender e atacar a um adversário, a uma distância muitíssimo maior que o alcance dos canhões dos encouraçados.

O avião torpedeiro, que leva um torpedo ao trem de aterrissagem, é alvo muito visível e facil para os canhões dos navios inimigos. Desce picando até poucos hectômetros do objetivo e rapidamente toma o vôo horizontal lançando seu torpedo. Contudo, para conseguir isso sem sacudir muito o mecanismo do torpedo, o avião deve descer até uns 30 metros acima do mar. Os artilheiros inimigos aproveitam a oportu-

nidade e disparam suas armas sobre o mar, em frente do avião, levantando grandes massas de água para fazerem-se desprender suas azas. Para evitar isto é que se costuma enviar, antes do torpedeiro, outros aviões que vão espalhando uma cortina de fumaça, a qual o oculta; o torpedeiro, saindo bruscamente desta nevoa artificial, lança seu torpedo e foge depressa, antes que os artilheiros regulem suas peças e o alvejem.

8) CONTRA-TORPEDEIROS E "MOSQUITOS"

Os torpedos são lançados também pelos navios contra-torpedeiros (3), e por pequenas lanchas torpedeiras a gásolina, que em alguns lugares são humoristicamente chamadas de "mosquitos".

O contra-torpedeiro é o cão de caça da Armada. O de 1500 toneladas, que é hoje o mais usado, tem 116 metros metros de comprimento por 11 de largura e uma velocidade horária superior a 35 milhas marítimas. Em mar muito agitado balança tanto que chega a inclinar-se 45 graus sobre o horizonte. Tem costados muito delgados, que até uma granada ou bomba pequena podem atravessar, e assim, numa batalha naval não resiste, geralmente, mais de 15 minutos, em média. Porém, nesses 15 minutos pode causar grandes estragos com os oito ou mais torpedos que leva em seus tubos. Uma flotilha de contra-torpedeiros é capaz de converter em poucos instantes uma vasta extensão marinha em um inferno de torpedos de que nenhuma embarcação consegue sair ilesa. Embora o contra-torpedeiro seja muito útil como navio de exploração, suas missões principais são afundar submarinos e proteger com cortinas de fumaça os navios maiores.

Os "mosquitos" tem de 18 a 30 metros de largura e são dotados de tubos lança-torpedos, bombas anti-submarinas, canhões anti-aéreos (4) e dispositivos emissores de fumaça.

(3) Também chamados "destroyers".

(4) Provavelmente o autor se refere aos chamados "canhões-metradoras" (calibres: 20,1 mm. 37 mm. ou 47 mm.) — N. T.

O que os torna mais perigosos e difíceis de destruir é sua grande velocidade, que chega até 50 milhas horárias. Mesmo para os mais hábeis artilheiros navais, é sumamente difícil conservar a pontaria dos canhões comuns sobre objetivos tão móveis a atingí-los com seus projetis. Entretanto, esta dificuldade foi removida até certo ponto empregando contra as lanchas-torpedeiras os canhões anti-aéreos, construidos para atingir aviões que vôam com velocidade superiores a 480 km/h.

9) O ENCOURAÇADO (5)

Toda a estratégia da guerra naval tem seu centro de gravidade no encouraçado. O avião de bombardeio e os torpedos, assim como a potência crescente da artilharia naval e de costa, crearam a imposição de mais blindagem, e blindagem, muito mais forte que a de há poucos anos, bem como a necessidade de instalar nos encouraçados baterias de canhões e metralhadoras anti-aéreas, grandes paíóis para munições e máquinas de propulsão extraordinariamente possantes.

Os novos monstros marinhos norte-americanos da classe do "North-Caroline", hoje em construção, deslocarão mais de 35 mil toneladas. E 40 % disso representa blindagem.

Para proteger o navio contra as bombas aéreas, há duas cobertas de aço, uma com 15 centímetros de espessura e outra com 10. As torres para os canhões e a cabina do piloto estão encerradas em casamatas de aço de 40 centímetros de espessura, capazes de resistir às granadas de calibre inferior ou igual a 400 mm.

Ao longo da linha d'água há uma faixa de blindagem de 40 centímetros de espessura e com cerca de 3 metros de largura. Mas abaixo há uma espécie de parede exterior auxiliar, contra a qual chocar-se-ão os torpedos, arrebentando antes de bater no casco.

(5) Em inglês "dreadnoughth", nome pelo qual muitos o conhecem.

10) A RAJADA

O encouraçado moderno tem uma guarnição aproximada de 1.500 homens (entre oficiais e soldados) dos quais 100 cuidam exclusivamente da pontaria das peças e 500 do seu manejo e tiro.

Requer-se grandíssima precisão para acertar um navio inimigo a 15 milhas, quando se disparam simultaneamente nove canhões de 400 mm. que lançam oito toneladas de aço e T. N. T. Nos Estados Unidos, a regra da marinha de guerra é que se deve pôr a pique o navio adversário com a segunda rajada, **se a primeira não o afundar.**

Quando é dado o sinal para cada homem ocupar o seu posto de combate, todos agem com a regularidade e exatidão de um cronômetro. Na torre de regulação e direção do fogo da artilharia, há doze homens que, com seus telêmetros e corretores, determinam a distância, rumo e velocidade do navio que se vai atacar. Os resultados são transmitidos telefônica-mente à sala de planos e cálculos, onde vários oficiais, servindo-se de complexos instrumentos de alta precisão, calculam o ângulo de elevação que deve ser dado aos canhões. Para obter a máxima precisão, tem-se que introduzir nos cálculos a temperatura dos explosivos, bem como a pressão atmosférica, a temperatura e a unidade do ar, a velocidade do vento nas diversas camadas atmosféricas atravessadas pela trajetória, e ainda a velocidade do movimento de rotação da terra. Os resultados destes cálculos são transmitidos mecanicamente a círculos graduados existentes nas torres das peças, as quais são logo apontadas. O oficial de cada torre, ao terminar esta operação, dá o sinal de "pronto" à torre de regulação do fogo por meio duma lâmpada que acende nesta. Quando estão aci-sas as lâmpadas de todas as peças, o oficial da referida torre espera, observando com todos os seus sentidos, até o momento exato em que o navio em seu movimento de balanço atinge a posição horizontal, e então comprime um botão.

Nove canhões, cada um dos quais pesa 120 toneladas lançam em côro seu horrendo brado e recuam quasi dois me-

etros. O navio deslisa lateralmente sobre a água, tal a força desse recuo. Um minuto depois, de uma distância de 15 milhas, os aviões de observação comunicam pelo rádio os resultados do tiro e, se necessário fôr, fazem-se na pontaria as correções convenientes.

Uma vez disparados os três canhões de cada torre, são limpos com um jato de ar comprimido. E, em menos de um minuto, estão reapontados e recarregados, prontos para uma nova rajada.

BOLETIM DE INFORMAÇÕES DA BIBLIOTECA MILITAR

(31-XII-941)

LIVROS EXCELENTES

A Biblioteca Militar brinda seus assinantes, no decorrer do ano de 1941, com um certo número de livros notáveis: Aí estão "Um Ano de Observação no Extremo Oriente", de Lima Figueirêdo, "Cidades e Sertões", do mesmo autor, "Fundamentos da Grafia Simplificada", de Daltro Santos, "Lições da Guerra de Espanha", tradução de Frederico Trotta, "História Militar do Brasil" (Campanha de 1851-52), de Genserico de Vasconcelos, e outros muitos.

O ano de 1942 vai proporcionar-nos uma publicação de alto valor, a "História do Grande Chanceler", de Paranhos Antunes. Livro do tipo fundamental da Biblioteca, isto é, de pouco mais de 120 páginas, encerra em estilo leve e despretencioso, e por isso mesmo elegante, a melhor biografia que já li de José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco.

Não é que aí não se possam notar pequeníssimos equívocos, como esse que se refere à casa em que nasceu o futuro chanceler. De Paranhos Antunes acredita que ali funcione uma escola, com o nome do grande brasileiro. No entanto, o

prédio não teve essa elevada utilidade, pois está caindo aos pedaços e serve ou serviu para guardar carros e carroças. Desapropriado há muitos anos para nele ser instalado um museu ou couisa que o valha, ainda aguarda, esboroando-se, esse destino heróico.

Pertence a obra de De Paranhos à categoria dos mais antigos trabalhos do seu gênero, em que a época e o meio são postos de parte, ou pouco se revelam, para deixar que sobressaia apenas o vulto que se quer retratar. Mas, a verdade é que esse processo de fazer biografia é o único que realmente permite que em poucas páginas se condense uma longa vida bem vivida. E' por isso que digo aqui que jámais li trabalho tão completo e que tanto me agradasse, sobre o titular da cadeira que ocupo no Instituto de Geografia e de História Militar do Brasil. Tenho para mim que esse livro se completa com o estudo que, à guisa de discurso, li ao empossar-me da poltrona que me foi concedida no **Instituto** e que vai ser publicado dentro em breve, em volume. Ali, estudei antes a época, com as suas idéias e instituições militares, do que o meu patrono. A biografia de José Maria da Silva Paranhos foi feita por De Paranhos Antunes, nesse livro que a **Biblioteca Militar** vai pôr, dentro em breve, em circulação. Quem quiser saber direitinho a vida de Rio Branco, que leia a **História do Grande Chanceler**, obra que obedece a um plano excelente e que foi escrita num estilo que muito convém à educação da juventude brasileira.

Agora, uma confidência. A **Biblioteca**, como se sabe, distribui um prêmio e duas menções honrosas, além de um elevado número de bonificações, aos autores dos melhores trabalhos do ano. Imagine-se a dificuldade em que há de achar-se a comissão julgadora, para distinguir entre tantos trabalhos ótimos, um que mereça a distinção máxima !

Não invejo a honra de ser juiz num pleito dessa ordem e permita Deus que sempre que o general Benício pedir ao Ministro que designe a comissão julgadora, nunca Sua Excia. se lembre de mim...

Cel. F. de Paula Cidade

Como marcham as Unidades Motorizadas dos E. U. A.

Cap. LINDOLFO FERRAZ FILHO

Tendo nos sido dada a oportunidade de estagiar no Exército dos Estados Unidos da América do Norte e verificando o poderio de sua motorização militar, que é universalmente conhecido, procuramos saber, entre outras coisas, como é que essas diferentes unidades motorizadas marcham.

Iremos fazer uma pequena descrição dos diferentes tipos de marcha que aí usam; entretanto precederemos nossa exposição com algumas definições, para maior esclarecimento do que dissermos.

— **Capacidade de uma estrada** — caracteriza-se pelo maior número de veículos que podem passar por uma estrada, com certa velocidade de marcha e dentro de certo tempo.

— **Espaço de estrada** — E' o comprimento de uma coluna num certo trecho de estrada.

— **Tempo de estrada** — E' o tempo que uma coluna gasta marchando num trecho de estrada.

— **Carro controle** — E' um veículo que leva um oficial, quasi sempre o sub-comandante, e que, precedendo a coluna, mantem a ordem e velocidade de marcha.

— **Carro cerra-fila** — E' o carro que segue a cauda da coluna e que leva um oficial encarregado de transmitir, ao Comandante da Coluna, informações sobre a marcha, quer quanto à posição atingida pela cauda, quer quanto ao número de veículos que estão retardados ou incapacitados para prosseguir a marcha. Normalmente o veículo dispõe de um aparelho de rádio-fonia.

— **Grupo de limpeza** — E' o pessoal que, após a partida das Unidades, permanece no local do estacionamento para policiamento do pessoal e limpeza propriamente dita do local

na parte referente a material e objetos que possam deixar vestígios úteis ao inimigo.

— **Escolta** — E' a fração de tropa destacada para prever qualquer ação contra a coluna que marcha, quer por parte da aviação inimiga, quer de unidades mecanizadas ou outras forças, quer mesmo para regularidade do trânsito civil, nas regiões por onde marcham as Unidades.

— **Guarda** — E' um homem, em geral um sargento, encarregado do controle da marcha, em um ponto crítico do itinerário. Ex: em passagem de nível de estrada de ferro; alguma ponte que exija cuidados particulares para ser atravessada.

— **Marca** — E' um homem, objeto ou placa colocado em ponto de dúvida no itinerário, para indicar direção, posição, precedência, obstáculo, etc.

— **Ponto de separação** — Local em que a formação da coluna de marcha se desfaz e as unidades ficam sob o comando direto de seus comandantes.

— **Tempo distância** — Distância de um ponto a outro medida em tempo.

— **Tempo intervalo** — Intervalo de tempo entre unidades ou grupamentos de marcha, normalmente medido da testa de uma coluna à testa de outra.

Ordem de marcha, grupamento de marcha, balisadores, comboio, guia, etc., são outras tantas expressões que empregaremos, mas que tem o mesmo sentido que usamos.

TIPOS DE MARCHA

A — Infiltração

As condições indispensáveis para o sucesso do movimento, empregando este tipo de marcha, são uma cuidadosa organização da marcha, um alto grau de treinamento da tropa, quer motoristas, quer auxiliares, quer quadros e um contínuo controle de execução.

Os veículos partem dos locais de estacionamento com intervalos irregulares e, percorrendo itinerários que devem estar rigorosamente balizados. Caso contrário os motoristas levam carta ou croquis do itinerário que devem seguir. Muitas vezes há necessidade de um auxiliar de motorista com prática de leitura de carta para ajudar ou indicar o percurso a seguir. O emprego de aéro-fotos ou fotocartas é aí aconselhável e encontra boa oportunidade de aplicação.

Regula-se a saída dos veículos de modo a ter-se cerca de 4 veículos por quilômetro de estrada.

1) **Vantagens** — Durante o dia, este tipo de marcha dá a maior proteção contra uma ação das forças aéreas inimigas. As colunas não se apresentam como objetivos para um ataque aéreo em massa e, nem tão pouco para o tiro de artilharia.

Permite a realização do deslocamento com certo sigilo, pois um observador aéreo, na mesma ocasião, só verá um pequeno número de veículos em movimento.

Dá grande facilidade de direção ao motorista, evitando seu cansaço, como acontece nas marchas com distâncias fixas. Igualmente lucra o material automóvel quanto à usura, pois não há necessidade de freios e acelerações a cada momento.

Durante a noite essas vantagens são as mesmas.

Outro problema que também não aparece é o da interrupção e congestionamento do trânsito, por ocasião dos cruzamentos de estrada.

2) — **Desvantagens**: Apesar das condições e ordem de marcha serem normais, a profundidade da coluna é muito grande e há necessidade de um tempo maior para o deslocamento de toda a tropa. Só pode haver controle de marcha nas saída, chegada e em alguns pontos importantes do itinerário.

Deve haver suficiente tempo para uma cuidadosa marcação do itinerário, que deverá ser tanto melhor marcado, abandonando os caminhos. Em noites escuras e quando são proibidos os deslocamentos com luzes acesas, em certas regiões há necessidade de marcar o itinerário com sinais luminosos, se a distância entre os veículos fôr tal que um não veja

o que está na frente. As dificuldades de controle aumentam com o estado de escuridão do itinerário.

3) — **Uso:** É um tipo satisfatório de marcha quando se deseja fazer os deslocamentos com certo segredo e "quando não há necessidade imediata das tropas entrarem em combate, antes que o movimento de toda a coluna esteja terminado".

B — Coluna cerrada

Quando as colunas marcham dessa maneira, utiliza-se a "capacidade máxima das estradas". A coluna poderá ser dividida, ou não, em grupamentos de marcha. Estes, de 25 a 50 viaturas, deverão ser constituídos por unidades ou sub-unidades completas, isto é, companhias, esquadrões, baterias, etc., excepcionalmente por batalhões ou grupos de artilharia.

Os motoristas devem manter distâncias fixas entre os veículos, isto é, a menor distância compatível com a velocidade de marcha, dentro das condições de segurança. Como regra prática a ser seguida esta: "a distância, em metros, entre os veículos deve ser igual à da velocidade em quilometros por hora".

Quando se usa esse tipo de marcha, os diferentes grupamentos devem manter um "tempo intervalo" ou "tempo distância" tal, com relação ao grupamento da frente, de maneira a permitir uma velocidade uniforme e uma marcha regular sem grandes oscilações.

1) — **Vantagens** — O tempo "distância" da coluna é tanto menor quanto maior for a velocidade de marcha. Pode-se exercer o máximo controle e durante todo o tempo do deslocamento. Permite o aproveitamento máximo da "capacidade da estrada" e uma proteção aérea da aviação amiga.

Emprega-se também para deslocamentos pequenos que possam estar terminados antes que a aviação inimiga tenha tempo de impedi-lo com um ataque ou bombardeio.

Muito próprio para deslocamentos à noite.

2) — **Desvantagens** — Não oferece uma defesa ou proteção passiva contra a observação aérea e seu ataque. Quando

esse tipo de coluna tem um "tempo de escoamento" relativamente grande, também se apresenta como um bom objetivo para o ataque de forças mecanizadas.

Em muitos casos os veículos chegam mais rápido do que deviam, para que possam ser empregados taticamente.

Produz uma grande usura no material, dada a necessidade de manter distâncias, velocidade etc., assim como cansaço no motorista que é obrigado a estar com grande atenção e, a cada momento, controlando freios e aceleração de seu veículo.

3) — **Uso** — O deslocamento em coluna cerrada é empregado em zonas de linha de frente e quasi sempre é realizado com proteção da aviação amiga. E' especialmente empregado quando desejamos deslocamentos muito rápidos, e em regiões da retaguarda e quando os fatores tempo e distância impeçam a oportunidade de descobrir um ataque a ser desencadeado.

E' também usualmente empregado para deslocamentos à noite. Quando o tempo para o balisamento do itinerário fôr pequeno ou insuficiente, os grupamentos de marcha, e, dentro destes, os veículos, devem cerrar suas distâncias e reduzir a velocidade. Os motoristas assim procedem, procurando seguir o veículo da frente pelas luzes da parte posterior.

E' também empregado ao amanhecer ou ao escurecer, para movimento de pequenas organizações (menos de 40 a 50 veículos) que não se apresentem como um objetivo ao inimigo, ou então quando não se faz muita questão do sigilo do movimento ou ainda, quando o número de balisadores ou "marcas" é muito pequeno.

C) — **Coluna aberta**

E' um tipo de marcha intermediário entre os dois precedentes, isto é, marcha por infiltração e em coluna cerrada. As distâncias entre os veículos são maiores e, normalmente, se usa a de 100 metros como distância mínima. Igualmente são aumentadas as distâncias entre os diversos grupamentos de marcha.

1) — **Vantagens** — Esta formação não apresenta um vantajoso objetivo para um ataque aéreo em massa ou mesmo por forças motorizadas. Nem tão pouco dois veículos estarão, simultaneamente, debaixo do fogo de uma mesma arma automática ou do raio de ação de bombas inimigas. Esta suficiente dispersão permite sigilo durante as marchas noturnas sem luz.

O motorista e material sofrem pequeno cansaço e usura, respectivamente.

Podemos estabelecer um comentário intermediário quanto ao controle da marcha, transmissões e tempo gasto para percorrer o itinerário.

Dada a distância entre os diferentes grupamentos de marcha é facil, em qualquer situação de emergência, mudar o itinerário por iniciativa dos próprios comandantes de grupamento.

2) — **Desvantagens** — Quando a marcha é realizada durante o dia, não há sigilo no deslocamento. As colunas poderão sofrer alguns danos causados pela aviação ou mesmo pelas unidades mecanizadas. O tempo de escoamento, de uma mesma coluna, é maior que marchando em coluna cerrada.

3) — **Uso** — Assim devemos marchar quando os movimentos devem ser feitos durante o combate, em completo dia claro, sem escolta aérea, e, quando o fator tempo é mais importante que o sigilo e que nos satisfazemos com razoaveis danos sofridos pelos ataques que possam ser desfechados.

Por outro lado esta formação oferece razoavel proteção se tivermos uma regular velocidade de marcha, principalmente nos casos de pequenos deslocamentos e que não nos importamos de mostrar. Pode ser usado em boas condições em noites de luar, desde que a dispersão seja suficiente e impeça a destruição de mais de um veículo pela mesma bomba. O sigilo aumenta com a escuridão da noite.

Em geral, este tipo de marcha é usado quando o combate está eminente.

D) — Outros tipos

Poderíamos empregar alguns outros termos para designar certos tipos de marcha, e seus respectivos métodos, como "Combat team" ou "grupamentos de combate", que são Unidades que vão operar juntas em uma mesma zona ou frente.

Em tempo de paz e em regiões de retaguarda, o tipo de marcha a empregar, é escolhido em função de outros fatores, tais como a densidade de população da zona de marcha, facilidade de itinerário, inclinação das rampas, peso da carga dos veículos e, até o estado de treinamento dos motoristas.

Não devemos esquecer que o trabalho dos "comboios" nas zonas da retaguarda, exigem um grande treinamento e responsabilidade por parte do pessoal. O desembarço individual de viaturas, em certos centros de reabastecimento ou de compra, exigem também métodos eficientes de deslocamentos.

TÉCNICA DAS MARCHAS

A — Infiltração

a) — **Objetivo:** — Deslocar um certo número de veículos de uma determinada região para outra, tendo um calco, croquis, carta ou foto-carta com o itinerário de marcha.

b) — **Grupamento de marcha** — É o veículo isolado.

c) — **Formação de marcha** — A formação para a marcha torna-se, por si mesma, um problema de cuidadosa coordenação tendo em vista dar partida a todos os veículos, de uma certa zona de estacionamento, e que poderão ter mais de um itinerário de marcha, onde aí também serão reabastecidos.

Os veículos poderão partir isolados ou em pequenos grupos, mas com intervalos irregulares. Uma boa maneira de ter-se certo sigilo é dar saída aos veículos de modo que tenhamos, em média, 4 em marcha por quilometro de estrada.

d) — **Velocidade e distância entre os veículos** — Estas debaixo do controle do motorista, onde cada um é o coman-

dante individual de seu grupamento em marcha. Para evitar correrias e amontoamentos pelas estradas, determina-se a velocidade de marcha normal e uma velocidade máxima que em hipótese alguma pode ser ultrapassada. Essas são determinadas separadamente para cada tipo de veículo, isto é, em função de seu peso (médio, leve e pesado).

Uma velocidade média de 15 Km por hora permite um ótimo deslocamento em condições normais.

e) — **Controle de marcha** — O controle da marcha é efetuado pelo controle direto do trânsito da estrada ou das estradas de marcha.

Se a marcha é de considerável duração, poderá ser dividida em etapas, para o que se colocarão balisadores nos pontos de controle, que darão as necessárias indicações aos diferentes veículos.

Nas estradas por onde se fará o deslocamento, os balisadores podem e devem usar braçais, para sua fácil identificação. Igualmente poderão ser usadas "marcas" de madeira, metal ou pano que mostrarão o itinerário a seguir. Com esse uso conseguiremos diminuir o número de balisadores.

Os oficiais devem controlar a passagem dos veículos nos "pontos críticos", nos "pontos de controle", tendo aí, à sua disposição, agentes de ligação em motocicletas para serem empregados como estafetas, se necessário.

Devem ser usadas bandeiras para dar sinais aos motoristas, isto é, indicando quando devem diminuir a marcha, parar, retroceder, etc..

A noite, quando não é permitido o movimento com luzes acesas, são colocados sinais luminosos apropriados, para a respectiva indicação.

"Os motoristas ou seus auxiliares devem ser instruídos em leitura de carta e estar em condições de seguir um itinerário que se lhe indique ou assinale".

"O pessoal dos pontos de controle deve estar preparado e em condições de atender a uma mudança de itinerário que se imponha em caso de bombardeio, destruição de pontes,

etc.". Toda e qualquer obstrução de estrada e cruzamentos devem ser evitados.

f) — Áreas de estacionamento — Após a realização de uma marcha desse tipo, é comum chegarem misturados veículos de diferentes organizações, ou sub-unidades. Mesmo que se não queira, também alguns veículos chegam atrasados em relação aos que partiram, proximamente juntos. Entretanto, é extremamente importante que os balisadores de itinerários conduzam marcas especiais, como braçadeiras, inscrições, etc. e que se postem no fim das diferentes bifurcações ou em lugares que evitem confusões e enganos por parte das outras Unidades.

Ao terminar a marcha os motoristas devem, prontamente, procurar seus lugares de estacionamento. Não devemos perder de vista que qualaquer reunião de viaturas anularia todo o esforço anterior, no que diz respeito ao sigilo da marcha.

B — Coluna cerrada

a) — Objetivo — O objetivo procurado é a utilização do itinerário de marcha em toda sua "capacidade máxima", desde que o movimento possa ser realizado com relativa rapidez.

b) — Mecanismo do movimento da coluna — Para que uma coluna motorizada se desloque com velocidade constante, por uma estrada mais ou menos plana, há necessidade de grande atenção, por parte dos motoristas, para manter a mesma velocidade e distância entre os veículos. Assim não há verá variação na profundidade e toda ação será coordenada e uniforme.

Uma coluna com algum comprimento, cobrirá, simultaneamente, com velocidades diferentes comprimentos iguais da estrada, principalmente em terreno variado. Assim vemos que um trecho de estrada em uma elevação será percorrido em maior velocidade pelos veículos que já estiverem descendo e, em menor, pelos que estiverem subindo. Terrenos com trechos arenosos, com lama, agua empoeçada, curvas

fechadas, etc., tambem são cobertos com velocidades diferentes.

Conclue-se assim, que, na mesma coluna ou grupamento de marcha, diferentes partes da mesma movem-se com velocidades diferentes, simultaneamente.

Na subida de uma elevação a coluna com tendência para alongar-se e, cerrar sobre a frente por ocasião da descida. O comandante da coluna deve pois levar em consideração as condições do terreno e, regular a velocidade de modo a evitar grandes flutuações e não acontecer que os veículos da retaguarda sejam obrigados a desenvolver grandes velocidades para manter a formação de marcha.

Num exercício realizado pela 2.^a D. I., no Estado do Texas, um Grupo de Artilharia de 155 m/m, motorizado, que marchava na cauda de uma coluna de marcha teve que desenvolver, durante quasi toda a marcha, uma velocidade de 50 a 60 quilômetros por hora.

c) — **Marcha com distância fixa** — Podemos fixar a distância entre os veículos e entre os diferentes grupamentos de marcha. Com essa maneira de proceder a coluna não tem suficiente flexibilidade e, por isso, não pode reagir para ganhar qualquer atrazo. A coluna como que permanece rígida. Isto tambem acontecerá, mesmo em itinerários pequenos, se prescrevermos uma velocidade de marcha fixa para as testas das colunas ou grupamentos.

d) — **“Siga-me”** — Com esta maneira de marchar a velocidade de marcha é dada tão somente para o veículo que vai conduzir a coluna. Não se designam grupamentos de marcha ;assim como cada motorista recebe ordem de manter uma distância cerrada em relação ao veículo da frente, quer seja do início, quer do fim da coluna, levando sempre em consideração um limite de segurança para guiar, traduzido em distância.

Determina-se tambem aqui o limite máximo de velocidade para as viaturas, quando tiverem que recobrar distâncias perdidas.

e) — **Controle** — Os principais elementos de control para esse tipo de marcha são:

1) — **Gráfico de marcha** — Organiza-se um “gráfico” para cada itinerário de marcha. Pode ser baseado em algum reconhecimento que tenha tido tempo de ser feito. Caso contrário, por estimação, usando uma carta ou mapa de estradas da região a percorrer.

2) — **Grupamento de marcha** — São organizados e distribuídos pelas diferentes colunas de marcha. Têm, em média, de 25 a 50 veículos. Deve-se evitar fracionar uma bateria, companhia, esquadrão. Excepcionalmente um Grupo ou Batalhão são empregados como “grupamentos de marcha”.

O emprego desses grupamentos diminui a fadiga do pessoal e a usura do material; reduz o número de acidente, permite melhor controle das Unidades e reduz a poeira, dando assim um maior rendimento de marcha.

3) — **Tempo intervalo** — São determinados entre os “grupamentos de marcha”. Para isto o comandante do grupamento interessa-se em regular sua marcha levando em consideração também a distância que deve manter com o grupamento da frente, ou “carro controle”, se for o caso.

Em determinadas condições de estrada e estado de treinamento dos motoristas, isto é, não muito bom, podemos majorar o tempo, entre a cauda e testa de um grupamento, de 2 a 3 minutos. “O processo ideal para que a coluna se mova com um rigoroso “tempo intervalo” entre os diferentes grupamentos de marcha, é que cada veículo cubra o mesmo trecho de estrada com a mesma velocidade que o “carro controle” o cobriu.

A cada 15 ou 20 minutos o oficial encarregado de conduzir a coluna controla o tempo, quando estiver próximo a chegar a um ponto importante da região ou “marca”. Nestas “marcas”, em papelão, madeira ou outro material, escreve-se o tempo exato em que a testa da coluna deve passar por aí.

1.º R. A. Mot.

8 hs. e 35 mints.

Em função da diferença existente, para mais ou para menos, e sem fazer alto com a coluna, o oficial que está no "carro controle" diminuirá ou aumentará a velocidade de marcha. Na "marca" seguinte torna-se a controlar e assim sucessivamente. Os diferentes comandantes de grupamentos de marcha, que conhecem a sua posição na coluna, isto é, os "tempo intervalo" poderão fazer o controle da passagem de suas testas tomando para tempo de comparação o da passagem da testa da coluna. Isto permite que eles se orientem assim como estabilizem a velocidade de marcha.

4) — **Distância entre os veículos** — Para que possamos ter a máxima flexibilidade da coluna, não devemos fixar distâncias rígidas entre os veículos. Entretanto não nos devemos esquecer do limite de segurança compatível com a velocidade de marcha; que é também uma função do tipo do veículo e do estado dos freios.

Já dissemos que, em condições normais, a regra prática a adotar é a seguinte: "a distância entre os veículos, **em metros**, deverá ser igual à velocidade, em **quilômetros** por hora.

5) — **Comando da coluna** — Desde que a coluna esteja em movimento, é muito difícil que o comandante possa exercer um comando direto. É preferível que ele esteja sempre próximo à testa da coluna para deliberar e tomar as diferentes decisões que o caso ou a situação exigirem.

Poderão ser usados diferentes meios para que ele possa exercer seu comando, isto é, o emprego de mensageiros em motocicleta, agentes de ligação em pequenos carros, rádio, aviação (se possível), tudo nos principais pontos de controle.

C) — **Coluna Aberta**

O que se falou anteriormente no parágrafo "B" letra "e" aplica-se igualmente a uma marcha em "coluna aberta".

A principal diferença está no aumento da distância entre os veículos e grupamentos de marcha. Isto torna a marcha mais fácil e diminui a fadiga do pessoal e a poeira.

O "tempo intervalo" entre a cauda e testa de um grupamento é, em geral, de 2 a 5 minutos; assim como a menor distância entre os veículos é de 100 metros e varia até 150 metros mais ou menos.

Este aumento de distância tem como característica principal furtar-se às perdas provenientes de um ataque aéreo ou forças mecanizadas.

Observação — Foram consultados os seguintes documentos:

- Instrução elementar para veículos automóveis — Livro n.º 120.
- Manual de transporte motorizado.
- Field Manual n.º 25 — 10.
- Técnica e Tática — Field Manual n.º 6 — 20.
- Notas e observações tomadas no Field Artillery School, em Fort Sill, U. S. A., durante o "Battery Officers Course" n.º 7.

À venda em "A DEFESA NACIONAL"

O Exército

TRADUÇÃO

DO

Alemão

Tte. Cel. LEONY DE OLIVEIRA MACHADO

Preço — 18\$000 pelo Correio

Biblioteca da "A DEFESA NACIONAL"

Livros à venda:

| | |
|---|---------|
| Legislação sobre Su-Tenentes — Cap. Ayrton Nonato de Faria | 2\$000 |
| Morteiros — Cap. Guttenberg Ayres Miranda | 10\$000 |
| Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antônio P. Lira | 19\$000 |
| Manual Colombofilo — Dr. Freitas Lima | 9\$000 |
| Manobras de Nioac — Gal. Klinger | 5\$000 |
| Mais Uma Carga, Camaradas! — Gal. Benicio da Silva | 21\$000 |
| Manual do Sapador Mineiro — Ten.-Cel. Benjamin Galhardo | 16\$000 |
| Noções de Topologia — Cel. Arthur Paulino | 6\$000 |
| Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino | 13\$000 |
| Notas sobre o emprego do Batalhão no terreno — Cmt. Audet | 3\$500 |
| Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré | 9\$000 |
| Ortografia Simplificada Brazileira — Gal. Klinger | 4\$500 |
| O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha durante uma ação dum regimento de infantaria (caso concreto) — Cap. Geraldo Cortes | 10\$500 |
| Organização de Competições entre equipes — Cap. Jair | 3\$000 |
| O Oficial de Cavalaria — Gal. V. Benicio da Silva | 11\$000 |
| Oeste Paranaense — Ten.-Cel. Lima Figueiredo | 9\$000 |
| O Surto do Japão — Major Nicanor G. Souza | 2\$000 |
| O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira | 5\$000 |
| Os Pombos Correios e a Defesa Nacional - Dr. Freitas Lima | 4\$000 |
| O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe | 7\$000 |
| O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia | 6\$500 |
| O Livro do Observador — Cap. Paladini | 11\$000 |
| OTiro da Secção de Morteiro Brandt de 81 mm — Cap. Pavel | 16\$000 |
| Problema Tático — Ten.-Cel. Araripe | 9\$000 |
| Pasta para folhas de alterações | 5\$000 |
| Regulamento para Inst. Quadro de Tropa | 3\$000 |
| R. E. C. I. — 1.ª Parte | 4\$500 |
| Signalização a braço e ótica — Ten.-Cel. Lima Figueiredo | 2\$500 |
| Telemetria — Cap. J. Silva | 21\$000 |
| Travessia de cursos dagua — Cap. José Horacio Garcia | 6\$500 |
| Transposição de cursos dagua — Ten.-Cel. Lima Figueiredo | 8\$000 |
| Topografia de Campanha — Gal. Paes de Andrade | 11\$000 |
| Telemetros de Inversão Zeiss de 1m,50 e 1 m de base — Cap. Jm. Silva | 9\$000 |
| Tabelas de Vencimentos Diários dos Militares — Barbosa Lima | 9\$000 |
| Theoria das Progressões, Logarithmos e suas principais aplicações | 5\$500 |
| Um Periodo de Recrutas — Cap. Salm Miranda | 6\$500 |

"CARROS, ARMA ECONÔMICA"

Pelo Cap. VITOR HUGO DE ALENCAR CABRAL

Uma série de argumentos, na aparência mais ou menos fortes, é engendrada e apregoada contra os CARROS DE COMBATE.

No entanto, todos eles são facilmente destruidos desde que se leve em consideração, outras tantas razões que evidenciam o valor e a facilidade de obtenção do material citado.

A dificuldade geralmente apresentada não está propriamente no carro, visto isoladamente e sim em problemas consequentes.

Assim é que ouvimos a todo momento as palavras — COMBUSTIVEL — SIDERURGIA — COMUNICAÇÕES — PREÇO, tão sentenciosas, tão trágicas, tão terrificantes como aquelas escritas nos muros de Babilônia — MANE — THECEL — PHARES, ou como aquelas outras pronunciadas no Senado Romano — DELENDIA CARTHAGO.

Toda inovação revolta o comodismo, a displicência e a boa vida.

E estes elementos geralmente contra atacam (e somente contra atacam os que vivem em constante defensiva), com armas temperadas de um pessimismo doentio, de uma inaptidão nata.

Porem, enfrentadas por uma ofensiva decidida e corajosa, desde o primeiro embate, eles se entibiam e se conformam com a realidade dos fatos.

A ofensiva pois, companheiros moto-mecanizados.

Como uma modesta colaboração, vejamos as razões que nos assistem:

COMBUSTIVEL

Os carros de combate não são os exigentes únicos do combustível. Todos os outros veículos, todos os motores que vemos funcionando diariamente, todos os nossos navios são dependentes do combustível; todos eles vem funcionando regularmente, teem sido alimentados com regularidade; temos conseguido este artigo para suprir as necessidades daquelas máquinas. E de que forma? Desta maneira poderemos satisfazer as necessidades prementes dos nossos carros de combate, bem mais uteis nos nossos dia do que a maioria dos elementos citados.

A gasolina gasta em um dia e talvez numa hora, no nosso país, pelos conquistadores motorizados, nas rondas prolongadas em busca da caça, certamente seria mais que suficiente para os exercícios de um batalhão, um regimento e bem provavel, uma brigada de carros ou para uma ação decisiva, um ataque de uma daquelas unidades que em época de angústias viesse redundar na salvação de muita cousa.

Não quero com isto prejudicar os gran-finos; longe de mim arrostar a furia das suas revoltas; não me passa na cabeça a ideia de ditar-lhe uma formula tal como: Menos gandaia e mais gasolina.

Eu quero tão sómente fazer vêr aos motomecanizados, que assim como aqueles movidos por uma força certamente ponderavel (com a palavra o Sr. Freud), conseguem o necessário para os seus movimentos, eles tambem, animados de um sentimento bem alto, que deve ser posto sempre em evidência, como seja o patriotismo e o desejo de vencer, poderão arranjar alguns litros de combustível para a vida de seus engenhos.

E' preciso desvendar o véo que envolve as dificuldades, e as tornam de difícil contornação.

Sem a menor ideia de partidarismo e movidos exclusivamente do desejo de realização, procuremos compreender como é que a Alemanha, sem dinheiro, sem combustível, convalescente de uma grande desgraça, poude se apresentar com a forma que todos nós estamos vendo atualmente. Como foi

que o Japão premido no seu arquipelago vulcânico, sem combustível, sem matérias primas chegou audácia de hoje? Pensemos que o nosso problema deve ser bem mais fácil, como certamente foram os das nações abonadas como os Estados Unidos, a Inglaterra.

Estou certo que a questão é toda de boa vontade; estejamos pois ao lado dos que combatem ardorosamente pela solução dos magnos problemas e quem tem em vista, sobre tudo os interesses da nossa defesa nacional.

Estamos nas margens de uma grande fogueira que, por mais que queiram em contrario, de quando em quando não deixará de ter o oxigenio e material necessário à sua queima.

Petróleo, chistos betuminosos, alcool; importação ou extração; o que for; o fato é que necessitamos de combustível e devemos estar prontos para cooperar com os que trabalham pela sua obtenção.

SIDERURGIA

O aço que falta para a fabricação dos nossos carros é o mesmo necessário à fabricação dos nossos canhões, das nossas metralhadoras; de aço são as chapas dos nossos navios, alguns dos quais saídos e outros em construção nos nossos estaleiros.

Este produto tem chegado às nossas mãos vindo do extrangeiro.

O aço para a blindagem dos nossos carros não é o único que exige a condição de ser brasileiro nato.

O ideal naturalmente seria este; mas se ainda estamos em dificuldades, muito embora o problema se encaminhe para a realização, apelemos para a fonte prática: o extrangeiro ou da parte importada atualmente para satisfazer as exigências do momento, peçamos um tanto para os nossos carros.

COMUNICAÇÕES

No Brasil dos nossos dias quasi que podemos andar em todos os sentidos; bem ou mal um bom caminhão poderá furar todas as brenhas, os sertões, os pampas, as caatingas, as capoeiras; as balsas são os recursos naturais de passagens dos

rios; as florestas vão sendo aos poucos rasgadas por estreitas veredas que com a simples trilhagem continuada se vão alargando, vão-se tornando verdadeiras estradas. De norte a sul, trabalhos de rodagem estão sendo executados. O nosso "coronel" já procura puxar um desviozinho da boa estrada de rodagem para a casa grande do seu sítio ou da sua fazenda. Já se foi o tempo em que o nosso Imperador Pedro II gastava dois dias para ir ao Real Engenho. Não temos estradas para um exército europeu, isto é, para um exército de milhões; mas para o nosso exército de milhares e até mesmo de centenas de milhares, se não são suficientes já vão resolvendo as questões mais prementes e de tal forma que o próprio sistema de rodo e ferro vias pode comportar pelo menos uma a duas divisões moto-mecanizadas; dos problemas é o mais acessível. Um plano rodoviário inteligentemente estudado e persistentemente executado nos dará as possibilidades desejadas dentro de um prazo relativamente curto.

O estímulo à iniciativa articular, a exemplo do que já se faz com o serviço de açudagem no Nordeste, mediante a recompensa de uma exploração razoável como se processa no caso da estrada que liga S. Paulo à represa de S. Amaro, seria uma solução de emergência que poderia dar grandes resultados. No Ceará um grupo de pequenos proprietários mediante uma cota de 200\$, construiu uma estrada bem praticável, sem as precisões do teodolito, de algumas dezenas de quilômetros, ligando as suas terras a duas cidades daquele Estado — Arraial e Itapiopoca; — e de modo regular eles vão transportando os seus produtos, em caminhões; e se algum dia uma brigada de carros tiver necessidade de se deslocar de uma daquelas cidades para a outra, certamente se utilizará da citada estrada e o valor dos desconhecidos brasileiros que a construiram infelizmente só ficará registrado na gratidão dos que foram testemunhas do fato.

PREÇO

Uma esquadra terrestre é bem menos custosa que uma aérea ou marítima. A evolução continuada do material é mal

que se registra em todas elas, e não pode ser lembrada como argumento contrário à criação de uma delas. A necessidade, o valor incontestado do material é quem dita a oportunidade da sua aquisição.

O Brasil precisa: de uma **esquadra aérea** que lhe garanta a liberdade de seus céus; de uma **esquadra marítima**, que lhe assegure o domínio de seus mares; de uma **esquadra terrestre**, que afirme a integridade de seu sólo.

A tradução do Capítulo "Des faits, des chiffres", do livro "Les Chars d'assault" do Comandant F. J. Deygas, nos dá uma idéia mais vasta das razões que assistem aos moto-mecanizados do Brasil ao declararem altos e em bom tom que

"OS CARROS SÃO UM ARMA ECONOMICA!".

FATOS, NÚMEROS

Do livro "LES CHARS D'ASSAUT"
Cmt. F.J. DEYGAS.

Em dezembro de 1915, o Coronel Estienne, dirigindo-se oficialmente ao General em chefe, expoz-lhe pela primeira vez seu projeto de couraçados terrestres; menos 17 meses depois, 132 carros foram engajados na batalha de 16 de abril. Na data de 11 de novembro de 1918, o Marechal Foch podia contar aos milhares os carros ingleses e franceses de que dispunha para a batalha.

Eis o que realizaram homens que tinham fé, que, assumindo todas as responsabilidades, não se deixaram deter por nenhum obstáculo. Tal obra merece uma admiração total.

Para explicar este êxito, chegou-se à dizer: é porque em tempo de guerra, não se olha para dinheiro. Esta constatação não é exata. E mais ainda; é falsa também a idéia de que em tempos de guerra há o monopólio das fraudes e de despezas inúteis.

Pelo contrário, em tempos de guerra, a industria conhece dificuldades nunca supostas em tempos de paz. Os serviços

administrativos e técnicos são desorganizados pela mobilização, os gabinetes de estudos perdem os seus mais vigorosos elementos, as oficinas são atravancadas de metalurgistas de ocasião, a mão de obra deixa muito à desejar, as matérias primas são raras, os transportes irregulares, as relações com o estrangeiro dificeis.

Apesar desta desvantagem formidável, homens de vontade tenaz são chamados para criar, em alguns meses, um material de guerra de concepção inteiramente nova e de uma complicação extrema, que, nas doçuras da paz, teria exigido quinze à vinte anos de estudos e trabalhos.

Um dever de justiça elementar nos obriga a salientar os nomes dos que, ao lado do prestigioso animador que foi o General Estienne, aderiram a esta empreza de titãs. Foram eles: os Generais Joffre e Pétain, que forçaram a retaguarda à construir carros; os administrativos do interior, Thomas, Loucheur; os realizadores Brillié, Delouledas, das usinas Schneider; coronel Rimailho, das usinas de Marinha; Louis Renault e seu colaborador de sempre, M. Savatier e Jammy, as Forjas e Estaleiros do Mediterrâneo. Foram eles tambem, entre os ingleses, Winston Churchill, Swinton, Wilson, Stern, Elles.

Estes homens conheceram dificuldades de todas as sortes; mas o resultado final de seus trabalhos foi a vitória das armas aliadas.

O esforço das industrias francesas e inglesas foi considerável. Na época do armistício, a França tinha construído 3.870 carros, dos quais 3.473 foram distribuídos aos exércitos. (As cifras que são citadas neste capítulo não tem, evidentemente, a pretenção de ser de uma exatidão absoluta; isto é de difícil obtenção; no entanto, sua exatidão aproximativa é suficiente para justificar inteiramente nossas diferentes considerações). Os ingleses, por sua vez, fabricaram durante a guerra, cerca de 2.700 aparelhos. E' justo acrescentar que os tanks ingleses eram de uma tonelagem superior à tonelagem dos carros franceses.

Os carros estiveram em todas as grandes batalhas de 1917 e de 1918. Seus esforços nem sempre foram coroados de êxito, porque, nos ensaios de começo, o Comando não soube empregá-los como tinham preconisado seus criadores.

No entanto, pode-se afirmar que os Aliados, durante os dois últimos anos de guerra, só tiveram sucessos verdadeiros aonde empregaram os carros.

Sem enumerar todas as batalhas, pequenas ou grandes, onde os carros foram engajados, pode-se no entanto se fazer uma ideia de sua atividade, considerando o total de todos os engajamentos individuais.

E' bastante considerar como verdadeiramente engajado, todo carro que deixou sua posição de partida para se lançar na batalha. Nestas condições, um mesmo aparelho, tendo tomado parte em varias operações, é então contado tantas vezes quantas as que foi engajado.

Tendo-se em conta tal cálculo, constata-se que os engajamentos dos carros franceses somam a 4.356 ("Carros e estatística", pelo ten.-cel. Perré e cap. Le Gouest. Revista de Infantaria, ns. de julho e agosto de 1935), enquanto se conta sómente cerca de 3000 engajamentos para os carros ingleses.

Considerando-se somente as grandes batalhas em que os carros foram engajados em massa, constata-se o seguinte:

Os Ingleses tiveram:

- na batalha de Cambrai (de 20 de novembro a 1 de dezembro de 1917), 540 engajamentos de carros;
- na batalha de Santerre (de 8 a 11 de agosto de 1918), 708 engajamentos;
- na batalha de Bapaume (de 21 de agosto a 3 de setembro de 1918), 592 engajamentos.

Os Franceses alcançaram as cifras seguintes:

- na contra-ofensiva de julho (de 18 a 27 de julho de 1918), 960 engajamentos de carros;
- nos ataques do X Exército na região do Aisne, 469 engajamentos;

— na ofensiva do IV Exército em Champagne, 672 engajamentos.

Para a ofensiva de Lorraine, que deveria ser desencadeada no dia 14 de novembro de 1918, concentrou-se em condições de ação mais de 600 carros.

E' interessante saber-se o número de carros destruidos ou gravemente danificados pelo inimigo.

Para 3000 engajamentos de tanks, os Ingleses tiveram 733 aparelhos destruidos ou postos de ação, ou seja 26 %.

Para 4.356 engajamentos, os Franceses contaram com 748 aparelhos destruidos ou avariados, ou seja uma proporção de 17,2 %.

A proporção de perdas foi diferente, variando com a diversidade do material empregado: carros Schneider ou Saint-Chamond e carros ligeiros Renault, menores, mais rápidos, melhor protegidos e com um funcionamento mais seguro.

Para os 1.063 engajamentos dos primeiros, contou-se 308 aparelhos destruidores, ou seja 29 %.

Para os 3.293 engajamentos dos carros Renault, teve-se somente 440 aparelhos destruidos, ou seja 13,3 %.

Para os carros franceses, as causas de perdas se repartiram da seguinte forma:

Por canhão ou minenwerfer:

- 301 carros Schneider e Saint-Chamond;
- 356 carros Renault.

Por minas:

- 3 carros Schneider;
- 13 carros Renault.

Perdas pelo armamento de infantaria (portátil):

- 3 carros Schneider;
- 1 carro Renault.

Carros desaparecidos ou postos fora de combates por causas ignoradas:

- 1 carro Schneider;
- 70 carros Renault.

Perdas em pessoal foram decompostas assim:

- mortos 302;
- feridos 1459;
- desaparecidos 251.

Seja um total de 2.012.

A proporção de perdas em pessoal é de 13,2 %, admitindo-se, como efetivo engajado, o número obtido multiplicando-se o número de carros engajados pelo número de homens que integram a equipagem do modelo considerado e aumentando-o de 50 %, desde que se considere também o pessoal de substituição, de reparação e de reabastecimento.

A experiência da guerra nos indica que, um batalhão de infantaria tomando parte numa ação ofensiva, tem para percentagens de perdas diárias, as seguintes:

- perdas máximas: 40 %.
- perdas mínimas: 22 %.

Tendo em vista as perdas totais da artilharia de assalto, pode-se, por exemplo, relembrar que em 1915 a batalha de Champagne, de 25 de setembro a 15 de outubro, custou 4.343 oficiais e 175.471 homens, dos quais 81.500 mortos e desaparecidos.

Apesar das aparências contrárias, é possível afirmar que os carros são uma arma econômica, a mais econômica mesmo. O pessoal era pouco importante.

Um grupo de carros Schneider (dispondo de 16 canhões de 75 B. S. e de 32 metralhadoras) compreendia 12 oficiais, 16 graduados e 100 brigadeiros ou artilheiros).

Um grupo de carros Saint-Chamond (dispondo de 16 canhões de 75 e 64 metralhadoras) tinha o mesmo número de oficiais, mas comportava 17 graduados e 149 brigadeiros ou artilheiros.

Uma companhia de carros Renault assegurava o serviço de seus 25 aparelhos (15 canhões de 37 e 10 metralhadoras) com um efetivo de 5 oficiais, 15 graduados e 115 soldados.

Os efetivos globais da artilharia de assalto, em 1 de agosto de 1918, eram de 1.017 oficiais e 18.141 graduados e sol-

dados (nestes números estão incluidos os efetivos da infantaria de acompanhamento que eram, naquela época, de 45 oficiais e 1.581 soldados). Estas cifras compreendem também unidades que incluídas nos exércitos ainda se encontravam na retaguarda recebendo instruções.

Ao contrário, um grupo de artilharia de 75, para seus 12 canhões (não seria necessário, por outro lado, comprar, sob o ponto de vista rendimento militar, um canhão ou uma metralhadora, colocada mais ou menos afastada, atrás de nossas linhas e um canhão e uma metralhadora que, ao abrigo de uma blindagem, se imiscue⁶ nas próprias fileiras do inimigo), tem necessidade de 20 oficiais e de 650 graduados e soldados.

No fim da guerra, os efetivos da artilharia francesa eram para 12.000 canhões: 26.000 oficiais e mais de um milhão de soldados.

A aviação, que dispunha de 3.300 aparelhos, tinha um efetivo de 95.000 homens.

Já indicamos as perdas em pessoal da artilharia de assalto. Elas foram relativamente ligeiras.

Para ser justo, é preciso ter em conta as perdas que os carros economisaram para as demais armas. Não podemos citar números. Mas é evidente, no entanto, que permitindo a supressão ou a redução da preparação de artilharia, o emprego dos carros evitou todas as perdas resultantes das reações inevitáveis da artilharia inimiga, tão perigosas para a infantaria reunida nas suas posições de partida. A infantaria podia partir para o ataque, na hora H, ao mesmo tempo que os carros, e, no momento em que era feito o primeiro disparo de canhão ela se encontrava então, sob o ponto de vista moral e físico, numa situação incomparável. Pode-se dizer o mesmo para a artilharia de apoio.

No curso do combate, os carros atraíam para si o fogo inimigo em benefício das tropas amigas. E' assim que, na jornada de 20 de novembro de 1917, em Cambrai, onde foi inteiramente rompida a famosa posição Hindenburg, as perdas de infantaria foram muito fracas.

No decorrer desta jornada memorável, sobre uma frente de 12 quilômetros, o 3.º exército britânico avançou 7 quilômetros, capturou 200 canhões e perto de 10.000 prisioneiros, e não perdeu senão 1.500 homens. Mas 476 aparelhos foram engajados, 378 tanks de combate e 98 de reabastecimento, servidos por 690 oficiais e 3.500 soldados. A batalha foi conduzida exclusivamente pelos tanks; a infantaria não teve senão que ocupar o terreno.

No dia 3 de junho de 1918, uma divisão de choque alemã ("A guerra de carros" — pelo gen. Von Eimannsberger), a 28.ª, ataca às 4,30 horas as linhas francesas, entre Vouty e Corey, e atinge rapidamente a orla da floresta de Retz. Às 5,30, um contra ataque francês, precedido por carros Renault, desemboca inopinadamente da floresta, atropela o inimigo e o reconduz vivamente para as suas posições de partida.

Cinco carros (dez homens de equipagem) se lançam sobre o 3.º batalhão do 111.º R. I. de reserva e o desbaratam; no avanço, eles quebram todas as resistências. Dois carros sofrem um desarranjo momentâneo, um terceiro aparelho é obrigado logo depois a fazer meia volta, os dois carros restantes continuam a batalha e penetram profundamente nas organizações inimigas. Momentos depois fazem face a cinco batalhões alemães que os crivam de projétils e chegam finalmente a pô-los fora de combate e a capturar os 4 homens de suas equipagens.

Nesta ação, cuja duração foi de duas horas e meia, os alemães experimentaram pesadas perdas. Somente o 111.º R. I. perdeu 19 oficiais e 514 soldados.

No ataque de 18 de Julho ("Um combate de carros" — 18 de Julho — pelo Comandante BALLAND — revista de Infantaria, n. de Outubro de 1935), diante da ravina de Missy-aux-Bois, um carro Saint-Chamond foi seriamente atingido por um obus e em consequência imobilizado. Alguns homens da equipagem ainda válidos, retiram suas metralhadoras, colocam-nas em posição para atacar o canhão que acabava de destruir seu carro. Advertidos que nas proxi-

midades se achava uma caverna ocupada pelo inimigo, dispuseram suas armas diante da caverna e abriram fogo sobre a sua entrada. Após alguns instantes, uma bandeira branca aparecia e a guarnição, composta de 15 oficiais, entre os quais um coronel, e 700 homens, se rende a este punhado de bravos.

Os serviços do Ministério do armamento se opuseram algumas vezes às intenções do Comando, alegando que lhes seria impossível conseguir a tonelagem de metal necessária para a construção do número de carros pedidos.

A tonelagem de metal, utilizada para a construção de carros, se bem que notável, não era contudo de difícil obtenção. Para construir os 3850 carros, precisou-se de 35 mil toneladas de metal e cerca de 75.000 toneladas para os tanks ingleses.

Para apreciar com justeza estes dados que à primeira vista podem paracer enormes, é necessário ter-se em conta os fatos que se seguem

Para a ação de La Malmaison (Outubro de 1917), ela exigiu durante os seis dias de preparação (A Artilharia, pelo Gen. HERR) :

17.500 toneladas de obuses de 75; 36.000 toneladas de obuses pesados; 15.000 toneladas de bombas de trincheiras, e no dia do ataque: 5.200 toneladas de obuses de 75; 7.200 toneladas de obuses pesados.

Seja um total de 80.000 toneladas, a carga de 266 trens de 30 vagões. Sobre uma frente de 10 quilômetros, colocou-se 624 peças de 75 e 986 peças pesadas, seja uma peça por 6m,20 de frente, sem contar com a artilharia de trincheira que se elevava a 270 peças.

Para o ataque de 20 de Agosto de 1917, sobre uma frente de 17 quilômetros, ao norte de Verdun, os franceses empregaram:

948 peças de 75; 1318 peças pesadas; 66 peças de A. L. G. P. (Artillerie Lourde a Grand Puissance), ou seja uma peça por 7 metros de frente, não compreendendo as 247 peças de artilharia de trincheira.

Do dia 13 de Agosto, primeiro dia de preparação de artilharia, até 27 do mesmo mês, ela gastou cerca de:

3 milhões de obuses de 75; 1 milhão de obuses pesados.

Ou seja, arredondadamente, 120.000 toneladas de projetís, a carga de 360 trens de 30 vagões; a tonelagem de munição dispendida sobre o metro de terreno bombardeado era de 6 toneladas.

Durante os meses de Março, Abril e Maio de 1916, a artilharia francesa disparou cerca de:

11.580.000 tiros de 75; 921.000 tiros de 155; 37.500 tiros de 220; 1.185.000 tiros de 120; 348.000 tiros de 105.

Ou seja 220.000 toneladas de projetís.

Durante as grandes operações ofensivas de Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 1918, consumimos:

26.560.000 tiros de 75; 6.411.000 tiros de 155; 157.500 tiros de 220; 579.000 tiros de 120; 1.423.000 tiros de 105

Ou seja 660.000 toneladas de projetís.

Ora, pode-se estimar em grosso que, numa tonelada de munições, há 600 a 700 quilogramos de aço (em 1918, eram precisas, somente para o fabrico de munições de artilharia, 100.000 toneladas de aço por mês, quasi a metade dos nossos recursos totais).

Para construir 3.850 carros de guerra, a França não utilizou então sinão uma pequeníssima quantidade do metal de que ela dispunha, se se tem em vista a tonelagem de aço verdadeiramente astronômica que foi devorada na fabricação de obuses atirados durante o tempo das hostilidades.

Foi isto o que o Gen. Estienne ressaltava claramente, quando escrevia, no dia 14 de Janeiro de 1916, ao Gen. em chefe:

"Um couraçado terrestre é uma peça mecânica cuja fabricação, sob o ponto de vista da mão de obra, matérias pri-

mas, manufaturagem, preço de aquisição, é análoga a dos obuses. 400 couraçados equivalem a 4.000 toneladas de obuses. Admitindo-se que a indústria francesa não possa aumentar o seu esforço atual, é preciso na pior hipótese, renunciar durante o mês de Setembro a 300.000 ou 400.000 obuses para ter, nesta época, 400 couraçados. Este sacrifício parece pouco importante".

Surge uma única questão, de ordem puramente militar, que é a seguinte:

No dia do ataque, a progressão da Infantaria será melhor assegurada por 400 couraçados do que por um apoio de alguns milhões de obuses?

Não menos interessante é o saber-se o esforço financeiro que a França fez para construir os seus 3.850 carros.

Os carros Schneider custaram 25 milhões (trata-se, bem entendido, de francos que, devido à guerra, tinham quasi que o valor da moeda ouro), os carros Saint-Chamond 40 milhões e os Renault 150 milhões; ou seja, aproximadamente, 215 milhões.

Tendo-se em conta despesas extras, necessárias mas que não dizem respeito à construção dos carros propriamente dita, podemos dobrar o número acima e escrever que a criação da nova arma não ultrapassou 450 milhões. (A despesa da França aumentou de 148 milhões e meio durante os 4 anos da guerra. Não por conseguinte a construção dos carros que arruinou as nossas finanças).

Este número é insignificante comparado com o preço de aquisição de munições de artilharia.

O ataque de Verdun de 20 de Agosto de 1917, custou em munição de artilharia 700 milhões e a batalha de Malmaison cerca de 500 milhões. A estas enormes cifras é preciso juntar-se ainda o preço de transportes e a usura de canhões. Ora, esta última, era grave. Assim é que o VI Exército consumiu, de 1 de Julho a 24 de Outubro de 1916, 746 canhões, arrebentados ou dilatados.

A reparação de artilharia da batalha de Arras em Abril de 1917 custou aos ingleses, somente em projetis, 10

milhões de libras. A fabricação da totalidade dos carros engajados na batalha de Cambrai de Novembro de 1917 que, além do mais foram rehavidos em grande parte depois da operação, custaram somente 2 milhões de libras.

Por outro lado, as quantidades de essência consumida pelos carros são relativamente insignificantes.

No mês de Setembro de 1918, os 1.500 carros, de que dispunha o Gen. em chefe e que estavam em pleno período de atividade, consumiam 3.000 hectolitros de essência por mês, compreendida a essência necessária aos automóveis que estavam em serviço nas unidades de carros.

Na mesma época existiam nos exércitos perto de 100 mil veículos que utilizavam mensalmente 300.000 hectolitros de essência (o consumo atual de petróleo em França ultrapassa 4 milhões de toneladas).

Os consumos de munições feitos pelos carros são ínfimos comparados aos de artilharia e infantaria.

Os consumos máximos exigidos no curso de um engajamento foram, por aparelho, os seguintes:

Para carro Schneider: — 39 obuses de 75; 40 carregadores de 96 cartuchos de metralhadoras.

Para o carro Saint-Chamond: — 75 obuses de 75; 28 carregadores de 96 cartuchos de metralhadora.

Para o carro canhão Renault: — 88 obuses de 75.

Para o carro metralhador Renault: — 14 carregadores de 96 cartuchos de metralhadora.

Consumos deste vulto foram raríssimos; de um modo geral eles não ultrapassaram a metade dos números anteriormente indicados.

Os carros, no curso de todos os seus engajamentos, não consumiram 1.000 toneladas de projéctis.

Uma preparação de artilharia normal exigia, de acordo com a sua importância, de 1.500 a 3.000 toneladas de projéctis por quilômetro de frente atacada; ela custava então de 12 a 24 milhões de francos de obuses, não compreendida a usura dos canhões.

Para atacar uma mesma frente, era necessário empregar uma vintena de carros Renault cujo valor total era de 1.200.000 francos. Mas estes carros não eram inteiramente perdidos como os obuses. Cerca de 10 % destes carros eram destruídos, o que representa uma despesa efetiva de 120.000 francos. Os outros carros podiam ser utilizados em outros ataques.

As despesas em munição conduzida pelos carros eram muito restritas, porque estes aparelhos levavam, em geral, seus obuses ao alvo. Enquanto que a artilharia dispersava suas munições a esmo e algumas vezes em pura perda, porque ignorava os dispositivos do inimigo. Assim é que, no dia de 15 de Julho de 1918, os alemães, que empregaram por quilômetro de frente 25 baterias das quais 15 a 20 de artilharia pesada, bombardearam furiosa e inutilmente as posições francesas de Champagne evacuadas em grande parte.

O emprego de carros de assalto na ofensiva proporcionou ao Comando ganho de tempo; os dois exemplos seguintes fazem ressaltar a importância deste ganho:

Para a batalha de La Malmaison, o Comando dispôs 80.000 toneladas de projetis de artilharia, seja a carga de 266 trens de 30 vagões. Foram precisos 32 dias para levar esta enorme massa de obuses às posições de baterias. (Um armão de 75 atrelado a 6 cavalos transporta 96 tiros, seja 16 tiros por cavalo; para o 105, a mobilidade de munições calculada na mesma base, é de 7 tiros por cavalo; de 4 tiros por cavalo para o 155). Tais preparativos não podem escapar a um inimigo um pouco vigilante.

Outro aspecto teve a preparação da contra-ofensiva de 11 de junho de 1918, diante de Courceles-Mery.

No dia 10 de junho, aproximadamente às 15 horas, o Gen. Estienne se achava, por acaso, no P. C. do Gen. Fayolle, comandante do grupo de exércitos de reserva, quando chega o Gen. Petain. O Gen. em chefe pede ao comandante de carros para assistir à reunião na qual seriam tomadas

graves decisões. Tudo indicava que era necessário considerar a continuação do potente ataque alemão que, desencadeado no dia 9 de junho, ameaçava romper inteiramente a nossa frente, entre o Oise e Montdidier. Ora, o Comando francês não tinha nada para opôr àquela ação a não ser depois de três ou quatro dias, tempo indispensável para assegurar o transporte de tropas necessárias. Por uma ação violenta, era necessário e urgente, dar ao inimigo a impressão de que dispúnhamos de força para fazê-lo hesitar e renunciar, se possível, os seus projetos imediatos.

Foi então tomada a decisão de organizar uma contra-ofensiva com as quatro únicas divisões frescas que se achavam dispersas na região. O contra-ataque devia ser apoiado por carros de que podia dispôr o Gen. Estienne. O comando da operação foi confiado ao Gen. Mangin que, convocado imediatamente, chega às 16 horas ao P. C. do Gen. Fayolle.

As 17 horas, o Gen. Mangin e o Gen. Estienne deixam o Comando do grupo de exércitos de reserva para preparar, cada um de sua parte, o ataque fixado para o dia seguinte.

Com efeito, no dia 11 de Junho, às 10 horas da manhã, o contra-ataque sem preparação de artilharia desemboca da frente Wacquemoulin — Courcelles; ele cai sobre o flanco direito do inimigo e o surpreende totalmente.

Nossas tropas enquadradas por 12 grupos de carros de assalto (110 carros Saint-Chamond, 60 carros Schneider) tomam as posições balizadas pela fazenda Garenne, o bosque de Bout, as alturas entre Courcelles e Belloy e as orlas de Belloy e capturam 1.000 prisioneiros e 16 canhões.

Os progressos não são consideráveis mas o avanço inimigo é nitidamente detido. Este vigoroso golpe de sabre inverte a situação em nosso proveito e arrebata ao inimigo a iniciativa das operações na região de Compiègne. Vendo as suas tropas de assalto recuarem, os alemães suspendem seus ataques e dão ordem de reorganização nas suas posições de partida.

Apesar dos resultados brilhantes obtidos no armistício, pode-se escrever que somente no ano de 1919 é que teriam

lugar verdadeiras batalhas de carros, atacando por massas profundas e quasi que inexgotáveis.

Winston Churchill, um dos promotores dos carros ingleses e ministro de munições em 1918, poude escrever nas suas memórias:

"Uma única imagem do futuro: 10.000 carros de combate, grandes e pequenos, especialmente adaptados aos terrenos que tenham de atravessar, avançam simultaneamente atrás de barragens de artilharia, sobre frentes de ataque cuja extensão total se elevaria a 300 ou 400 quilômetros, e atrás deles, trabalhando com os mesmos, infantarias francesa, britânica e americana, e ainda, atrás destas, 10.000 veículos blindados ou não blindados, trazendo cada um para frente e através dos campos, tudo o que fosse necessário a um pelotão: víveres, munição, equipamento, aprovisionamentos de toda natureza, enquanto que as estradas ficariam desembaraçadas para o avanço da artilharia e de reservas.

Dirão, sonho de visionário? Não, porque isto seria mais ou menos o que se teria passado em 1919, porque as encomendas de material carro eram enormes.

A França, por sua parte, tinha resolvido ou pensado em mandar fabricar:

7.800 carros Renault (somente 440 carros Renault foram destruidos nas batalhas de 1918. A indústria francesa estava habilitada, em Setembro-Outubro de 1918, a fabricar mais de 500 carros ligeiros por mês).

Os ingleses esperavam dispor de 6.000 aparelhos em 1919.

Os americanos empreenderam a fabricação de:

4.800 carros Renault; 3.000 carros Ford; 1 milhão de carros Liberty.

Os italianos construiriam em suas usinas 1.500 carros Renault.

E' provável que este belo programa não fosse inteiramente realizado.

Não importa; os alemães quasi nada tinham para opor aos inumeráveis carros de assalto dos aliados.

MISSÕES DE ARTILHARIA

- O ACOMPANHAMENTO IMEDIATO

2.º Ten. FERDINANDO DE CARVALHO

I — MISSÃO DE ACOMPANHAMENTO IMEDIATO

1 — Em certas ocasiões, as circunstâncias do combate reclamam o emprego de potentes engenhos no cumprimento das missões atribuídas à infantaria. Não dispondo normalmente esta última de tais meios, torna-se necessário que elementos de artilharia sejam postos à sua disposição realizando o que se denomina: **o acompanhamento imediato**.

2 — Oportuno é transcrever, para objetivar essa definição, o exemplo real da Grande Guerra registrado na Tática de Colmann:

“Ataque de postos avançados — Na manhã de 9 de outubro de 1914, a oeste de Notre-Dame-de-Lorette, os alemães tem seus elementos avançados entrincheirados a trás de uma sebe de orientação norte-sul, a 500 m aproximadamente a oeste da Capela. Esta, cercada por uma sólida muralha, constitue um importante centro de resistência, apoiada por uma seção de 77 abundantemente municiada.

Do lado francês, a infantaria tem os declives cobertos (bosque de Bouvigny) a 1500 ou 1700 m da Capela, mas não pode aí desembocar: infantes e metralhadores alemães emboscados a trás da sebe, distantes de 1200 m mais ou menos, tornam todo o avanço impossível. O General Comandante da Divisão decide suspender momentaneamente a progressão e não a reiniciar senão com apôio de artilharia. Às 11 horas, horas, o Tenente Y., comandando uma bateria em posição de espera, recebe ordem verbal de procurar o Capitão X de

Inf. que lhe designará o objetivo e se entenderá com ele sobre o gênero de tiro a executar.

O Capitão X. tem duas companhias que lançará ao ataque logo que a artilharia tenha neutralizado os tiros inimigos que partem da sebe. O pessoal está exposto a fogos violentos do 77, o Tenente Y. deverá agir o mais rápido possível. Executa este brevemente o seu reconhecimento e decide trazer uma única secção de sua bateria à orla oriental do bosque de Bouvigny numa posição não batida e parecendo ligeiramente desenfiada em relação ao objetivo.

A ocupação de posição é executada e uma linha telefônica (400 m) é extendida do local das peças ao Tenente Y. que se acha junto ao Capitão X. num ponto que domina perfeitamente a zona de ação.

O fogo é aberto cerca das 14 horas. As granadas atingem o objetivo e fazem calar as metralhadoras. A infantaria ataca mas, tendo o inimigo reiniciado o fogo, é detida a 200 m da sebe.

O Capitão X. pede ao Tenente Y. para intensificar os seus tiros, alongando-os logo que a infantaria esteja em condições de avançar. Prescreve por mensageiros aos seus comandantes de pelotões em 1.^a linha para aproveitarem o bombardeio afim de reorganizarem suas unidades e para precipitarem-se à sebe, num lance, logo que se alonguem os tiros. O assalto é bem sucedido: os alemães se retiram sobre a Capela.

Mais à direita uma companhia avança, ultrapassa largamente a sebe, ameaça a Capela de envolvimento. À noite os alemães abandonam suas posições e se deslocam para 300 m a este, sobre a crista militar onde, estabelecidos solidamente, ficarão longos meses".

Vemos neste exemplo uma peça de 75, posta a disposição de um batalhão, para o acompanhamento imediato, neutralizando uma resistência importante oposta ao ataque contra a qual foram insuficientes os meios orgânicos do referido batalhão.

3 — Na Guerra Atual assistimos ao exemplo das peças de 75 francesas, lançadas para a frente com a infantaria contra carros de combate, numa contingência forçada pelas circunstâncias, em razão do insucesso dos canhões anti-carros impotentes contra couraças de espessura e resistência não previstas.

A artilharia teve pois que realizar o acompanhamento imediato destruindo engenhos contra os quais foram insuficientes os meios disponíveis pela infantaria.

4 — Certas vezes, a deficiência de ligações entre a infantaria e a artilharia força a execução do acompanhamento imediato: "A artilharia de 1914 não estava equipada com material telefônico suficiente para assegurar boas ligações a distância. Ela agiu então por contato direto, à vista, levando o seu material o mais perto possível da infantaria. Fez portanto o acompanhamento imediato". (1)

II — EMPREGO DO ACOMPANHAMENTO IMEDIATO

1 — O acompanhamento imediato é uma missão eventual da artilharia e só se justifica em condições especiais.

As frações de artilharia dela incumbidas agem principalmente neutralizando ou destruindo metralhadoras, engenhos pesados de infantaria (canhões de infantaria, morteiros, etc), carros de assalto, artilharia de acompanhamento imediato inimiga, contra os quais foram ineficazes os petrechos orgânicos da infantaria e que constituem sérios entraves às operações como, por exemplo, resistências que não podem desbordadas.

O acompanhamento imediato é principalmente empregado nas ações preliminares ou finais da batalha, quando as frentes estão mal definidas, como combates de vanguardas, postos-avançados, explorações de bom êxito, perseguições, contra-ataques, manobras em retirada, atuando contra centros de resistência, cooperando no alargamento de bre-

(1) Langlet, Batalha de St. Quentin-Guise.

chas. Nós combates em localidades a sua ação pode ser particularmente eficaz por tiros de enfiada contra ruas ou caminhos.

2 — Registremos a propósito o testemunho do Sargento Boileau, chefe da 4.^a peça da bateria do Capitão Lecomte, pertencente a uma secção de acompanhamento imediato enviada a 19 de agosto de 1914 para a frente, deante da localidade de Dornach: "Enfim, recebo ordem de avançar. À entrada da cidade, o Capitão Lecomte que me espera, comanda: — Ocupação de posição imediatamente, para a frente, abrir fogo de granada explosiva sobre tal casa, elementos a zero! Num abrir e fechar de olhos o movimento é executado. Coloco rapidamente a peça em direção, à vista, atiro sobre o objetivo designado e depois sobre as casas vizinhas. Os alemães surpreendidos, fogem enviando-nos apenas alguns tiros de fusil, mas o material é bom e as balas achatam-se contra os escudos; sentimo-nos seguros ao abrigo do nosso 75. Atiramos sempre sobre a estrada que tomamos de enfiada e em seguida sobre um hangar, a 1000 m, onde se refugiava o inimigo".

Trata-se pois, de uma peça de acompanhamento imediato agindo aproximadamente num combate de localidade.

3 — Em condições análogas à infantaria, a **cavalaria** pode receber elementos de artilharia de acompanhamento imediato.

III — O TERRENO

1 — O acompanhamento imediato não poderia nunca apresentar um caráter de permanência. Inúmeros fatores restringem o seu emprego e entre eles, principalmente, o terreno que deve satisfazer a exigências especiais sem as quais seria temerário lançar para a frente frações de artilharia.

O terreno **muito coberto**, facilita a surpresa dos ataques aproximados. Os terrenos **descampados** dificultam a dissimulação expondo a artilharia como alvos faceis aos tiros da infantaria inimiga. Os terrenos **pouco consistentes** dificultam

os movimentos de entrada e saída de posição que devem ser rapidamente executados. Os terrenos **muito acidentados** tornam penosos os deslocamentos.

2 — São as seguintes pois, as condições que deve apresentar um terreno para permitir o emprego eficaz do acompanhamento imediato:

- a) ser mediamente coberto;
- b) ter consistência média;
- c) ser pouco acidentado;
- d) possuir itinerários de retraimento faceis e desenfiados.

Não satisfeitas tais exigências todo o emprego pode converter-se em uma missão de sacrifício em virtude dos graves riscos de perda de pessoal e material.

IV — OS MEIOS

1 — **Material** — As frações de acompanhamento imediato são extraídas geralmente das unidades divisionárias de apoio ou grupos que apoiam as unidades de infantaria para as quais são destacadas. São constituidas por peças isoladas, secções ou, muito excepcionalmente, baterias.

A secção é o máximo que se coloca à disposição de um batalhão.

O material 75 Dorso é, por suas características, o indicado para tal missão. Em sua falta entretanto emprega-se o 75 Montado ou a Cavalo.

2 — **Munição** — É recomendável o emprego da granada, espoleta percutente ou curto retardo, se possível, carga reduzida. A quantidade é comumente restrita. Muitas vezes os carros de munição ficam na impossibilidade de acompanharem as respectivas peças e a munição é até transportada a braços pelos serventes.

3 — **Comando** — Quando se faz necessário o emprego do acompanhamento imediato, o Comandante da Divisão dá

as ordens necessárias. Em caso de urgencia porém, pode intervir a iniciativa dos próprios comandantes de agrupamento ou grupo. Faz-se mister nessas ocasiões uma relativa descentralização de comando, de modo que as mencionadas unidades possam atuar com certa independência.

Os elementos designados são postos à disposição dos comandantes de regimentos ou batalhões. O comandante do elemento de acompanhamento imediato busca com o comandante da infantaria que deve apoiar, um entendimento pessoal. Este último pode fixar os objetivos a bater, mas não intervém nas particularidades técnicas de execução da missão: posições das peças, mecanismos de tiro, etc.

O comandante da fração de artilharia em caso de tiro direto comandará, em princípio, pessoalmente o seu elemento.

4 — Pessoal — Em virtude da própria natureza da missão do acompanhamento imediato, o pessoal das peças lançadas para a frente deve ser criteriosamente escolhido.

O grupo fornece o pessoal julgado necessário ao serviço de esclarecedores, ligação, transmissões e remuniciamento da fração dele destacada.

A infantaria deve colaborar com pessoal próprio nessa árdua missão da artilharia.

V — EXECUÇÃO DO ACOMPANHAMENTO IMEDIATO

Vamos a seguir detalhar as diversas fases da execução do acompanhamento imediato:

1 — Reconhecimentos:

Os reconhecimentos necessários ao desempenho da missão são executados pelo oficial encarregado, sem perda de tempo, sumariamente, de modo a reduzir ao mínimo a prazo de entrada em ação. Deve-se evitar porém as precipitações que geralmente acarretam inúteis sacrifícios.

2 — Posições.

a) Posição das peças.

A posição escolhida para as peças de acompanhamento imediato deve, se possível, satisfazer às seguintes condições:

1 — **Execução do tiro** — Permitir a execução do tiro de modo que se possa bater, nas melhores condições, os objetivos designados pela infantaria;

2 — **Desenfiamento** — Ser de tal maneira desenfiada que permita, com segurança, a execução dos movimentos relativos à ocupação de posição: desatrelagens ou descarregamentos, etc.;

3 — **Acesso** — Deve apresentar um acesso bom e desenfiado que facilite o remuniciamento e o rápido abandono da posição.

As condições acima enumeradas são as principais e não se pode exigir muitos requisitos nas posições das peças de acompanhamento imediato que executarão ações de natureza urgente e breve nas quais a primordial preocupação é: **bater o objetivo**.

No caso em que não seja possível fazer tais exigências quando, como acontece na maior parte das vezes, o tiro tem de ser executado direto sobre o objetivo, deve ser prevista o mais perto possível do local em que vai atirar, uma posição, a mais desenfiada e de melhor acesso, onde se executarão as operações de passagem da posição de marcha para a de tiro, seguindo-se um movimento a braços para ocupação da verdadeira posição.

b) Posto de observação.

A posição das peças deve ser o mais próximo possível do posto de observação do oficial que comanda o tiro, em princípio, a alguns metros apenas dele, de modo a restringir o emprego dos meios de transmissões, simplificando a execução do tiro.

c) Linha de armões ou de cargueiros.

Bem próxima da posição das peças, a algumas centenas de metros dela, deve procurar-se uma posição onde se possam

abrigar, nas melhores condições possíveis de segurança, os armões ou os cargueiros.

3 — **Ligações.**

Executado o reconhecimento da posição a ocupar, o oficial que comanda o elemento de acompanhamento imediato, procura entrar em entendimento com o comandante da infantaria de quem foi posto à disposição (Cmt. do R.I. ou Btl.), para indicar-lhe a posição que vai ocupar e solicitar o apoio de seus órgãos de fogo durante a fase crítica da ocupação de posição.

Entre esses dois oficiais deve, aliás, ser mantida uma ligação constante.

4 — **Progressão da artilharia de acompanhamento imediato**

Os elementos de acompanhamento imediato progridem à retaguarda da infantaria (cerca de 2 Km), em lances rápidos de coberta em coberta, de posição desenfiada em posição desenfiada.

De acordo com as possibilidades do terreno, abandona as estradas, imitando o sistema de progressão da própria infantaria.

O serviço de segurança executado por esclarecedores é nessa fase articularmente importante para evitar a surpresa das emboscadas ou as passagens batidas em boas condições pelas metralhadoras inimigas.

No caso da artilharia de dorso, os cargueiros progredirão mais ou menos dissimilados no terreno para, dificultando o embolamento, diminuir a vulnerabilidade. No caso do 75 montado ou a cavalo, os carros de munição avançarão a algumas centenas de metros à retaguarda das viaturas-peças. Num e noutro caso, devem ser previstos animais de reserva para substituição dos postos fora de combate pelos tiros adversos.

A infantaria amiga apoia os deslocamentos da artilharia do acompanhamento imediato neutralizando com seus fogos as metralhadoras inimigas.

Os movimentos à noite por itinerários prévia e seguramente balisados são particularmente recomendados.

5 — Ocupação de posição.

A ocupação de posição, principalmente nesse caso em que é feita a pequena distância do inimigo, é um momento particularmente perigoso e deve ser abreviado o mais possível.

Geralmente à desatrelagem ou descarregamento, sucede-se um movimento a braços para colocação do material no local do tiro que deve ser executado sem perda de tempo. Pessoal de infantaria pode auxiliar aos artilheiros na execução desse deslocamento para abreviá-lo.

Registrmos como exemplo de **ocupação de posição**, a feita por uma peça de acompanhamento imediato na Alta-Alsacia em 1914:

“A 1.^a peça vai, pela estrada de Dornach, a uma rua sobre a esquerda da cidade. Encontra aí duas companhias do 42.^º R. I., com uma secção de metralhadoras, detidas por fogos partindo de todas as aberturas duma vila fortemente protegida.

Após um entendimento com o tenente metralhador e os comandantes dos pelotões vizinhos, um violento fogo de fusil é aberto sobre a vila, enquanto o capitão faz desatrelar a peça. Esta é levada a braços para a frente com o auxílio da infantaria, precedida de um servente carregando uma granada em cada braço (um cofre de munição carregado segue a 200 m a traz igualmente levado a braços).

Chegada à esquina da rua, a peça encontra à frente uma companhia inimiga em marcha, abre imediatamente fogo e infinge pesadas perdas a essa coluna que retrocede numa desordem indescritível”.

Eis aí pois uma ocupação de posição sumária com o auxílio da infantaria quer pelo apoio do fogo de seus fusis numa neutralização, quer pela colaboração de seu pessoal no movimento a braços para colocação do material, seguindo-se um tiro direto e aproximado contra pessoal inimigo.

6 — Ocupação de posição à noite.

A ocupação de posição à noite é uma operação que, realizada nas proximidades da frente de combate, exige medidas especiais de cautela, mas permite a eficaz surpresa do desencadeamento do fogo ao amanhecer.

Um serviço de vigias ou esclarecedores terá em vista precaver a posição do ataque inesperado por patrulhas adversárias que se tenham infiltrado na infantaria amiga.

7 — Organização do terreno.

Tanto na posição da peça como na de armões ou cargueiros, o pessoal iniciará de acordo com a situação, a organização sumária do terreno compreendendo o disfarce do material, a dissimulação dos animais e a construção de abrigos individuais.

Comumente entretanto, pela própria natureza da missão a cumprir, a urgencia do tempo não dá margem à execução desse trabalho. Os serventes abrigam-se à proteção do próprio material.

8 — Designação de objetivos

Cabe ao comandante da infantaria indicar os objetivos. Por esta razão o comandante da fração de acompanhamento imediato procura manter com aquele íntima ligação.

A posição escolhida para as peças dependerá naturalmente desses objetivos a bater, o que se procurará fazer nas melhores condições possíveis.

Os objetivos são em geral metralhadoras, canhões de infantaria, carros de combate e, eventualmente, pessoal.

O oficial que executa o acompanhamento imediato deve entretanto pôr-se constantemente ao par dos acontecimentos do combate, agindo por sua livre iniciativa contra objetivos que, inopinadamente, surjam ou atuando em favor de unidades de infantaria vizinhas, que porventura necessitem do seu auxílio.

9 — Execução do tiro.

O fogo é geralmente aberto imediatamente após a ocupação de posição. Executa-se normalmente o tiro direto sobre objetivos bastante aproximados, com cadências rápidas. As distâncias de tiro variam aproximadamente de 500 a 2000 m, chegando certas vezes a reduzir-se a poucas dezenas de metros, apenas.

Quando se dispõe de uma secção pode-se, se o permitirem as condições do momento, iniciar o tiro com uma das peças, ficando a outra em posição de espera, nas proximidades, apta a substituir ou reforçar o fogo da primeira.

Os tiros diretos executados a distâncias reduzidas tem grande efeito moral mas expõem demasiadamente o material e devem ser, por essa razão, evitados.

Exemplo — “(Região de Agny — outubro de 1914). Às 16 horas, os alemães desembocam da crista que domina a margem oriental do Crinchon. O Tenente Y. executa, durante 10 minutos, a distância de **1000 m** aproximadamente, um tiro de granada, ceifando por 6 voltas, com toda a rapidez que o material de 75 pode dar. O ataque reflué...”.

Vemos aqui, confirmando as considerações acima, o efeito esmagador de uma peça executando um tiro direto, rápido e ceifante, fazendo fracassar um ataque inimigo. Essa peça é entretanto, mais tarde, posta fora de combate por um bombardeio de artilharia inimiga...

10 — Remuniciamento.

A munição disponível é sempre reduzida. Procurar-se-á economizá-la.

O grupo ou mesmo a bateria donde provem o elemento de acompanhamento imediato deve providenciar o oportuno remuniciamento, para que as peças jamais fiquem inativas por falta de munição.

11 — Referenciação pelo inimigo.

Deve-se procurar impedir a referenciação pelo inimigo das peças de acompanhamento imediato, pelos meios comuns de disfarce, etc.

A missão deve ser cumprida com a maior brevidade possível e as peças devem possuir uma relativa mobilidade no campo da luta de modo a iludir o adversário.

Assim que for referenciada pela artilharia inimiga, se naturalmente o permitir a missão, a fração de acompanhamento imediato deve procurar abandonar a posição sem o que seria quasi certo o gasto de muitas vidas e a inutilização do material.

12 — Defesa aproximada.

As peças de artilharia de acompanhamento imediato lançadas para a frente de combate, junto da infantaria, expõem-se aos ataques aproximados da infantaria inimiga. Devem estar portanto aptas a realizarem a defesa do material nessas contingências.

A infantaria deve em tal situação prestar o seu auxílio com os meios que dispõe.

13 — Particularidades técnicas do tiro

As operações técnicas do tiro devem ser simplificadas ao extremo, abreviadas as regulações, intervindo em grande parte o tirocinio e o sentimento.

Durante a execução dos tiros de acompanhamento imediato sobre a infantaria amiga, uma zona de segurança pouco profunda é prevista. Sua profundidade é da ordem de 200 m.

VI — O 75 DE DORSO NO ACOMPANHAMENTO IMEDIATO

E' incontestável que o 75 de Dorso é o material que possuímos em nossa Artilharia em melhores condições de executar o acompanhamento imediato. E' um canhão leve, de potencial relativamente grande, apto a qualquer terreno, possuindo facilidade de diminuir a sua vulnerabilidade em marcha pela judiciosa disseminação dos cargueiros.

Está longe ainda entretanto de preencher todas as características que um material adaptado especialmente a essa missão deve possuir. O seu campo de tiro horizontal é restrito, sua mobilidade deixa muito a desejar e sua cadência de tiro é ainda pequena porque lhe falta o automatismo da culatra.

VII — O CANHÃO DE ACOMPANHAMENTO IMEDIATO DE INFANTARIA

As características da artilharia leve divisionária não atendem perfeitamente as exigências do acompanhamento imediato. Faz-se sentir a falta de um canhão especialmente construído para esse fim e de que devem ser dotadas, em baterias orgânicas, as unidades de infantaria.

Essa dotação evitaria o enfraquecimento da artilharia de apoio direto que acarreta a extração de frações de acompanhamento imediato, com as quais aliás, grande parte das vezes a infantaria não pode contar seja porque não estejam disponíveis as baterias, seja em virtude da falta de ligação ou malentendidos.

Estudas que foram as características que deveria possuir um canhão leve de acompanhamento imediato para a infantaria, chegaram os técnicos no assunto em vários exércitos do mundo a conclusões que se aproximam das seguintes:

- Canhão leve, peso aproximado de 600 quilos;
- Calibre 75 mm;
- Tração mecânica para qualquer terreno;
- Campo de tiro vertical: — 5 a 60°;
- Campo de tiro horizontal: 60° aprox.;
- Possibilidade de tiro contra carros;
- Peso do projétil: 4 a 4,5 Kg., carga explosiva 700 gr.
- Alcance máximo: 4 a 4,5 Km.;
- Cadência de tiro elevada (20 a 25 tiros por minuto), assegurada naturalmente pelo automatismo da culatra;
- Escudos que permitem a proteção do pessoal nas defesas aproximadas.

VIII — CONCLUSÕES

Conforme concluimos facilmente das considerações acima formuladas, o acompanhamento imediato representa para a artilharia uma penosa missão e a ele se deve atribuir um caráter eminentemente eventual. Somente poderosas razões lhe podem justificar o emprego.

Os objetivos a bater devem ser determinados previamente, estudadas as dificuldades da infantaria para liquidá-los com seus próprios meios e, somente em última instância, apelar-se para a intervenção da artilharia com seus poderosos mas vulneráveis órgãos de fogo. E só portanto nessas condições especiais se pode ariscar aos importantes gastos de pessoal e material que em tal missão as duras contingências do combate podem acarretar.



Um ano de observação no Extremo Oriente

Ten. Cel. LIMA FIGUEIRÊDO

Sem o porte - 13\$500

OS FUNDAMENTOS DA BATALHA DO ATLÂNTICO

BARRETO LEITE FILHO

Acabo de ler no número de março da "Defesa Nacional", traduzido pelo general Klinger, uma conferência pronunciada pelo contra-almirante Donner, na Sociedade Alemã da Política e Ciências Militares, de Berlim, sobre o tema decisivo das relações da geografia com o poder naval e suas aplicações nesta guerra. A divulgação desse estudo em português representa um serviço de inestimável valor para quantos desejem compreender a atitude fundamental do Reich em face de uma determinada ordem de problemas propostos pela crise. Nada pode ser mais elucidativo das idéias e das ilusões, das secretas certezas e das esperanças desfeitas que inspiraram a concepção alemã das suas mais vastas perspectivas no presente conflito. Nada indica na apresentação da conferência que as opiniões manifestadas pelo contra-almirante Donner exprimam o pensamento oficial do governo do Reich, nem assunto, aliás, em muitos dos seus aspectos, é de índole a comportar um pensamento oficial de governo. Poder-se-á mesmo notar uma significativa discreção do autor, quando alude à natureza propriamente partidária sobre a qual repousa a estrutura do Estado, no seu país. O seu tom é de quem fala como um estudioso e não de quem formula um plano definido, que deva ser adotado. Mas a autoridade do conferencista, o lugar em que que dissertou e o feitio do regime vigente na Alemanha, mostram que tais palavras não podem ser tomadas como tendo um caráter apenas especulativo e muito menos gratuito, e sim como expressão do pensamento que circula entre os grandes especialistas encarregados de traçar a política geral do Reich dentro da esfera aqui encarada.

I — O DOMÍNIO NAVAL

Muitas das teses obstinadamente defendidas pela propaganda nazista, a começar pela da ineficácia do bloqueio inglês, são abertamente contestadas pelo contra-almirante

Donner, e de muitas outras encontra-se aqui a explicação. Isto mostra, por um lado, que se os dirigentes germânicos procuram iludir o seu povo, os técnicos a serviço deles não se enganam na avaliação dos limites que se opõem à aventura de Hitler. Mas mostra também, por outro lado, que esses mesmos técnicos, não obstante o seu obrigatório empenho em ser objetivos, não conseguem fugir à regra pela qual os homens tendem sempre a formular a teoria que melhor coincide com as suas necessidades. Eis porque é necessário fixar a data em que foi pronunciada a conferência: 28 de março de 1941. Faz, hoje, portanto, exatamente um ano. Referindo-se às condições em que se travou a guerra passada, o conferencista restabelece a verdade sobre um ponto capital, que tem constituido invariavelmente um dos temas todas falsificações de Hitler. Para o Fuehrer, a Alemanha nunca foi vencida, mas simplesmente traída pela revolução que "apunhalou pelas costas os seus exércitos. O contra-almirante Donner também menciona a "punhalada pelas costas", mas explica-a: "O formidável desdobramento das forças em terra, diz ele, o esgotamento do nosso potencial de guerra terrestre, o efeito da punhalada (revolução alemã), não deixaram de reconhecer a realidade de que, no fim de contas, foi a potência naval que decidiu a guerra." Ao mesmo tempo, porém, o conferencista acreditava, em março de 1941, que o contra-bloqueio dos submarinos e aviões do Reich fosse bastante para abater a resistência inglesa. Os doze meses decorridos, desde que a sua conferência foi lida, devem ter dissipado essas esperanças.

II — O ESPAÇO ATLÂNTICO

Não pretendo fazer aqui um resumo do estudo traduzido pelo general Klinger para a "Defesa Nacional", nem isto viria ao caso. Trata-se de um trabalho tão rico de sugestões, que quem se interessar pelo assunto deve procurar conhecer o texto completo. Mas há nele um certo número de passagens que devem ser comentadas em confronto com os fatos concretos da situação bélica, não só porque revelam as intenções mais amplas dos círculos dirigentes do Reich, no que se refere ao Hemisfério Ocidental, como porque, depois de um ano, já podem traduzir o erro de perspectiva que vem sendo orientado toda a ação do governo nacional-socialista, depois da derrota da França.

O contra-almirante Donner começa por uma espécie de introdução teórica, em que examina, à luz de exemplos co-

nhecidos, os aspectos gerais do famoso problema do poder continental e do poder marítimo. E' exatamente nesta parte que critica a concepção alemã da outra guerra, toda ela baseada exclusivamente no conceito do poder continental. Esclarece, também, que, pela sua posição geográfica e pela situação em que ficou, depois da derrota, também nesta as atenções do Reich ter-se-iam de voltar inicialmente para as questões relacionadas com o domínio do continente. Mas acentua que, uma vez vencida essa etapa, seria necessário voltar-se para o domínio marítimo, "pois também os povos continentais não podem subsistir sem potência naval, e não só potência costeira, mas em condições de impor-se em alto mar". Daí passa, depois de um estudo do conceito de espaço marítimo e de algumas digressões sobre as maneiras de conquistá-lo, seja por operações propriamente navais, seja por aéreas e inclusive terrestres, a encarar o desenvolvimento político e estratégico da atual ação da Alemanha no Atlântico, que é o seu espaço marítimo por excelência. Com evidente razão, mostra que o progresso da técnica das comunicações transformou esse oceano em uma espécie de mar interior, cuja significação geopolítica é hoje mais ou menos a mesma da que foi a do Mediterrâneo, do Báltico ou do Mar do Norte, em tempos passados. Na sua parte propriamente aplicada à realidade atual, a conferência do contra-almirante Donner vem a ser como um estudo da geopolítica do Atlântico, e nisto reside o seu principal interesse para nós americanos e especialmente para nós sul-americanos. Será preciso especificar mais e dizer: para nós brasileiros, que formamos a principal avançada do Atlântico Meridional?

III — ALEMANHA E ESTADOS UNIDOS

O conferencista assinala que "todos os Estados que têm interesse em um mar são fortemente atraídos pela costa fronteira". E continua: "Torna-se intuitivo que cada povo nessas condições terá interesse político e econômico, em achar-se de algum modo também representado do outro lado. Com isso exercerá maior influência sobre os bens e valores que de lá se importam. Em outras palavras: é a busca de cabeças de pontes políticas, ou pelo menos econômicas, do outro lado". Daí parte para a conceituação de uma "lei política de contra-costa, paralela à conhecida lei militar das cabeças de ponte". Alguns exemplos retirados da história ilustram esse desenvolvimento. Finalmente, o almirante chega à América. Inicialmente declara que seria "incauta

generalização aplicar a lei da contra-costa como explicação imanente para a expansão colonial da raça branca sobre o globo terrestre, desde o descobrimento da América." Adiante dirá que pode rir da alegação norte-americana segundo a qual "uma Europa guiada pela Alemanha buscará necessariamente a contra-costa", tornando agudo o perigo de uma invasão deste hemisfério. Mas reconhece a existência de vários fatores históricos, técnicos e geográficos pelos quais se poderia aplicar a mencionada lei ao caso americano.

Ao estudar a geopolítica do Atlântico, o contra-almirante Donner encara naturalmente o tema do ponto de vista da Alemanha. E, como falava há um ano, pôde permitir-se certas liberdades na avaliação do destino da Inglaterra. A estratégia naval nas costas e postos marítimos avançados não exige, a seu ver, mais do que o emprego dos meios de que a Alemanha dispõe, sobretudo submarinos e aviões. Daí ter incorporado logo a Inglaterra ao sistema continental dominado pelo Reich. Longe de ser a cabeça de um império oceânico, e no caso uma espécie de base avançada dos Estados Unidos, junto à Europa, a Grã-Bretanha passava a ser uma avançada da Europa, em face da América. Isto, naturalmente, seria obtido pela vitória nazista no velho mundo, a mesma vitória que não tendo sido obtida no lugar e no prazo previsto, obrigou Hitler a se lançar contra a Rússia, no perpétuo e inutil esforço de dominar o mar pelo domínio do continente, ou pelo menos dispensá-lo.

IV — AMÉRICA DO SUL

A posição da Inglaterra é cuidadosamente estudada, nem poderia deixar de ser, pois não há melhor exemplo. Mas, para o conferencista, a verdadeira guerra pelo espaço atlântico é entre a Alemanha e os Estados Unidos. Embora incluindo de antemão as ilhas britânicas na "nova ordem" continental européia, o contra-almirante Donner não deixa de aludir, de passagem, à hipótese contrária, aquela mesma que ficou acima referida, de elas servirem de base avançada norte-americana no outro lado do oceano. Apenas, se contesta que a Alemanha, mesmo depois de subjugada a Europa, inclusive a Inglaterra, pretenda fixar cabeças de ponte na "contra-costa" americana, declara que os Estados Unidos pretendem fazer exatamente isso, por intermédio do país aliado, na "contra-costa" européia. Diante dessas perspectivas, passa a estudar a questão dos demais postos avançados do Atlântico, mostrando o vital interesse que há, tanto para

os norte-americanos, como para os alemães, nas ilhas que pontilham o centro desse oceano, desde a Groenlândia e a Islândia, até os Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde. Para mostrar como o espaço atlântico é realmente reduzido, ao contrário do que ordinariamente se supõe, faz duas comparações impressionantes: a distância entre os Açores e a Terra Nova é a mesma que separa a Sicília da Palestina, e a dos Açores às Bermudas é igual à do Mediterrâneo, de ponta a ponta. Temos, assim, o nosso famoso oceano, que os isolacionistas norte-americanos reputavam suficiente para tudo, reduzido às proporções do velho mar latino, que as nave romanas cortavam sem dificuldade e sem medo, nos orgulhosos tempos da República.

Para a Alemanha, o espaço continental que forma a base de partida da conquista do espaço marítimo, não é apenas a Europa, mas também a África. Isto ficou claramente estabelecido pelo contra-almirante Donner. E não só a África do Norte, mas também a África Ocidental. O conferencista afirma que os Estados Unidos pretendem igualmente estabelecer-se lá. O controle da África Ocidental é indispensável tanto para assegurar as comunicações no próprio continente africano, como também para a América do Sul. E aqui chegamos ao ponto crucial do problema. O contra-almirante alemão repete que o Reich não pode procurar a sua "contra-costa" na margem oposta sul-americana, "pois os países ali situados não podem ser recolonizados." Depois, entretanto, de assentar esta evidência, cai em contradição, sustentando que é este o pensamento dos Estados Unidos. Se os países sul-americanos não podem ser recolonizados, não o podem ser por ninguém, e se alguém pensa nisto outros podem pensar. Mas é importante reter duas afirmações, que figuram já no fim da conferência. A primeira é a de que a idéia da autarquia, tão cara aos totalitários, "mesmo dentro de um espaço tão vasto como o europeu-africano, representa apenas um expediente, fadado à ineficiência, exposto que se acha ao ataque por meio do bloqueio". E' um almirante que fala, cioso da importância do poder naval. A outra afirmação é que "é para nós (alemães), intolerável que se forme uma potência que ameace cortar-nos do Atlântico Sul, inclusive da América do Sul". E como os Estados Unidos são acusados disto, segue-se, embora não tenha sido expressamente dito, que devem ser destruídos.

A lógica geográfica do contra-almirante Donner estava destinada a demonstrar a inevitabilidade da guerra entre os

dois continentes, pelo espaço atlântico. Mas esta guerra devia vir depois do domínio da Grã-Bretanha. Da ausência deste elemento não é difícil deduzir tudo o que aconteceu depois, e a verdadeira desorientação de Hitler, fazendo coisas que não pretendia fazer antes de ter conquistado o poder marítimo. Pois esta é a conclusão decisiva a que se chega: a luta pelo poder marítimo no Atlântico teve de ser travada junto com a luta pelo poder continental, na Europa. E a esquadra de alto mar prevista pelo contra-almirante Donner para esta segunda etapa ainda não existe.

(Do "Diário de Notícias", do Rio de Janeiro).

Livros à venda na Biblioteca da A Defesa Nacional

| | |
|---|---------|
| História Militar do Brasil — Gustavo Barroso | 13\$000 |
| Indios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo | 13\$000 |
| Indicador Paranhos até 1935 | 13\$000 |
| Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas | 5\$000 |
| Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel J. B. Magalhães | 3\$000 |
| Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto | 11\$000 |
| Instrução da Observação nos Corpos de Tropa — Major Armando Batista Gonçalves | 9\$000 |
| Limites do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo | 11\$000 |
| Leis gerais da Lingua Portugueza — Ten.-Cel. Altamirano Nunes Pereira | 6\$500 |
| Legiões Aladas — Italo Balbo | 16\$000 |
| Lições de Topometria e Agrimensura — Cel. Artur Paulino . . | 17\$000 |

ALTAR DE CAMPANHA
DO
MARECHAL DUQUE DE CAXIAS



TRABALHO ELABORADO
NA
SEC GERAL DO CONS DE SEG NACIONAL

HISTÓRICO

Em suas glorioas campanhas, quer pela manutenção da ordem interna, quer pela defesa do Brasil no exterior, jamais deixou o Duque de Caxias o exercício da religião de seus maiores. Para melhor satisfazer seus sentimentos religiosos fa-

zia-se acompanhar de um altar de campanha, equipamento indispensável de seu Q.G.

Caxias, antes de tudo, era um homem de convicções, pelas quais regulava todas as suas ações. "Cristão de fé robusta", no dizer de Vila da Barra, eis o traço dominante de seu caráter masculino, austero, devotado à Pátria. Excluir de sua personalidade este aspecto religioso que a realça é o mesmo que mutilá-la.

"... sem religião não há liberdade nem civilização" (carta aos deputados maranhenses).

Caxias não podia admitir que a formação de "varão forte", de que carece o militar, prescindisse da prática da religião que nobilita o homem e disciplina as coletividades.

Eis porque ao pacificar o Maranhão, pondo em evidência as grandes necessidades dessa Província, reclamava o grande brasileiro: "quanto às necessidades morais, acima de todas se eleva a religião, de que viviam esquecidos os habitantes, talvez por falta de sacerdotes".

Ao chegar ao acampamento de Tuiuti, entre as mil províncias que julgou mistério para recompor o Exército, uma sublinha, em tom de recriminação, ao Ministro da Guerra: "aqui não há altares portáteis nem paramentos para se poder celebrar missa... espero que V. Ex., quanto antes, autorize seu fornecimento".

Ele bem sabia quanto vale para o moral de um Exército, onerado por vicissitudes sem número, o conforto e o vigor sadio da religião.

Eis porque o grande Marechal não dispensava, para si e para a tropa que comandava, a assistência religiosa em campanha.

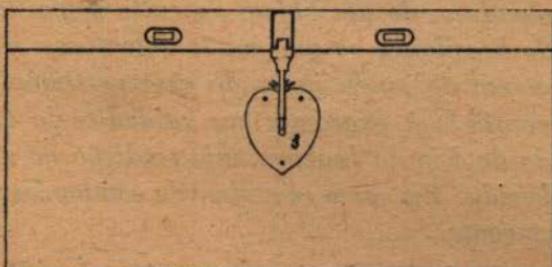
Não é de admirar, pois, que tivesse em seu próprio Q. G. um Capelão Militar, um altar portátil e as instalações necessárias para o culto divino.

ORIGEM DO ALTAR PORTATIL

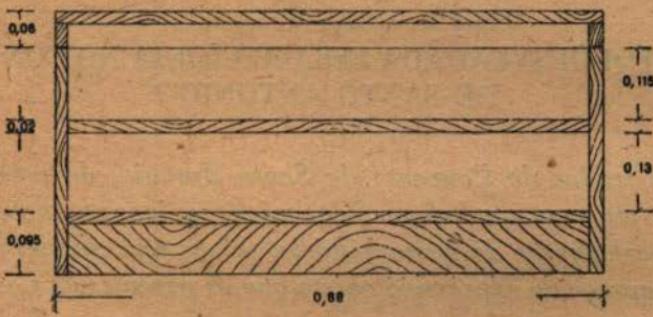
Do altar portátil em aprêço não sabemos a origem, a procedência. Esperamos que os investigadores da vida de Caxias, rebuscando os arquivos do tempo possam descobri-la um dia.

ALTAR DE CAXIAS ♀

1



— FRENTE —



— CÓRTE —

1:5

Teria acompanhado o grande Soldado em suas campanhas de pacificação interna?

Ter-lhe-ia sido presenteado por oficiais de seu Q. G.?

Teria sido resultado de sua reclamação de Tuití ao Ministro da Guerra?

COMO FOI PARAR ESTA RELÍQUIA NO CONVENTO DE SANTO ANTONIO DO RIO DE JANEIRO ?

Pelo ano de 1907, sendo Guardião do Convento de Santo Antônio o finado franciscano Frei Celso, foi este procurado por pessoas da família de Caxias, residentes em Quissamã, Estado do Rio de Janeiro, que lhe narraram haver ficado em seu poder o altar portatil que fizera companhia ao Duque em suas campanhas. Tratando-se de um objeto do culto a que tanto apreço dera o grande brasileiro, os seus então detentores, na iminência de desaparecerem deixando ignorado esse patrimônio histórico, resolveram confiá-lo à guarda e aos cuidados do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, cuja tradição na vida do país era bem conhecida. Eis como esse altar de campanha passou para esse velho convento.

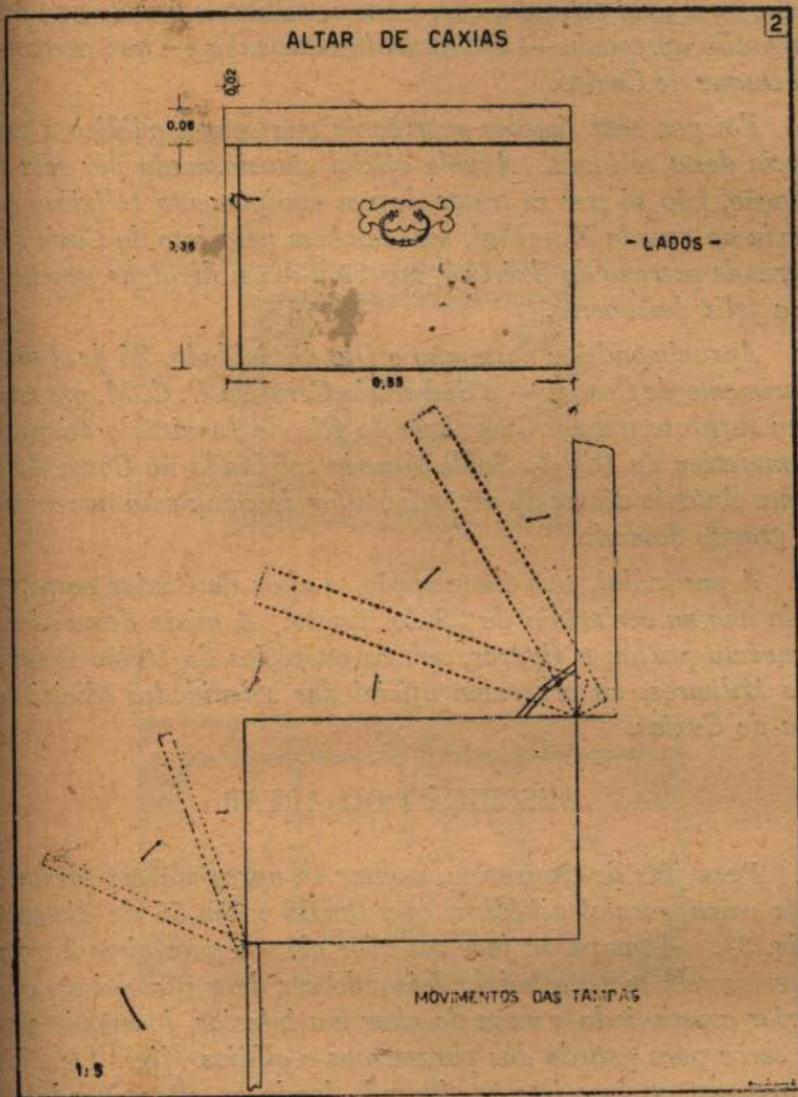
Regressando do Paraguai, esse precioso legado deveria ter sido levado por Caxias para sua Fazenda de Santa Mônica, onde veio a falecer em 1880. Daí os parentes que o houveram, transferiram-no para sua residência em Quissamã.

COMO FOI DESVENDADA ESSA RELÍQUIA NO CONVENTO DE SANTO ANTONIO ?

Os frades do Convento de Santo Antônio, de procedência alemã e muito ocupados com seus mistérios, ignorando nesse tempo os pormenores de nossa história, talvez não tivessem dado o devido apreço ao expressivo objeto que os parentes de Caxias lhes confiaram.

Foi o Secretário Geral da União Católica dos Militares que o descobriu um dia por volta de 1934, em palestra com o estudioso franciscano Frei Bazílio.

Tratando da grande influência que o Santo Antônio do Convento desempenhara na vida do país, desde os tempos coloniais, esse ilustre historiador franciscano lhe revelou particularidades interessantes do Convento e de objetos históricos ali recolhidos por pessoas eminentes de todos os tempos.



Estão nesse número o bastão de Veiga Cabral, doado ao Convento 1705 por este valoroso defensor da Colônia do Sacramento, as condecorações reais conferidas a Santo Antônio, a cadeira de Anchieta, a moringa de Frei Fabiano, telas, estátuas e inscrições antiquíssimas, a urna contendo os ossos da Imperatriz Leopoldina, etc.. E a seguir Frei Bazílio acrescentou: — E

temos aqui uma relíquia, que, para os militares brasileiros, deve ser muito apreciada — é o altar de campanha — que pertenceu ao Duque de Caxias.

Foi por essa simples ocorrência que veio a público a existência desta relíquia. Aquele oficial entusiasmado por essa revelação, não só por se tratar de um equipamento religioso que serviu ao grande Marechal, mas também pelo fato de Caxias ser o grande patrono do Exército, apressou-se em divulgar, em 1935, essa feliz descoberta.

Aproximando-se nesse ano o Dia do Soldado, 25 de Agosto, nascimento de Caxias — o Secretário Geral da U. C. M. preparou uma surpresa para a Guarda do Rio de Janeiro: a missa comemorativa do Dia do Soldado seria celebrada no Convento de Santo Antônio diante do autêntico altar de campanha que servira ao grande Soldado.

A partir daí, sem interrupção, o altar de Caxias reaparece cada ano na cerimônia de 25 de Agosto. A missa desse dia no Convento passou a figurar, sob os auspícios da União Católica dos Militares, no programa oficial das solenidades oficiais do Dia de Caxias.

DESCRIÇÃO DO ALTAR

Para fins de transporte, o altar se apresenta em forma de uma caixa paralelepípedica, com 0m,88 x 0m,55 de dimensão (fig. 2). A tampa ou face superior abre-se para cima e a face anterior rebaixa para baixo, deixando ver duas prateleiras, a superior constituindo a mesa do altar e a inferior, formando gaveta, serve para guarda dos paramentos e alfaias (figs. 1 e 2). A tampa traz na face interna, fazendo fundo ao altar quando está armado, uma pintura representando a “Ceia” de Da Vince.

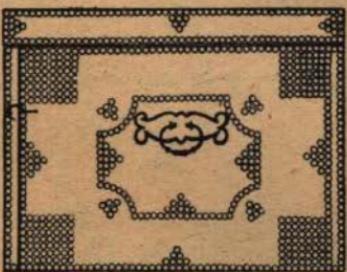
A caixa é revestida externamente de couro, grampeado por taxas amarelas dispostas artisticamente, formando vários desenhos (figs. 3 e 4).

Para fazer servir o altar, a tampa superior da caixa ergue-se (fig. 5) e faz-se cair a face anterior.

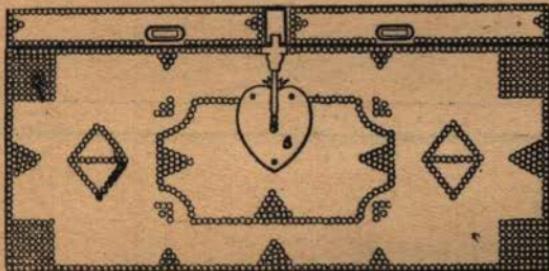
ALTAR DE CAXIAS

3

DETALHES DOS DESENHOS



- LADOS -



-FRENTE-

1:5

Anselmo Correa

A caixa deve ser colocada sobre um cavalete ou suporte de cerca de 0m,60 para ficar à altura adequada à celebração da missa. As alças laterais da caixa e a fechadura, esta de grande formato antigo, são de ferro batido (fig. 6).

Como acessórios há dois porta-velas pequenos, uma campainha e um crucifixo, todos em metal amarelo (figs. 7 e 8).

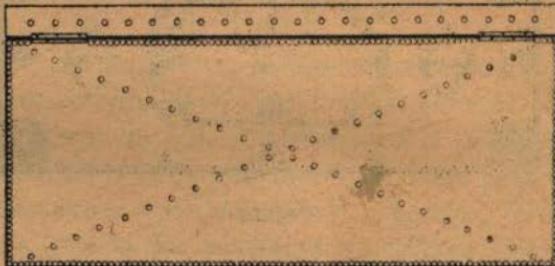
ALTAR DE CAXIAS

4

DETALHES DOS DESENHOS



- TAMPA SUPERIOR -



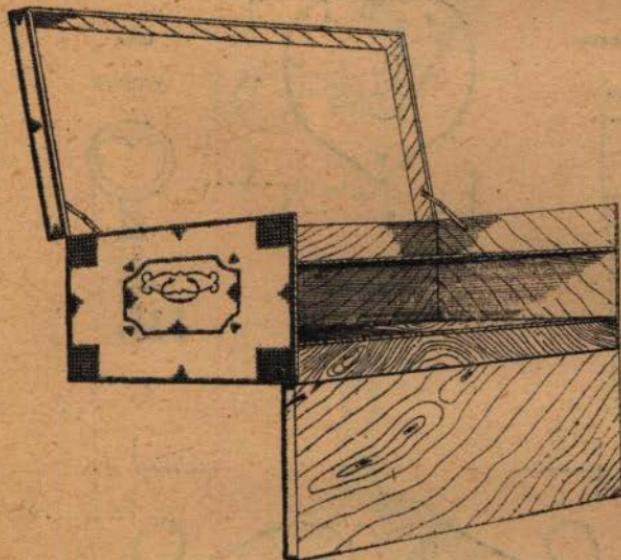
1.5

- PARTE POSTERIOR -

As táboas da caixa, por estarem corroídas pelo cupim, foram substituídas cuidadosamente em 1922 pelo Irmão carpinteiro do Convento. A madeira atual é de cedro com 0m,02 de espessura. O revestimento de couro e as taxas foram conservados e o aspecto e dimensões do altar são rigorosamente os primitivos. A caixa, com os paramentos e os acessórios descritos, pesa cerca de 30

ALTAR DE CÁXIAS

5

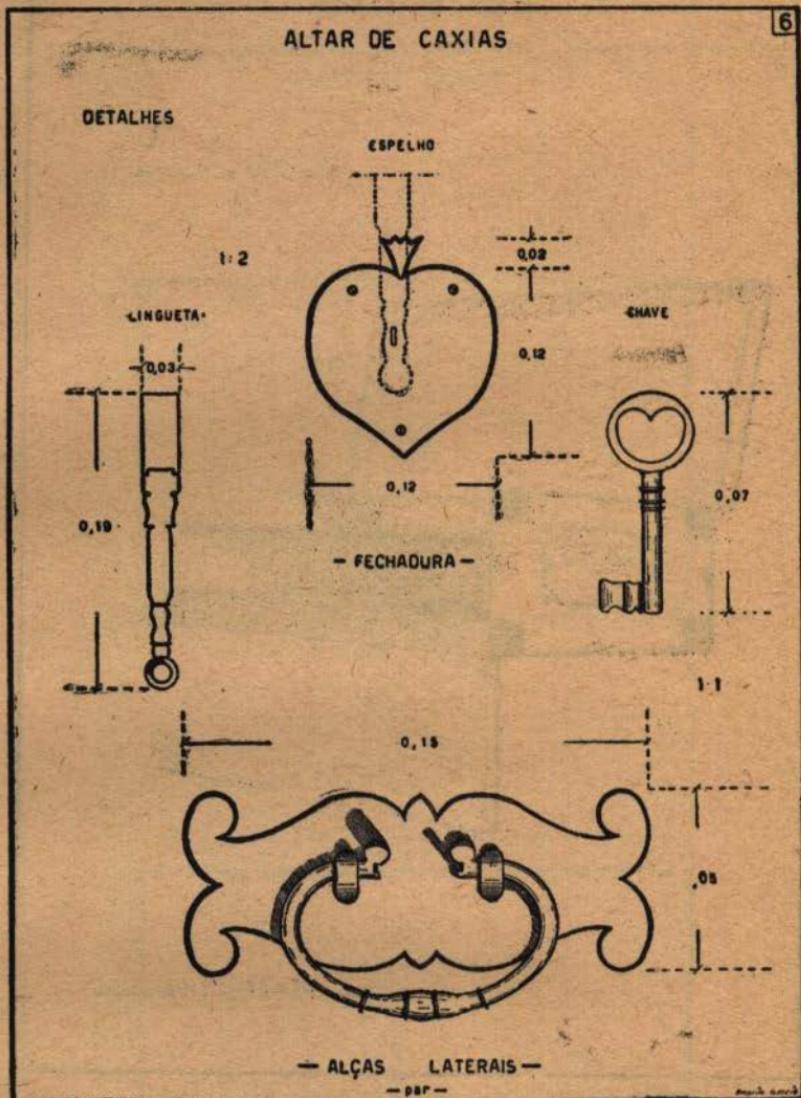


— PERSPECTIVA —

kg. As alças laterais permitem o seu transporte sobre dorso em campanha.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES

O altar de campanha de Caxias é uma relíquia que, a nosso ver, deveria ser colocada, com a estampa da Virgem que perten-



ceu ao grande Marechal e sua espada invicta, na Capela da Escola Militar de Rezende, para, diante dessas relíquias sagradas, os Cadetes do Brasil se inspirarem nos exemplos de fé viva, de civismo, de auteridade, de disciplina e de bravura do grande brasileiro.

7

ALTAR DE CAXIAS

ACESSÓRIOS



— CASTIÇAIS —

• 888 •



— CAMPAINHA —

1.1

Dão-se à publicidade os pormenores e os desenhos do altar de Caxias para que todas as unidades e repartições militares possam mandar construir fac-similes dessa relíquia destinados às suas capelas ou salões de honra.

Nessas condições os soldados católicos, nas vilas militares e alhures, eventualmente longe de igrejas e capelas, não poderão

ALTAR DE CAXIAS

8

ACESSÓRIOS



— CRUCIFIXO —

mais reclamar, como o grande brasileiro, "aqui não há altares onde se possa celebrar a missa. E, assim, a religião, penetrando a fundo na convicção e nos costumes do Soldado Brasileiro, produzirá frutos de disciplina, de moralidade e de compreensão do Dever.

Cel. SILVEIRA MELLO

Acampamento em barracas de madeira construído para alojar 20.000 homens

(Da revista americana "Construction Methods", n.º de Julho de 1941).

Em SAN LUIS OBISPO, na CALIFORNIA DO SUL, foi construído um acampamento semi-permanente para acomodar 20.000 homens, no qual se gastou a importância de \$16.300,00 (cerca de 326 mil contos, no cambio atual — 20\$000).



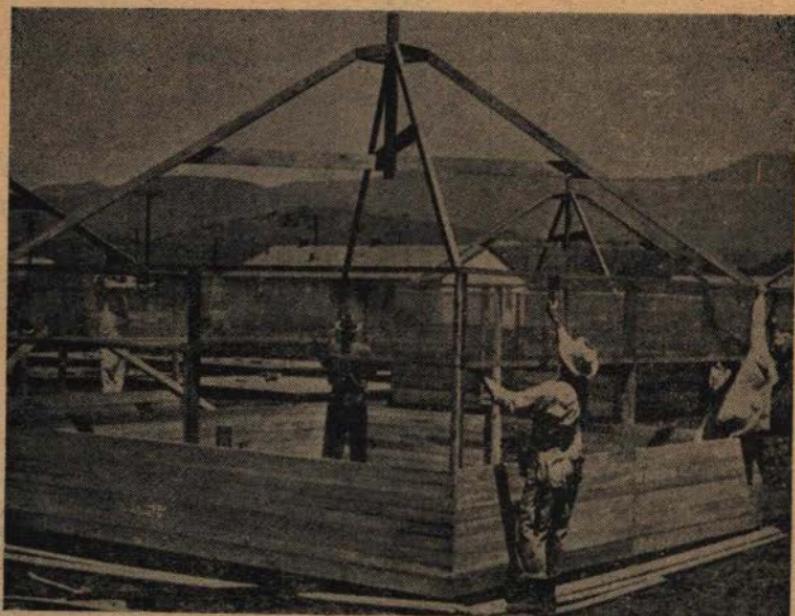
O acampamento de SAN LUIS OBISPO, na CALIFORNIA DO SUL é constituído por 4.700 barracas, cada uma alojando 5 homens, além de 528 edifícios de madeira, maiores e de vários tipos.

O clima dessa região permite tal modo de estacionamento, adequado às necessidades do Exército, em lugar dos barracões de madeira de 2 andares.

As barracas, destinadas cada uma a abrigar 5 homens, consistem em:

— estrutura de madeira,

- soalho de táboas,
- coberta de lona,
- paredes de táboas e lona impermeabilizada.



Estrutura do abarracamento (em cima e em baixo), assoalhos e alicerces de madeira vermelha. Um revestimento de taboas e depois de lona impermeabilizada constituirão as paredes.

Cada barraca é equipada com luz elétrica e aquecimento a óleo.

O projeto inclue:

- 4.700 barracas
- 153 refeitórios
- 31 armazens
- 31 depósitos para munição
- 14 alojamentos para oficiais
- 10 cassinos
- 166 lavatórios (pavilhões)
- 59 enfermarias
- 25 Estados Maiores (Cmdos.).

O número total de edifícios, alem das barracas, é de 528.

Um aeroporto cujo campo tem 160 acres (cerca de 720 Ha) e um hangar de 120 por 160 pés (36,6 m por 48,8) tambem se acham incluidos no projéto.

Como o acampamento fosse construido exclusivamente para tropas motorizadas, reservaram-se 13 peças para reunião dos parques e 14 estações de abastecimento de combustivel.

Antecedendo sua construção a firma encarregada, L. E. Dixon Co. de LOS ANGELES, teve necessidade de realizar um serviço de terraplenagem no valor de 3.000.000 de jardas cubicas de terra (2.743.200 m³). Para esse trabalho e outras operações de campo foram utilizados equipamentos pesados de construção (dos quais uma lista parcial mas típica acha-se anexa) no valor de \$2.000.000,00 (40.000:000\$).



Já revestidas de táboas em redor dos assoalhos, as bandas de lona impermeabilizada estão sendo pregadas aos caibros.

O serviço de terraplenagem começou no inverno de 1940, debaixo de grandes dificuldades, resultantes de uma estação

excepcionalmente chuvosa de 3 e meio meses, durante os quais o trabalho na tabatinga encharcada foi dos mais árduos.

Trabalhando através de profundos lamaçais, os tratores arrastavam grandes trenós de madeira de 7 por 10 pés (2,13 por 3,65), sobre os quais era colocado o material. Para o estabelecimento dos alicerces os trabalhadores tinham que se equilibrar sobre pranchas.

Neste trabalho a firma empregou 800 maquinas, inclusive 100 tratores, 36 vagonetes de capacidade superior a 35 jardas cúbicas ($32m^3$) e 76 escavadeiras, das quais 22 com capacidade superior a 25 jardas cúbicas ($23m^3$).

Para as barracas, refeitórios, enfermarias e demais construções foram utilizados 26.000.000 b. ft. de madeira, dos quais 18.000.000 nas próprias construções (barracas e edifícios) e o restante em ramais ferroviários (dormentes e pontes).

Durante os trabalhos as folhas de pagamento incluiram 6.700 operários, dos quais 1.600 carpinteiros.

Para assoalhos e estruturas foram utilizadas madeiras préviamente preparadas e transportadas; para os demais mistérios grande parte foi obtida com a exploração dos recursos locais.

Os alicerces de madeira vermelha foram montados debaixo de fortes aguaceiros e o mau tempo muito prejudicou as operações de pavimentação que consistiam em um leito de asfalto e concreto repousando sobre uma base de 12 polegadas (0,3 m) de pedra britada.

O estabelecimento de um ramal ferroviário ligado à principal linha do PACIFICO SUL muito facilitou a construção, tendo custado \$528.430,00 e tendo transportado 300.000 jardas cúbicas ($274.000 m^3$) de material.

MATERIAL — Tratores, 104; escavadeiras, 9; guindastes cartepilares, 4; compressores, 6; bate-estacas, 5; carroças caterpilares, 4; niveladoras, 36; carros lubrificantes, 6; trenós para transporte de madeira, 5; compressores de ar, 12; viaturas transporte de ferramentas, 33.

A MOTORIZAÇÃO E A MECANIZAÇÃO

(Como contribuem para o Exército, deslocando-se rapidamente e atirando com mais eficiência)

Por DAVID M. STEARNS

Traduzido de "POPULAR SCIENCE", de Agosto
por CIBELE SILVIA FONSECA

A tradutora deste artigo torna público seus agradecimentos ao Cap. Sinesio Sarmento, do Regimento Sampaio, e ao 1º Ten. Geraldo Alberto Gomes de Padua, do C. I. M. M., pelas preciosas sugestões e orientação técnica que imprimiram a seu trabalho.

A DEFESA NACIONAL felicita e aplaude calorosamente a tradutora deste artigo. O fato de uma mulher interessar-se por causas militares é um belíssimo sinal de que todos os brasileiros, sem distinção de sexo, já se preocupam por assuntos que dizem respeito à defesa nacional.

Temos a absoluta certeza de que, quando a tradutora pensou em fazer o presente trabalho, via apenas, em sua frente a imagem do Brasil grandioso, sempre forte, belo e invencível no coração dos seus filhos.

Ana Neri, Maria Angélica, Ludovica Portocarrero, enfim todas as nossas heroínas que vivem no Céu, estarão abençoando o gesto de Cibele Silvia Fonseca.

Os exércitos modernos devem ter velocidade para vencer as batalhas. Devem ser capazes de deslocar-se velozmente de um lugar para outro, combater em movimento tão bem como nas trincheiras e assegurar uma rápida circulação de reabastecimento às linhas de frente. Para fazer tudo isso requerem milhares de veículos automóveis.

O Exército dos EE. UU. não é uma exceção. Já possui perto de 200.000 dos veículos de que precisa e mais vão sendo posto em serviço, logo que são fabricados. Estes compreendem

Unidades motorizadas

TRANSPORTAM HOMENS E EQUIPAMENTO, EM VEÍCULOS A MOTOR, MAS COMBATEM COMO UNIDADES DE INFANTARIA.

Poderio de uma divisão motorizada:



OFICIAIS E
HOMENS
16.129



CARROS DE
ESTADO MAIOR
10



MOTO-
CICLETAS
133



CARROS DE
COMANDO
365



MOTOCICLETAS
(SIDE CAR)
107



TRANSPORTES
DE PESSOAL
603



TRICICLOS
A MOTOR
79



CAMINHÕES
1074



CARROS DE
RECONHECIMENTO
16



VEÍCULOS
DIVERSOS
315

ARMAMENTOS



| | | | |
|-----------------------|---------|----------------------------|-------|
| FUZIS, CALIBRE 30 | - 7.842 | METRALHADORAS, CAL.30 | - 179 |
| PISTOLAS CAL 45 | - 7.252 | SUB-METRALHADORAS, CAL.45- | 215 |
| METRALHADORAS, CAL.50 | 113 | CANHÕES, 37 mm | 60 |
| MORTEIROS DE 60 mm | 81 | CANHÕES 75 mm | 8 |
| MORTEIROS DE 80 mm | 36 | OBUZES 105 mm | 36 |
| | | OBUZES, 155 mm | 12 |

Unidades mecanizadas

EMPREGAM VEÍCULOS PARA COMBATER E PARA MARCHAR,
E TEM MAIS POTÊNCIA DE FOGO
—x—
UMA DIVISÃO MECANIZADA:



CARROS MEDIOS — 125
PESO 28 TONELADAS; EQUIPAGEM. DE SEIS;
UM CANHÃO DE 75 mm, UM CANHÃO DE 37 mm
E QUATRO OU MAIS METRALHADORAS.



OFICIAIS E
PRAÇAS
10.697



MOTOCI-
CLETAS
534



"BANTAMS"
290



CARROS DE RE-
CONHECIMENTO
(SCOUT CARS)
110



CARROS ESTADO-
MAIOR - 23.



CARROS DE
COMANDO
127



CARROS DE ROLA-
MENTO MIXTO
BLINDADOS
740



CAMINHÕES
1.004



VEÍCULOS MIXTOS
75



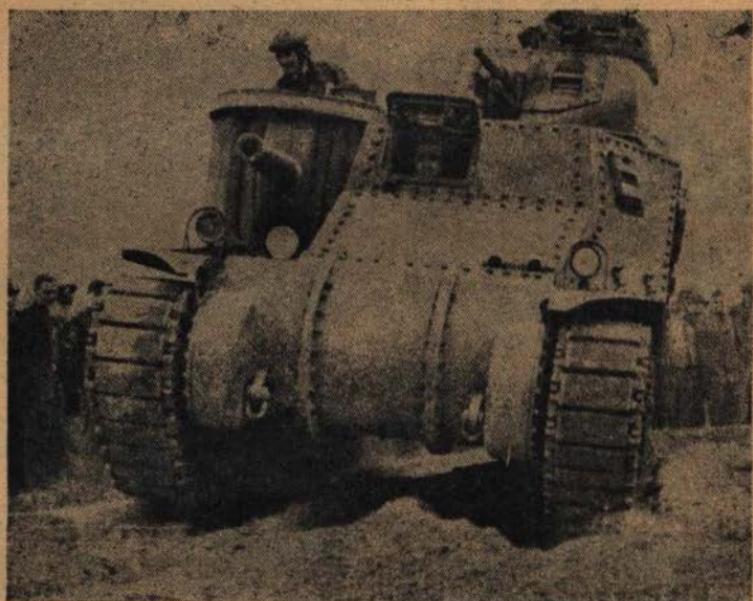
CARROS LEVES
290

ARMAMENTOS



| | | | |
|--------------------------|--------|---------------------|-----|
| FUZIS, CALIBRE 30- | 2230 | CANHÕES DE 37 mm | 473 |
| METRALHADORAS, CAL 30- | 4021 | MORTEIROS DE 60 mm | 26 |
| PISTOLAS, CAL 45- | 10.211 | CANHÕES DE 75 mm | 125 |
| PISTOIS DE MÃO, CAL. 45- | 7.824 | MORTEIROS DE 81 mm | 18 |
| PISTOIS., CAL. 50 - | 852 | OBUSEIROS DE 105 mm | 36 |

dem desde motocicletas e carros do tipo "bantam" até carros de combate de 28 toneladas e tratores gigantes de alta velocidade para rebocarem canhões de 15 toneladas.



O carro médio M-3 do Exército dos EE.UU. é uma verdadeira fortaleza rolando. Desloca suas 28 toneladas a uma velocidade de 30 milhas por hora nas estradas.

Há no Exército dois termos para exprimir os modos como esses veículos são empregados. São eles: "mecanização" e "motorização". Embora sejam muitas vezes mal interpretados pelo povo como designando a mesma coisa, estes termos atualmente têm significações muito diferentes.

Uma unidade "mecanizada", na linguagem militar, designa uma entidade dotada de veículos armados e blindados, tais como carros de combate e carros de reconhecimento (**scout cars**), que os militares utilizam na guerra. Além disso, tem tantos veículos de transporte de cargas e passageiros, que cada homem e a menor quantidade de víveres e munição se acha sobre rodas quando a unidade está em marcha. Uma

unidade "motorizada", por outro lado, tem veículos de carga, de passageiros e de outras espécies em número suficiente para transportar seus homens e material diretamente às linhas de frente, mas aí os homens descem e combatem a pé, enquanto os veículos se retiram para zonas mais protegidas. Não possue muitos veículos blindados que possam entrar em ação.

No Exército Americano o termo "blindado" é usado quase como sinônimo de "mecanizado", de modo que a Força Blindada é realmente uma força mecanizada. Também representa a parte de elementos combatentes onde o emprego de veículos se tem desenvolvido ao mais elevado grau. É o equivalente americano da "Panzer" e das forças "blitzkrieg" de exércitos estrangeiros.

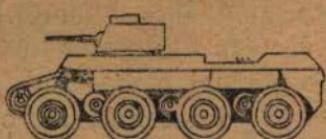
Hoje ele tem quatro divisões organizadas, embora há um ano atrás não tivesse nenhuma. Dentro de poucos meses estarão completamente dotadas de pessoal e material, o que significa que cada divisão terá 10.097 conscritos, 600 oficiais e mais de 3.000 veículos. Daqui a um ano, salvo engano, a Força terá sido aumentada para oito divisões.



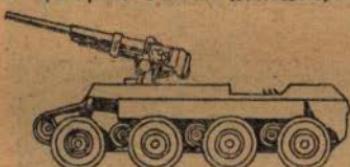
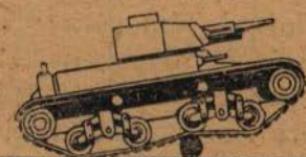
CARRO-SEM-LAGARTAS. Uma combinação de carro de combate e automóvel blindado é este veículo experimental, o qual pode ser visto quando submetido a provas pelos técnicos da Força Blindada no Forte Knox, Kentucky. Pesa dez toneladas e é acionado por um motor Diesel; segundo o produtor, pode fazer 80 milhas por hora nas estradas. Seu raio-de-ação sem reabastecimento é de 500 a 600 milhas. Tração nas seis rodas traseiras; direção nas duas da frente. Para realizar curvas fechadas todas as rodas de um lado podem ser freiadas.

Cada uma dessas divisões tem seis vezes mais potência de fogo e dez vezes velocidade e raio de ação de uma antiga divisão a pé. Pode manter uma velocidade de 30 milhas por hora (perto de 50 km/h) nas boas estradas e fazer etapas diárias de 150 milhas (cerca de 250 Km.), ou mais em marchas forçadas. Entra em ação em condições de atirar 700 toneladas de projétils de toda sorte. De tal modo se basta a si mesma que pode cobrir de 300 a 500 milhas (aproximadamente 500 a 800 Km.) sem receber qualquer reabastecimento alem do que carrega em seus caminhões.

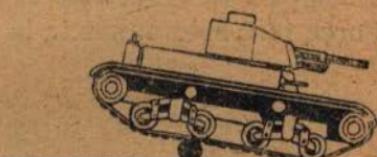
O CARRO SEM LARGATAS OFERECE UMA BOA PLATAFORMA DE CANHÃO.



Com um canhão de tiro rápido montado numa torre, ele poderia ser um "tank destroyer".



Com um suporte para um canhão anti-aéreo, ele poderia oferecer grande mobilidade e grande velocidade.



Enquanto o carro de lagartas bascula ao passar sobre um obstáculo, prejudicando a pontaria de um canhão fixado à torre...



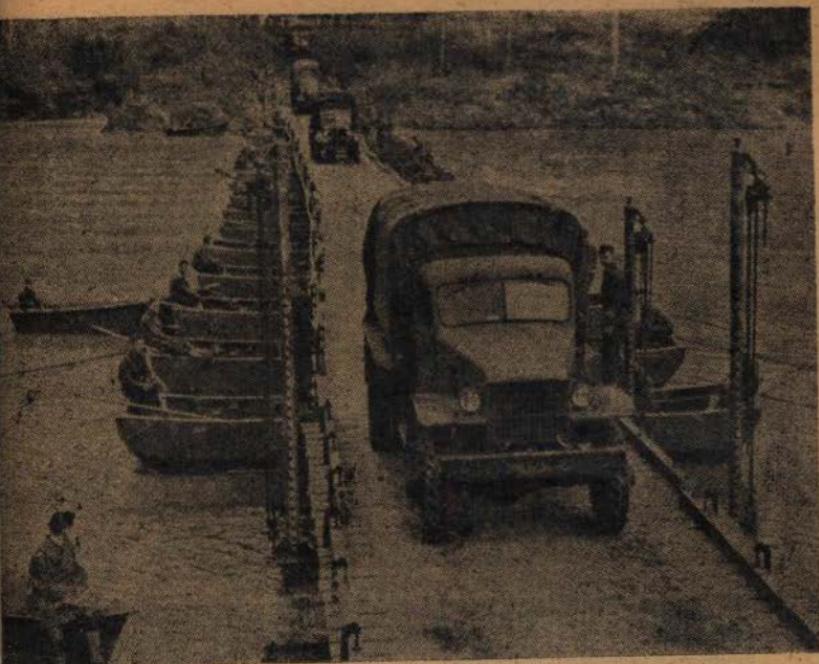
Um canhão de assalto poderia ser levado diretamente à frente, atirando em movimento.



... o carro sem lagartas permanece horizontal quando cada roda se ergue acima do obstáculo

Com um peso total de 8.500 toneladas de veículos, toma naturalmente uma provisão de combustível para transportar-se a grande distância. Nos reservatórios dos veículos há capacidade para 123.000 galões de gasolina e óleo Diesel, o equivalente de 15 carros-cisternas de estrada de ferro, e

0.000 galões desse abastecimento são queimados em cada 00 milhas (cerca de 160 Km.) que a divisão percorre. Isso significa que para cobrir 300 milhas, 90.000 galões de combustível, alem dos dos reservatórios dos veículos, devem ser embarcados com o material quando ela deixa sua base.



ão necessários 700 galões de combustível para deslocar uma divisão mecanizada uma milha. Alimentar 10.097 homens e sustentar 3.000 veículos é um importante problema do transporte.

Os homens devem ser alimentados tão bem como os moreres, mesmo se uma divisão mecanizada marcha sobre rodas. Para conseguir isso sem prejudicar o raio de ação da unidade, galões a gasolina são montados em cozinhas rodantes, de modo que os cozinheiros possam iniciar preparo de uma refeição, enquanto a tropa ainda está em marcha.

Um importante problema de que as unidades mecanizadas e motorizadas compartilham com o resto do Exército é a preparação de novos homens.

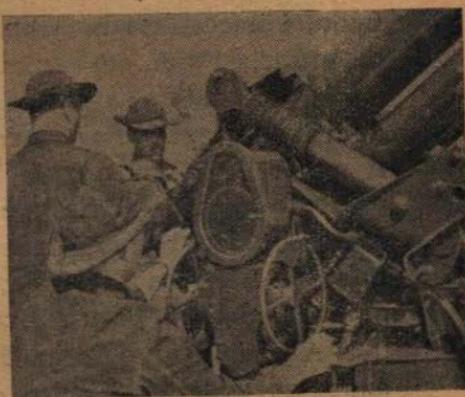
No caso das unidades que marcham sobre rodas e não a pé, o problema é, todavia, um pouco mais complicado: os recrutas devem aprender todos os preceitos da vida militar que qualquer praça deve saber e, além disso, devem saber dirigir e conservar carros de combate, caminhões e outros veículos.



Legenda na página seguinte

A rapidez com que os recrutas da Força Blindada estão sendo formados é uma recomendação para seu comandante, Maj. Adna R. Chaffee, e outros oficiais que planejaram a organização da Força muito antes do Congresso fornecer verba

ra creá-la, e para o Coronel Stephen G. Henry. O Cel. Henry, comandante da Escola da Força Blindada, no Forte Knox, Kentucky, surpreendeu a oficiais e aos próprios soldados na primeira Grande Guerra pela rapidez com que foi capaz de preparar os infantes americanos na França. Agora está empregando a mesma técnica para dar aos recrutas da Força Blindada a instrução básica com a maior rapidez possível.



Os CANHÕES ANTI-AÉREOS devem ser capazes de defender o solo num instante. Na estrada, este de três polegadas (cerca de 76 mm.) corre a 40 milhas por hora sobre um transporte que se desdobra para formar uma plataforma de tiro (Vide página 798). Os canhões duma bateria são puxados por caminhões de 7 Ton. e acompanhados por caminhões e reboques carregados de instrumentos de comando de fogo, dinamos e munição. Em ação, um cérebro mecânico (2) faz leituras de telêmetros e outros instrumentos e combina-as automaticamente para calcular os dados de tiro que são transportados para mostradores nos canhões (3). Há dois mostradores em cada canhão, um de cada lado. Um atirador em cada mostrador gira volantes até que a posição do canhão concorde com os dados de tiro observados.

Para eliminar inconvenientes preliminares o Cel. Henry usa testes simples mas eficientes. Para receberem a instrução de motociclistas, por exemplo, os soldados devem mostrar que sabem andar de bicicleta. Se não podem fazê-lo, não é

necessário perder tempo com eles. Os soldados que desejam ser radio-operadores da Força Blindada veem-se primeiramente com um jogo de fones às orelhas antes de receberem qualquer instrução. Se podem reconhecer certos grupos de sinais nesses pontos e traços com que são bombardeados, é um bom indicador de que serão capazes de apanhar mensagens do exterior mesmo às sacudidelas dentro de um carro de combate barulhento com um canhão de 37 mm. ou 75 mm. percutindo violentemente não muito longe de suas cabeças — e isto não é fácil.

Instruções desse tipo, entretanto, é apenas um começo. Depois que deixam a escola, os soldados recebem mais instrução trabalhando no campo. Segundo oficiais da Força Blindada, é necessário um ano inteiro para adaptar um soldado da própria Força em seu posto na máquina de guerra.

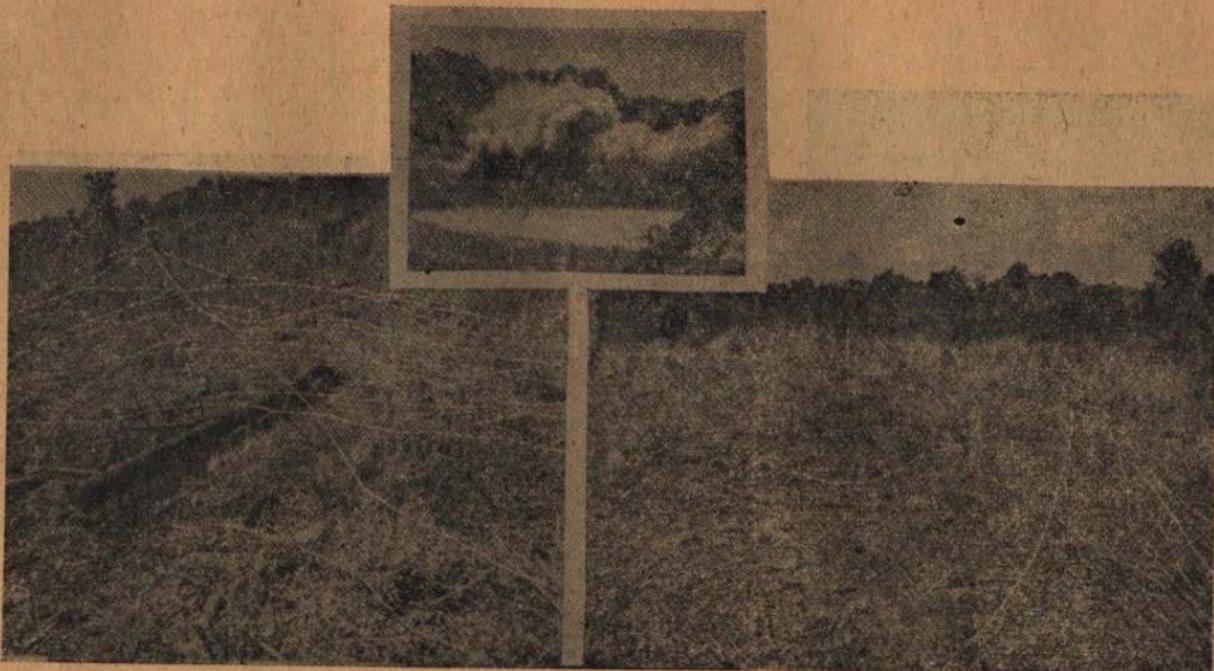
Os oficiais e os soldados devem aprender a importância de trabalharem juntos o que não pode ser ensinada na escola. A maior lição que o Exército Americano tem aprendido durante a presente guerra na Europa é a importância da cooperação entre as partes componentes do Exército: Aviação, Artilharia, Infantaria, Força Blindada, Cavalaria, Engenharia — todos devem trabalhar para o Exército ser eficiente.

A posição que Força Blindada ocupa exige que seus soldados aprendam a técnica de "ruptura"; fazer uma brecha na linha inimiga ou desbordar seu flanco e tentar atingir a zona da retaguarda e linhas de reabastecimento. Eles devem aprender que o ramo de sua especialidade tem um tremendo poder de ataque, mas é fraca para uma ação demorada. Devem aprender que seus veículos tentam agir em terreno desfavorável, como em região montanhosa ou em pântanos, eles são mais do que inuteis.

As maiores armas nas fileiras de uma divisão mecanizada ou blindada são carros médios. Infelizmente o Exército possui relativamente poucos deles porque, quando o programa de defesa foi aprovado, não havia muitas fábricas em condições de construir-los facilmente. A produção estava longe de prosseguir pelas mudanças de modelos tornadas necessárias com o desenvolvimento no exterior.



DEDOS MECÂNICOS no cortador de espoletas armam a espoleta do projétil para explodir precisamente na altitude determinada. Este engenho, montado próximo à culatra do canhão, é também comandado pelo cérebro mecânico. À direita, municiadores introduzem um projétil na culatra numa tarefa de conjunto típica em todo exercício anti-aéreo.



Para abrir uma passagem numa rede de arame inimiga, uma carga alongada é introduzida em baixo dela e detonada por meio de espoletas ordinária ou elétrica. Na fotografia acima, uma carga de 30 libras rebentou o arame.

Quando a Força Blindada foi organizada há um ano, os únicos carros médios que o Exército possuia eram de 18 toneladas. Seu armamento mais pesado era um canhão de 37 mm. e sua blindagem não era suficientemente espessa para resistir aos projétils dos canhões anti-aéreos dos exércitos estrangeiros. Mas, os colossos que em breve sairão das fábricas, conhecidos por M-3, pesam 28 toneladas e levam um canhão de 75 mm., guarnecido por um de 37 mm. e quatro ou mais metralhadoras de calibre 30 (7,62 mm.). Têm blindagem mais pesada que seus predecessores e fazem 30 milhas por hora nas boas estradas e de 20 a 30 milhas em qualquer terreno.

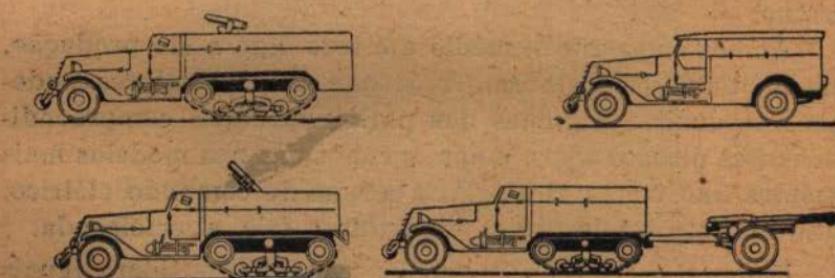
Junto a estes, na ordem de tamanho, estão os carros leves que, a despeito de sua designação, pesam 12 toneladas. Por serem agora produzidos cinco vezes mais depressa que no começo de 1941, estes carros são um bom exemplo de como a mecanização tem aumentado a velocidade e a potência de fogo da tropa. Um simples carro leve tem a potência de fogo de 40 infantes. Suporta um canhão de 37 mm. que atira um projétil de quasi um quilo, perfurante ou de alto-explosivo, e quatro metralhadoras de calibre 30. Estas últimas podem ser retiradas de seus suportes e empregadas em terra si o carro for avariado. Finalmente tal carro pode fazer 45 milhas nas estradas, 30 ou mais em qualquer terreno.

Ambos os carros, o médio e o leve, agora em produção, reunem todos os melhoramentos que os construtores puderam introduzir. Algumas das particularidades compreendidas nestes últimos tipos, e não encontradas nos modelos mais recentes, são torres giratórias e armas de comando elétrico, visão indireta e telescópica e partida a frio, aperfeiçoada.

Embora o Exército possua carros que considera iguais aos construídos no estrangeiro, não tem interrompido as experiências. Recentemente iniciou provas em um veículo de oito rodas, um carro-sem-lagartas (**trackless tank**), que tem sido chamado ao mesmo tempo de carro de combate e carro de perseguição. Segundo o produtor, este carro de 10

toneladas com motor Diesel pode fazer 80 milhas por hora (130 Km/h aproximadamente) e cobrir 500 ou 600 milhas sem se reabastecer (cerca de 900 km., em média). Devido à pequena altura do centro de gravidade e sistema de suspensão das rodas tipo-avião, supõe-se que ele possa servir de plataforma de canhão muito mais estavel que o tipo clássico de carro de combate. Alguns técnicos de mecani-

A PADRONIZAÇÃO PROPORCIONA CONSERVAÇÃO MAIS FÁCIL.



Montado sobre rolamento-mixto o carro de pessoal pode transportar oito homens. a) Semelhante, exceto no comprimento, é o transporte de pessoal. Comporta 14 homens; b) O carro de reconhecimento anda sobre rodas. Desenvolve uma milha por minuto nas estradas; c) Carro de rolamento-mixto empregado como trator para rebocar um canhão; d) Carro de rolamento-mixto transportando um morteiro, pronto para atirar ou desmontado.



A conservação é simplificada pela Força Blindada com a limitação dos veículos a oito tipos principais. Os cinco carros estudados foram um grupo tal que as peças sobressalentes são intermutáveis. Isso torna facil também preparar mecânicos para oficinas de campanha, como se vê na figura.

zação acreditam que a resposta à ameaça com carros é um carro "destroyer" (1), cujo fim único será atacar e destruir os carros inimigos. Um veículo como o carro-semelagartas, equipado com um simples canhão de 75 mm., pode vir a ser ideal para esse tipo de combate. O produtor também afirma que se poderia empregá-lo, eficientemente, como um transporte de grande mobilidade para peças pesadas, como canhões anti-aéreos ou canhões de assalto (2).

A-pesar-dos carros de combate serem os **pesos-pesados** da Força Blindada, são numericamente uma pequena parte dos veículos que ela emprega. Uma divisão blindada tem somente 290 carros leves e 125 médios para 792 canhões de 2 1/2 toneladas, 534 motocicletas e 290 "bantams" (3).

(1) O sentido de "destroyer" (destruidor) parece-nos relacionado com o poder vulnerante dos navios de guerra desse nome. Trata-se, de certo do "carro-caçador".

(2) **Assault guns** — Correspondentes à artilharia de assalto do Exército Alemão (tiro direto).

(3) "Bantam", inicialmente marca de um fabricante, designa atualmente o tipo desses carros. Agora são produzidos por Bantam, Willys e Ford. Receberá, possivelmente, entre nós o nome genérico de "carro-de-ligação".

acrescidos de carros de reconhecimento (**scout cars**) e outros veículos da mesma divisão.

Os "bantams", também conhecidos pelos soldados como "beetle-bugs", "jeeps" e vários outros nomes (4), são pequenos veículos robustos, só recentemente adotados no Exército. Pesando 2.700 libras (1.200 e poucos quilos) completamente equipados, eles estão demonstrando ser eficientes na Força Blindada, como em qualquer outra arma. Com a potência de 45 cavalos, quatro cilindros, motor a gazolina e dotados de tração nas quatro rodas, transportam três homens e uma metralhadora a 60 milhas por hora nas estradas. Sua pequena distância entre eixos torna-os de rápida manobra em pequeno espaço e, trabalhando em qualquer terreno, eles podem fazer tudo, menos subir em árvores. Se cairem num atoleiro, sua equipagem pode geralmente tirá-los para a terra sólida e carregá-los com suas próprias forças. Estes veículos demonstraram também eficiência para rebocar canhões anti-carros de 37 mm. montados sobre duas rodas.

Para simplificar a tarefa de conservar sua multiplicidade de veículos, a Força Blindada decidiu-se pela ampla padronização. Quando foi organizada, cerca de 35 tipos diferentes de veículos automóveis e de outro material rodante foram encontrados nas unidades de artilharia, infantaria, cavalaria, engenharia e serviços, os quais foram reunidos para formar a força.

Agora isso foi reduzido a oito tipos principais, com algumas unidades mixtas, tais como carros de depanagem e caminhões-oficinas. Isto quer dizer que, quando uma divisão blindada se desloca, terá que transportar peças sobressalentes para oito tipos de veículos apenas em vez de 35.

Além das oito divisões mecanizadas ou motorizadas que empregarão todo este material, o Exército já tem uma divisão de infantaria motorizada e está planejando quatro mais no

(4) "Beetle-bugs" quer dizer percevejos; "jeeps" procede da denominação dada pelo caricaturista Segar ao cachorro do boneco de sua criação, **Popeye**.

próximo ano. Si as fábricas continuarem produzindo armamento, carros de combate e caminhões o Exército não tem dúvida de que pode construir tanto uma boa máquina de guerra como tudo aquilo com que se possa lançar contra o inimigo.

A DEFESA NACIONAL

é do Exército

Trabalhar para ela é trabalhar

PARA O EXÉRCITO

MANDEM SUAS
COLABORAÇÕES



INDANTHEN

tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE OLIVA, a tricoline cinzenfa, a MESCLA e as LONAS, para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHEN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHEN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e
Marinha

HICIAÇÃO - ADESTRAMENTO

Cap. Hugo Garrastazu



DARA PARA O CAVALO D'ARMAS DESTE ANO?

A pergunta geralmente era feita quando faltavam 8 semanas para as provas e o instrutor nem respondia. Nos corpos de tropa havia muitos cavaleiros novos e muitos cavalos velhos. Às vezes aparecia um animal novo e paradoxalmente ficava abandonado porque era novo e em regra magro. Como ia dar muito trabalho, um "olho clínico", geralmente um que não montava mais, avançava logo o diagnóstico: não dá para salto e não possui resistência para o "cross". Os tenentes pensavam ser a experiência quem falava e, como o espécimen não podia provar o contrário, passava logo à montaria de praça e no fim de pouco tempo era apenas mais um número na relação do pelotão. Sempre houve e há poucos Medeiros Pontes e por isto são raros os animais fornecidos pela Remonta que atingem as culminâncias dos campeonatos.

O presente trabalho, feito quando eu era aluno na Escola das Armas em 1939, vai aparecer apenas com um objetivo:

Fazer com que alguém, lendo aqui o que está escrito no Regulamento "que nem sempre está à mão" ou no livro do Cap. Licart, que poucos possuem, seja tentado a ir à baia e tire de lá um dos animais que está à espera do seu cavaleiro e portanto da sua oportunidade.

Qualquer um pode trabalhar um cavalo e levá-lo a campeonato, pode até escrever sobre equitação, tudo estando querer ou ser levado a fazê-lo...

Se já escolhemos o cavalo, vejamos como proceder:

Para o estabelecimento de qualquer progressão, precisamos partir de um ponto atingido e conhecer o objetivo sem o que, não sabendo onde queremos chegar, como vamos escolher o caminho?

Partindo pois do nosso caso comum, um animal fornecido pela Remonta, que o adquiriu numa fazenda do Rio Grande por exemplo, que teremos diante de nós?

Com raríssimas exceções teremos um animal de 5 ou 6 anos que foi subjugado por um cavaleiro empírico, mais ou menos habil, sempre rotineiro e que, de acordo com a tradição ainda utiliza processos rápidos mas que, por violentos, não são os melhores.

Este animal, potro ainda, foi encerrado numa mangueira ou passado num Brete para "agarrado". No primeiro caso, foi laçado, derrubado e maneado para em seguida ser ensilhado (ainda no chão) e, com um pedaço de couro cravado na boca (à guisa de bocado), foi montado e por entre corcovos e reações de toda espécie, levou uma surra regular. No 2.º caso o processo inicial foi mais racional, mas, como não havia tempo a perder e outros animais esperavam sua vez, no fim de 2 ou 3 dias foi ensilhado dentro do Brete e à saída, depois de bem agarrado, foi montado e, como ainda não estivesse em condições de receber o peso do cavaleiro, reagiu e levou também sua dose de chicote e esporas, depois de ter sido bem **puchado** de baixo **afim de quebrar o queixo**.

Em qualquer dos casos, o animal em questão, no fim de 3 ou 4 galopes (ele que se acha em **completo desequilíbrio devido ao peso do cavaleiro**) levou muito tirão e mais chicote esporda se continuou a reagir. Descrevendo linhas sinuosas, ibre-carregado no ante-mão, pescoço estendido para frente para baixo, lá vai ele apanhando para trotar e galopar, sem prender o que lhe estão a exigir. Após os primeiros dias origam-nos a fazer algumas voltas largas no início e depois as curtas.

Como o animal "se desfigura" muito, emagrece e está "esfolado" nas barras devido a ação do "bocal" é solto novamente para o campo e 2 ou 3 meses depois novamente agarrado com o título de **Redomão** afim de ser "enfrenado". Freio de ferro, bocado muito alto, vasta passagem de lingua, é o instrumento com que terá de se haver.

Encerrado numa mangueira, rédeas ajustadas e presas uma cilha passada um pouco atrás do garrote, fica vários dias "se acostumando com o freio" e depois é montado e exercitado com ele. Após algumas trotadas e galopadas, quer em linha reta quer em círculos de raio maior ou menor, conforme a "disposição" em que se achar o **domador**, o animal está pronto e é mais ou menos nestas condições que é apresentado à venda.

Uma vez adquirido recomeça o martírio. Desde o depósito até ao lugar de destino é um nunca acabar de **marcas, acinas** e adaptações de toda a espécie inclusive a transição o pasto para a forragem concentrada — o grão.

O PROBLEMA PROPOSTO

Eis pois o animal que vamos começar a trabalhar.

Por onde começar? O Regulamento de Equitação parece que nos responde em o n.º 216. Uma vez que os 1.º e 2.º objetos já estão mais ou menos atingidos, vamos nos lançar ao 3.º "desenvolvimento da habilitação física, submissão mais centuada às ajudas. Duração: 5 a 6 meses.

Depois entraremos na fase do adestramento propriamente dito.

POR ONDE INICIAR?

A primeira cousa que teremos à fazer é montar o animal e verificar em que condições ele se acha. Podem apresentar casos interessantes, animais muito bem confinados, índole muito boa aliada a muito sangue e que tenha sido domados e iniciados por um cavaleiro paciente e inteligente. É lógico que com um animal nestas condições teremos meio caminho andado e não perderemos tempo em fazê-lo esquecer lições mal dadas. Mas, de uma maneira geral, cavalo que recebemos **não está direito e não sabe andar**.

— “A base de todo nosso trabalho será a franqueza e movimento para frente”.

A primeira lição pois a dar será fazer com que o cavalo ceda à ação das duas pernas. Constantemente voltaremos a ela. Para isso teremos que seguir a progressão estabelecida pelo n.º 225 do 2.º volume do R. Eq.

— Colocaremos um Bridão de Memonta no nosso animal e, rédeas sempre tensas, desde que obedeça a ação das pernas ele será levado, insensivelmente, trabalhando em linha reta ao passo, ao trote e ao galope, a utilizar o procurado de canço sobre a mão. Nas primeiras lições a mão deve opor-se à extensão do pescoço logo: **pernas ativas e mãos passivas**. Mas, o cavalo que estamos trabalhando ainda é um animal desequilibrado, devemos pois dar uma grande **atenção à direção da base do pescoço do nosso animal**. A sua elevação favorece o engajamento dos posteriores — ponto capital da entrada em equilíbrio do cavalo montado.

ONDE APARECEM AS RESISTÊNCIAS E COMO AGIR NAS PRIMEIRAS LIÇÕES

É pela contração dos músculos do pescoço que vão aparecer as resistências.

No início do trabalho é sobretudo por meio das rédeas que submeteremos nosso cavalo. As pernas não podem ainda comandar diretamente as flexões da coluna vertebral e é na extremidade anterior onde o animal pode nos oferecer menor número de resistências.

Mais adiante os processos serão modificados. As partidas ao galope, por ex.: — que no início serão pedidas por perda de equilíbrio (sobre as espáduas), mais tarde serão pedidas por entrada em equilíbrio (sobre as ancas) e teremos então a predominância da ação muscular.

AS ESPORAS DEVEM SER EMPREGADAS DESDE O INÍCIO ?

As esporas podem ser empregadas desde o início com cavalos particularmente lerdos, mas mesmo neste caso, no início não devem ter rosetas. Em cavalos de sangue devemos surpreender-lhe o uso no início ou envolver as rosetas em pano ou couro. O cavalo deve acabar por suportar, sem se defender, o contato das esporas. E' mais variada a gama de intensidade no emprego das esporas, seu uso deve ser regulado de acordo com a sensibilidade do animal. E para usá-las convenientemente é preciso ter assento e não esquecer que o seu emprego tem por fim fazer com que o animal obedeça o menor aumento de pressão das pernas e que mais tarde, apenas com estas provocaremos a encurvatura da coluna vertebral e os deslocamentos de peso daí resultantes. A partir deste momento, as pernas substituem cada vez mais as mãos na conduta do animal.

AS PARADAS

Partindo sempre do princípio de que o adestramento não é mais do que a procura do equilíbrio, empregaremos as **paradas** principalmente nos animais de postmão alto e forte e por conseguinte dificeis de moderar nas andaduras. Nas paradas ajustaremos progressivamente os dedos sobre as redeas, erguendo a parte superior de corpo e não devemos esquecer

que a uma tensão das rédeas o animal responderá com uma tração igual e em sentido contrário. Curtas no início do adestramento as rédeas vão se tornando depois um pouco mais longas e como a tensão não deve ser **contínua de maneira absoluta**, sob pena de condenar os movimentos do pescoço e de entravar o jogo de todas as partes moveis do animal, as mãos terão que ceder continuamente seja no sentido da nuca (cavalo que encapota), seja para levantar a base do pescoço (descida de mão).

COMO ENSINAR A ASSOCIAÇÃO DAS RÉDEAS E PERNAS

Ensinarémos, com as Conversões, a ação que resulta da abertura de uma rédea e da pressão de uma perna, habituando-o a deslocar a garupa para o lado oposto àquele em que a perna age.

O RECUAR

Falta-nos agora fazer o nosso cavalo dar alguns passos para traz (movimento secundário para a iniciação) sem estar montado.

QUANDO ENFRENA-LO NOVAMENTE ?

Desde que o cavalo se entregue nas andaduras francas e distendidas e que aceite sem hesitação o descanso na mão podemos enfreá-lo novamente.

Digo novamente porque ele já o foi uma vez sem que estivesse preparado para isto, e o trabalho que vimo fazendo com o bridão e o cuidado que dispensamos ao movimento para a frente tem tambem como objetivo fazê-lo esquecer as más lições que recebeu e obter um apoio confiante, afim de que possamos nos **unir** a ele e estabelecer um entendimento que, com o decorrer do adestramento deverá ser cada vez mais perfeito. Teremos tambem o cuidado de evitar que ele

sobrecarregue o antemão e se “pendure na nossa mão”. Daí para diante alternaremos o trabalho com freio e com o bridão.

OS TRABALHOS NO EXTERIOR

Os trabalhos no exterior têm uma grande importância e, encontrando terrenos macios, como os há aqui, ou gramados no Sul, devemos fazer nosso cavalo galopar durante bastante tempo e assim lhe iremos flexionando o antemão e o postmão e desenvolvendo-lhe as faculdades respiratórias. Faremos também intervir o trabalho em terreno variado e acidentado. Daremos grande liberdade de pescoço ao animal e ele irá aprendendo a se desembaraçar por si e se preparando para a passagem e salto de obstáculos.

QUANDO E COMO CONHECERA' O OBSTÁCULO

Iniciaremos o ensino do cavalo no obstáculo quando ele esteja em condições de suportar o esforço. Primeiramente pela mão e em seguida na guia, ele que está acostumado a seguir seu cavaleiro, não hesitará em passar os pequenos obstáculos naturais que lhe depararemos mas, aí é preciso andar pouco para chegar depressa. Nada de atemorizar o animal nem acovardá-lo principalmente por estar ele em liberdade e por tanto senhor de seus movimentos.

Começar o trabalho com a barra no chão voltar continuamente ao trabalho no exterior e procurar acalmá-lo desde o início, fazendo-o saltar partindo do passo e do trote. Com isto aproveitaremos também para levantar-lhe o antemão. Depois saltará em liberdade e finalmente montado. Isto se fará em obstáculos faceis e quando ele já esteja habil no salto na guia e em liberdade.

CHEGAMOS POIS AO NOSSO PRIMEIRO OBJETIVO

O nosso cavalo anda bem para a frente, tem confiança no seu cavaleiro, já não se deixa mais arrastar pelo peso que

lhe infrigimos; o jogo de seus membros tornou-se regular nas suas bem decididas andaduras, seu moral acalmou-se e ele está perfeitamente em condições de acompanhar a linguagem das ajudas e de ceder às suas exigências.

O TEMPO DECORRIDO

E que tempo decorreu? Passaram-se 5, passaram-se 6 meses ou o trabalho de que tratamos levou menos tempo?

Aí faz-se mister outras perguntas:

— Quem o está montando? E' um cavaleiro experiente? Tem trabalhado com afinco? Tem sabido aproveitar o tempo? Nada houve de anormal? — Então é possível que estejamos no fim do 4.º mês.

A FASE DO ADESTRAMENTO

— Passaremos então ao Adestramento e o cavalo vai aprender a **regular o seu equilíbrio e ações** para executar, segundo o pedido do cavaleiro, movimentos que no começo, se fossem solicitados, degenerariam em defesas. Vai aprender a obedecer prontamente, com justeza, facilidade e energia; vai ser um cavalo franco à ação da perna e leve à da mão.

No fim do adestramento ele passará "sobre as espáduas", para "sobre" as ancas, segundo a vontade do cavaleiro. Será um animal submisso à vontade do cavaleiro, perfeitamente senhor de seu "equilíbrio" e portanto um animal **adestrado**.

— Isto só poderá ser obtido com o aumento do engajamento dos posteriores e a elevação da base do pescoço, um não podendo ir sem o outro.

SEMPRE O EXTERIOR

— Aqui, como na iniciação, o trabalho no exterior constitui a parte essencial. O trabalho no exterior e no picadeiro deve ser bem regulado e este não deve, em princípio, exceder de um terço àquele.

EXPLORAR A MEMÓRIA, EVITAR A IRRITAÇÃO

E' preciso tirar o maior partido da memória do cavalo. Entre este e o cavaleiro é preciso haver uma linguagem e esta espousa na lei das associações de sensação: "Quando certas impressões foram produzidas simultaneamente ou se sucedem imediatas, basta que uma delas seja apresentada ao espírito para que outras nele ressurjam ao mesmo tempo". O Eq. cita vários exemplos a este respeito. Já nos foi demonstrado o inconveniente de se trabalhar **um animal irritado**.

— Quando isto acontecer é necessário parar, esperar que se acalme para então prosseguir. Isto deve sempre serembrado durante o trabalho.

AS RESISTÊNCIAS

— Como é lógico, as reações continuarão a aparecer e terão que ser combatidas. "Resistências de peso serão combatidas com meias paradas e resistências de força com vibrações". Aquelas têm por fim manter os músculos da base do pescoço em estado de contração; estas, as vibrações, compaterão as de força e em particular as das queixadas.

— Mãoos rilgorosamente fixas terão um poder maior do que as **trações**.

O freio e a espora quando manejados com justeza, permitem abaixar a duração do adestramento.

A IMPULSAO

No adestramento procuramos também a impulsão que não deve ser confundida com a velocidade. Aquela constitui a base do adestramento e sua sede é o postmão. Do estudo sobre a posição da cabeça e do pescoço chegaremos ao "recolhimento" (cabeça um pouco na frente da vertical), isto é procurado desde que o animal recebe o freio. E' pelo trabalho nas linhas retas, pelo **alargamento** e **encurtamento** de andaduras que se leva o cavalo a tomar esta atitude.

AS PERNAS PRECEDEM AS MÃOS

Se as pernas têm papel capital: suas ações devem prececer sempre às da mão. "Uma vez engajado na impulsão, o cavalo encontra a mão que, **mantida fixa e baixa**, oferece à boca um apoio macio, que restringe a extensão do pescoço fixa a cabeça e determina sua flexão, o **recolhimento**".

Assim que o cavalo tenha obedecido, as pernas cessam de agir, os dedos afrouxam e **só tornam a agir se a cabeça** retoma uma posição defeituosa. Pernas e mãos não devem se contrariar. Já falamos nos alargamentos e encurtamentos para obter o recolhimento e se o animal faz movimentos em altura é porque a mão não cedeu a tempo de deixar agir a impulsão. Se no encurtamento o cavalo se atravessa, para corrigí-lo, devemos opôr-lhe a espadua ao quadril. Após bem executado este trabalho em linha reta, nosso cavalo deve praticá-lo em círculo o que vai permitir obter-se uma sotoposição maior do quadril interior. O cavalo deve trabalhar sempre reto e na diminuição do círculo é preciso evitar que ele o faça por si ou altere a andadura. Os alargamentos e encurtamentos do galope, quando executados no exterior tem a vantagem de poderem ser feitos em todas as variedades do galope. **Precisamos ensinar agora o cavalo a se equilibrar a si mesmo** pela sotoposição do postmão e a ficar imovel — vamos obter isto com as paradas (ação de dedos cerrados sobre as redeas tensas). A parada torna o cavalo mais leve. Se o cavalo de que tratamos tem o rim forte, não haverá inconveniente em empregar as Paradas (desde que não se abuse delas). A meia parada pode também ser empregada pois irrita menos o cavalo e qualquer animal pode suportá-la.

- Linha quebrada.
- Serpentina.
- Círculo.

Flexionam as espáduas e favorecem a sotoposição do postmão. Se a perna impede a garupa para o exterior, dá ao postmão uma grande mobilidade.

A estreita obediência à perna regula o grão de mobilidade a exigir do postmão. Seu fim é permitir que o cavalo se mantenha direito, enquadrado, em qualquer circunstância.

— A meia volta.

— A meia volta invertida. Serão também exercícios a praticar — elas produzem, respectivamente, o engajamento do postmão e a sua mobilidade.

— Pela linha quebrada ao galope, preparamos o cavalo para o falso galope e em seguida abordamos o oito de conta um dos melhores flexionamentos que se pode desejar. Nele devemos insistir bastante e iremos diminuindo o oito à medida que o cavalo galope calmo e bem distendido. A serpentina, embora não figure mais na “reprise” do Cavalo d’Armas é um bom exercício e podemos exercitá-lo nele o nosso cavalo. **O Recuar** marca mais um grão na ginástica que consiste em reduzir e aumentar alternativamente a base de sustentação. Os exercícios descritos acima (alargamentos e encurtamentos de andaduras), conduzirão o cavalo a recuar sem dificuldade. Chega-se neste flexionamento a “como que embalar o cavalo entre a marcha para frente e o movimento de recuo”.

— Convém sempre voltarmos ao trabalho em círculo como um dos melhores movimentos para o flexionamento da coluna vertebral.

Diminuir e alargar o círculo mas não permitir que o animal diminua a andadura, à medida que o círculo diminue.

Todos os flexionamentos descritos acima contribuirão também para dar **liberdade de espáduas** ao nosso cavalo, basta que as conversões sejam pedidas só pela ação das rédeas, fazendo girar as espáduas em torno dos quadríspinos — o círculo com a garupa para dentro, às meias voltas cada vez mais apertadas até a meia volta sob o postmão, o ladear e a **espádua par dentro**. Movimentos todos pedidos pela rédea contrária, agirão embora indireta mas eficazmente sobre as espáduas.

E A LEVEZA ?

Como fiscalisaremos a leveza? ou como a perceberemos? — pela flexibilidade do maxilar inferior. Será pois pelo maxi-

lar que fiscalisaremos a maneira como nosso cavalo se conduz, quando lhe damos uma ordem. Se tivermos a preocupação de o conservar leve, o caminho a percorrer não será "pesado", "com rédeas bambas não há equitação", mas pressionamos não causar sofrimentos ao animal pois estes são a origem de toda defesa, logo, **mão fixa mas não fixada**. O Capitão Licart no seu ótimo livro "Equitation Raisonnée" dedicada a um capítulo as "mãos" que é todo ele uma fonte de ensinamentos.

O CAVALO MASCOU ?

Então uma pergunta: quando é que um cavalo cede à ação da mão? "Quando estando em contacto suave com ela, entre-abre a boca pela pressão dos dedos, move um instante a língua e o bocado para retomar logo o seu contacto — **nosso cavalo mascou**".

Se o movimento está localizado na boca, tudo vai bem. Diz o Regulamento que, uma vez obtido estes flexionamentos e havendo um apoio confiante (mão fixa mas suave), pode-se trabalhar na divisão do apoio dar e retomar, serar o bridão, alternar freio e bridão. Resistências aparecerão e empregaremos quer as vibrações quer as **meias paradas**, conforme já falamos em outro lugar. Zelar continuamente pela conservação da **impulsão** e não perder de vista o objetivo integral do trabalho — a harmonia de todas as forças.

- Trote estendido.
- Trabalho em bases curtas.
- Trabalho em bases longas.
- Partidas ao galope. Sobre este assunto, ainda no livro do Capitão Licart, pag. 84, encontramos tudo que há a respeito elucidado por gráficos convincentes. Nada contradiz o nosso Regulamento e em ambos é ressaltado o inconveniente da partida, por ex. a direita pela ação da perna esquerda (antes consequência da educação do que um efeito natural).

As partidas agora serão pedidas por tomadas de equilíbrio (sobre as ancas) pois nosso cavalo já está preparado para isso — já tem equilíbrio suficiente.

— Ladear a espádua para dentro.

— Espádua para fora. Exercícios esses que produzem a liberdade das espáduas e dos quais o nosso R. Eq. em os números 292, 293 e 294, trata em detalhe.

— Quanto ao salto (R. Eq. 2.º Vol.; Cap. Licart pag. 108 e seguintes), teremos prosseguido no treinamento metódico que vinhamos fazendo.

QUANTAS SEMANAS DECORRERAM ?

Seguimos com o nosso cavalo a progressão contida no 2.º Vol. do R. Eq.? ou obedecemos à contida no "Manual D'Equitation et Dressage", edição de 1938? — em que, para o Adestramento são marcados 4 Períodos:

- 1.º Período — 2 meses.
- 2.º Período — 6 meses.
- 3.º Período — 2½ meses.
- 4.º Período — 15 dias.

Evidentemente como nosso animal não seguimos nenhum dos programas, isto é, nenhuma das progressões estabelecidas nos Regulamentos, para um cavalo de tropa, que mais trabalha em conjunto do que individualmente.

Acresce que: "as progressões não contem nem preceitos, nem meios e no resto variam com cada cavalo e só interessam como lembretes. A série de movimentos enumerados nas progressões constituem uma simples lista de figuras. Ora, no Adestramento as figuras só tem efeito pela maneira como se executam, é a atitude imposta ao corpo do cavalo, pelas ajudas do cavaleiro que lhes dá valor".

— Já não constitue surpresa para nós vermos um animal sair enhusto do Picadeiro após uma hora de "trabalho" em todas as andaduras e, no dia seguinte, vermos o mesmo animal, com 10 ou 15 minutos de passo e trote suar abundantemente e apresentar um vastíssimo "bigode".

Apenas mudou o cavaleiro e houve trabalho de fato.

Este último cavaleiro, quando entrou para o picadeiro sabia "exatamente" o que ia fazer. O cavaleiro tem um objetivo marcado e marcha direito a ele, sem perder tempo e sem abusar dos tendões e da paciência do seu cavalo. Sabe exigir e sabe recompensar. "Lembra-se todo dia do ponto em que se achava na véspera e não visa a execução imediata e perfeita do movimento". Com o cavalo a que vimos nos referindo, trabalhado por um cavaleiro nas condições acima e que "pode ficar senhor de seu equilíbrio em todas as circunstâncias" creio que, com mais 4 meses, não havendo contratemplos, depois da ótima "preparação" que sofreu, o nosso cavalo estará: calmo — para frente — direito — leve.

Passará com facilidade obstáculos de 1m,20 e terá recursos para mais — caso seja necessário.

GILLETTE AZUL
a melhor lâmina
até hoje fabricada

Gillette

Gillette C-10

LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Orientação sobre o futuro da guerra no Extremo Oriente

Pelo 1.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

I

TEN-CEL. LIMA FIGUEIRÉDO — Um Ano de Observação
no Extremo Oriente — Biblioteca Militar — 191. 4

Trata-se de um livro de alto quilate, pode dizer-se sem favor — alguma coisa de notável nas nossas letras militares. Considero-o a melhor obra do autor, voto que manifesto como forma de dar referência sobre o seu valor, porque realmente significa muito ser o melhor numa bibliografia como a do Ten.-Cel. Lima Figueirêdo.

Em "Um ano de observação no Extremo Oriente", acham-se condensados preciosos dados, informações e conceitos sobre o exército nipo, que o autor conheceu, com certa demora, como nosso observador militar junto ao Governo de Tóquio.

Mas não basta vêr, é preciso saber vêr. Seria fácil tomar notas, recolher dados oficiais e transmitir-nos tudo isso à maneira de reportagem, embora, como fazem alguns, dando-se ares importantes, deitando sentenças, anunciando resultados finais que os desprevenidos cansarão de esperar... Mas o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo não realizou um simples passeiozinho pelos estabelecimentos militares japoneses e pelas cidades ocupadas da China, nem tinha compromissos partidários. Menos ainda seria homem de amolecer ao argumento das amabilidades subornativas. Longe disso, com exata consciência da sua missão e servido por uma extraordinária capacidade de observação, aproveitou 100% a sua viagem, e acaba de torná-la, na mesma proporção, útil a todo nosso exército, com o volume "Um ano de observação no Extremo Oriente".

Há muito não via páginas tão ricas de material e ao mesmo tempo tão penetrantemente explicativas. O material por si só, conquanto representasse bastante, como documento e esforço de investigação, não era suficiente. O leitor, ainda o mais agil, e aparelhado noutras fontes, sobre outros aspectos da vida japonesa — sua história, seus recursos, seu caráter — encontrar-se-ia sempre em condições desvantajosas para extraír dele o justo valor, porque há elementos que escapam ou se deforam sob o puro tratamento especulativo. O Ten.-Cel. Lima Figueirêdo elimina essa dificuldade dando-nos paralelamente a exposição e a análise, o documento e o estudo, o fato e a interpretação, o palpável e o impalpável. E não se esqueça que tudo isso examinando coisas do oriente exótico, em que a ambientação é, certamente, muito difícil. Nada, porém, impediu o seu pleno desempenho de observador militar. Viu muito e soube ver, atesta-o o volume lançado pela Biblioteca Militar com as suas fontes características: variedade e amplitude de dados, espírito crítico, independência.

Mas antes de entrar no estudo da organização militar japonesa, para poder compreendê-la e julgá-la com segurança, faz-se mister a discussão de certos pontos que fixa a posição dos nipões, como povo e como nação, em face da cultura (cultura no sentido sociológico) ocidental, de que somos um dos depositários.

O Japão não deu até hoje, positivamente, nenhuma contribuição apreciável à humanidade. Assimilando depressa e mal a civilização ocidental, não tinha uma cultura própria como a China, de sorte que chegou à posse da técnica moderna, industrializou-se, sem haver transposto, do ponto de vista da organização social, o medievalismo. Por outro lado o Brasil, menos que qualquer outra nação, terá razões de apreço às teorias e métodos dos totalitários asiáticos, em tudo violentamente contrários a nós.

O Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, em "Um Ano de Observação no Extremo Oriente", fornece-nos expressivos elementos a esse respeito. Ei-lo com uma observação pessoal muito significativa: "Na convivência mais íntima com o povo nota-se, claramente, a xenofobia profunda que ele nutre por todos os de raça branca". (p. 93). E' o racismo nipônico, que tem, aliás, estímulos despoticos, porque o japonês se julga de origem divina, sua raça predestinada. Referindo-se às restrições universais contra o imigrante amarelo o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo afirma que "essas

medidas fizeram com que os soldados do Japão, fossem, de armas na mão, conquistar terras para os seus patrícios que morriam de fome" (p. 30). Identifica-se de pronto: é a famosa teoria do espaço vital... Pregava arrogantemente o General Araki, ex-ministro da Guerra e da Educação: "Nosso país está determinado a propagar seu ideal nacional através dos sete mares, desenvolvendo-o e espalhando-o pelos continentes da terra, mesmo que seja mister empregar a força". ("Um ano de observação no Extremo Oriente", p. 100) E vem ainda mais clara, para não dizer mais cínica, no livro de Ikki Kita, que o Ten. Lima Figueirêdo cita e aponta como "Alcorão do exército" nipônico: "O Estado tem o direito de fazer a guerra às nações que possuem territórios exageradamente extensos ou governados de maneira deshumana. Exemplo: arrancar a Austrália à Grã Bretanha e a Sibéria Extremo-Oriental à Rússia". (p. 100). A teoria revela-se das mais confortaveis, até porque o candidato à conquista é o próprio juiz dos excessos a corrigir... Em todo caso, enquanto não é possível deitar mão nos "exemplos" a China serve... Aliás, das quatro causas da guerra da China, arroladas pelo autor de "Um ano de observação no Extremo Oriente", ("defesa contra o comunismo, questão demográfica, carência de matérias primas e espírito supranacionalista dos nipões" -- p. 94) as duas intermediárias serviriam, sem nenhum retoque, se o Japão deliberasse invadir-nos também...

A meu ver o nosso nacionalismo deve opôr-se, encarniçadamente, a todas essas cavigosas teorias que nos ferem de frente: espaço vital, acesso às matérias primas, racismo (ariano ou amarelo). Vitoriosas tais fórmulas, criadas, sustentadas e aplicadas pelos interessados, o Brasil, sem dúvida, deixaria de existir como nação, mesmo porque elas, no fundo, são apenas disfarce de inconfessáveis apetites territoriais. Outro dia o Cel. Paula Cidade, depois de uma limpida lição de história econômica, denunciava que "a fórmula de espaço vital e posse de fontes de matérias primas é falsa, destinada a enganar os povos, acenando-lhes com ilusões e quimeras econômicas, para arredondamento de domínios políticos".

Bem pensado tudo isso, não obstante o perigo que encerra, tem um ar de farsa tão intenso que nos faz rir, refletindo na reversão do quadro, isto é, que pelo mesmo princípio os detentores de matérias primas teriam direito de assaltar os grandes centros industriais, para utilizá-los no apro-

veitamento delas... Mas a reciproca só seria verdadeira se se tratasse realmente de um direito...

Problema grave e da maior atualidade vem a ser o do colono japonês. Haverá muito que dizer sobre os que cá estão... Para não perder tempo alguns documentos:

“A população de Bastos é de japoneses, na sua imensa maioria, 90%, senão mais. As placas das ruas eram escritas em nomes japoneses, e só, sob o protesto do Conselho de Imigração, concordou o chefe da fazenda em mudá-las para nomes brasileiros. Nas duas livrarias de Bastos não se encontra um único livro em português, são todos japoneses. Também os jornais. Mesmo no hospital as indicações estão escritas em japonês. Até 1938 os casamentos só se registravam no consulado japonês, mas de 1938 para cá passaram a realizar-se segundo a legislação brasileira, porque o escrivão recusou reconhecer a legitimidade aos filhos de casais que se unissem apenas perante autoridades estrangeiras. Entretanto os filhos continuam sendo registrados no Brasil e no consulado japonês”. (Depoimento de Artur Hehl Neiva e Ten.-Cel. Aristoteles de Lima Câmara, do Conselho de Imigração e Colonização, depois de uma viagem realizada em março de 1941).

“Em S. Paulo o perigo é também muito sério, dado o considerável número, não só de alemães e italianos, mas também de japoneses, cujos filhos, nascidos no Brasil, são, todavia, educados num sentido inteiramente em desacordo com as tradições brasileiras. A língua que aprendem, os livros que estudam, os motivos de suas composições em aula, as suas festas cívicas, as suas canções, tudo afinal, é estrangeiro”. (Abgar Renault, Diretor do Departamento Nacional de Ensino).

Agora pequenos fatos inocentes:

Em 1939 veio ao Brasil um aviador japonês com a missão de coletar dinheiro para custear a compra de um avião-hospital destinado ao exército nipônico. Em poucos dias levantava 500 contos no interior de S. Paulo. Mas, quando foi das enchentes do Rio Grande do Sul, a generosidade dos colonos amarelos se mostrou quasi nula, somente uma colônia, a de “Registro”, contribuiu com alguns mil réis para o socorro das vítimas.

Após a lei de nacionalização do ensino, das 260 escolas japonesas existentes em S. Paulo 200 já foram fechadas como infratoras.

Em julho do ano passado entraram pela Alfândega de Santos 30.000 livros didáticos infantis, vindos de Tóquio.

A polícia de S. Paulo fechou recentemente uma organização denominada "Correio Japonês", destinada à recepção e controle da correspondência dos japoneses domiciliados no Estado.

Eis aí. São todas advertências veementes. Dispensarão de ir às fontes de resistência, como são, por exemplo, os trabalhos do Sr. Xavier de Oliveira e Miguel Couto.

E o japonês como trabalhador? Como trabalhador em geral há uma observação do Ten.-Cel. Lima Figueirêdo que o desrecomenda: "O operário japonês só está bem, quando trabalha debaixo das ordens de um patrício seu, porquanto considera o patrão como um segundo pai". ("Um ano de observação no Extremo Oriente", p. 205). Como trabalhador agrícola examinemos o que tem feito entre nós. Fala o Dr. Calandrini Pinheiro, técnico do Ministério da Agricultura, em relatório oficial sobre a famigerada Concessão nipônica na Amazônia: (1)

"Quanto à colonização japonesa visitei a de Monte Alegre, que dista 35 quilômetros dessa cidade e dela não tive boa impressão. Não existe ali localização de colonos. Presentemente (seis anos depois de instalada a Companhia) tem um campo de produção e experimentação, numa área de 114 hectares, com abacaxis, canaviais, castanheiras e fibras. Tudo ao abandono". Agora a opinião de Aguinaldo Costa, cujos trabalhos sobre o japonês no Brasil, são dos mais autorizados: "O japonês é péssimo agricultor. Péssimo no sentido de que esgota a terra, suga-lhe das entranhas tudo o que a natureza proporciona, sem alentar-lhe as forças com adubo. O resultado é que a terra cansa em pouco. Ele a

(1) Algumas cláusulas da "Concessão" concedida em 1928 pelo governo do Pará (Dionísio Bentes) e pela qual os nipões receberiam um área de um milhão e trinta mil hectares de terras brasiliaras:

- "Direito de pedir desapropriação das terras situadas fóra da concessão, para o fim de serem utilizadas forças hidráulicas nelas existentes".
- "Construir e manter o serviço de comunicações telegráficas";
- "Adotar arbitramento para solução de qualquer divergência com o governo do Estado";
- "O concessionário poderá, por conta própria, executar a construção de Estradas de Ferro, rodagem, campo de aviação e meio de transporte aéreo, por aparelho de qualquer natureza".

abandona e vai procurar outro pouso, onde vai repetir o mesmo processo de esgotamento da terra" (2).

Resta encarar o lado racial. Não entrarei no estudo do tipo étnico que resultaria da confluência do sangue japonês com o nosso (questão morfológica — caractéres somáticos do elemento resultante; biológica — resistência ao meio físico, fecundidade, capacidade intelectual, etc. econômica — capacidade de criar riqueza; social — capacidade de integração no espírito brasileiro), problema que excede os limites deste crônico. Mas, na verdade, não há o que discutir. A matéria deve ser considerada morta, nem poderá ser proposta, tendo em conta este decisivo testemunho do Ten.-Cel. Lima Figueirêdo: "Lá (Taihoku, fiquei convencido, de uma vez, da inassimilidade do japonês com outro qualquer povo, mesmo com o chinês, ou com o malaio que lhe deram parcelas dos seus sangues". Noutra passagem outra observação que vem dar na mesma idéia: "Tive oportunidade de visitar um grupo escolar em Keijo, atual nome de Seul, e fiquei maravilhado com a perfeita organização daquele educandário modelo. Achei, porém, uma coisa destoante — as crianças coreanas tinham educação separadas das japonesas".

Sobre o caráter japonês ilustra-nos a história da conquista de Formosa, efetuada logo no ano seguinte à assinatura de um Tratado de Paz Eterna com a China.

Este capítulo caráter japonês seria amplo... Contudo, só invocarei ainda as conhecidas missões católicas (!) chefiadas por almirantes (2) e o fato, documentado na Liga das Nações, do uso de entorpecentes

(2) Alinhemos esta última indicação admitindo, naturalmente, a sua relatividade. E' claro que dentro de uma organização dirigida a agricultor amarelo se comportará diferente.

(2) Em junho de 1839 recebemos uma "Missão de amizade dos católicos do Japão", o que deu lugar a justas estranhezas do Sr. Sobral Pinto, que as manifestou em carta ao embaixador nipônico: "Não atino, excelência, e por mais que excogite, como um governo panteista e pagão, qual é o de V. Excia., se mostre tão zeloso em trazer oficialmente ao meu país, por entre homenagens excepcionais, uma missão católica de leigos quando é certo que, contando atualmente o Império Japonês cerca de 100 milhões de habitantes, não possue, ainda, neste mesmo momento, senão pouco mais de 200 mil almas submissas à vontade e leis divinas de N. S. Jesus Cristo".

Essa missão era chefiada pelo Almirante Yamamoto, o que agora surge como autor dos planos do vantajoso ataque aos Estados Unidos.

Porem, o mais engraçado nas missões católicas japonesas é o que descobriu Oliveira Viana: "Estando, certa vez num país católico, encon-

peço exército japonês, como arma de guerra na China. Numerosos mer-
dores, segundo a acusação internacional, trabalham subordinados à
reção militar, com o encargo de espalharem o ópio e outros produtos
entre os chineses. Assim conta-se degradar física e moralmente as po-
lações dominadas. Os números das estatísticas comerciais indicam as
porções do trabalho: a produção de ópio na Coréa em 1933 era de
toneladas, em 1937 subiu a 15; a exportação de ópio da Persia atinge-
ras espantosas (673 toneladas), sendo o Japão, que não o consome,
grande cliente. Também em Nanquim, segundo as estimativas mais re-
entes, os viciados constituem um terço da população!

As virtudes japonesas... O que se alega sob este rótulo não tem
ntido para nós, povo cristão e fiel à cultura latina. Com efeito, não
empreendemos os samurais, que constituem, entretanto, o fundamento
a organização social japonesa, isto é, uma casta orgulhosa e domina-
ora. Embora evoluidos, são, em essência, o prolongamento dos guardas
delevais do palácio do Micado, que vieram até 1871 sustentados pelos
nhores (daimios) a que assistiam. Tem-se uma idéia do primarismo
esses expoentes da tradição heróica japonesa, diante do que refere o
en.-Cel. Lima Figueirêdo: "os samurais achavam uma indignidade ser-
irem-se de mulheres para a satisfação dos seus desejos carnais, e para
so, utilizavam homens". ("Um ano de observação no Extremo Orien-
", p. 55). Assim, a gente não fica espantado quando o Gen. Hata,
encedor da campanha da China Central, depois de recebido pelo Impe-
ador, fala à imprensa nestes termos místicos, para usar um adjetivo
ave: "S. M. teve para comigo as palavras mais afetivas. Fiquei suma-
ente sensibilizado com a bondade imperial, por isso os momentos que
assei na sua presença constituem para mim a maior glória de minha
da". *Alma samurai, mentalidade samurai!*

Ao samurai liga-se o *hara-kiri*, prática bárbara, que consiste no sui-
dio rompendo transversalmente o ventre com um punhal. A história
ponesa regista um sem número de casos de *hara-kiri* incluídos na ca-
goria de feitos nacionais. Nenhum, porém, como a façanha dos 47
nins, "tão célebre que é conhecida e repetida por todos os japoneses
ultos e incultos e que os comove todas as vezes que é representada na

ei ali uma missão católica japonesa. Mas, passando pouco depois por
n país protestante, constatei que o mesmo chefe católico estava che-
ando uma missão protestante...

tela cinematográfica ou no palco dos teatros". Pois essa história é popular, tão enaltecida, apresentada como a "epopéia do valor japonês", vem a ser apenas o seguinte: Kirá, velho Ministro, rico e poderoso, tornou-se responsável pela condenação à morte do príncipe Assanô, cuja esposa cobiçava. Então os 47 samurais do príncipe, "transformados em Ronins, isto é, em gente sem eira nem beira (pois o mesmo havia sido deshonrado pelos tribunais e a família apeada do alto pedestal que ocupava) juraram vingar a sua nobre memória". Um dia saltaram o palácio do Ministro Kirá, que foi intimado a fazer hara-kiri com a mesma adaga utilizada pelo príncipe Assanô. O Ministro relutou e teve a cabeça decepada no mesmo instante. Depois levaram-na em processão até o túmulo de Assanô, onde foi depositada. "Imagine quem perder" — descreve um cronista — "o sinistro aspecto desses 47 homens atravessando os caminhos de Yedo, às primeiras horas da manhã, com a decepada cabeça do velho Ministro ainda tépida dos últimos reflexos da vida". Os 47 ronins foram, por sua vez, condenados a fazer o hara-kiri ou fizeram, todos num determinado dia à mesma hora.

Eis tudo. Um simples episódio de vingança, com requintes de barbarie. Nós aqui aprendemos a condenar o governo colonial que manda expôr pelas estradas, como medida aterrorizadora, evidentemente, a cabeça e outras partes do corpo de Tiradentes. E há pouco repudiamos com a maior energia o procedimento de rústicos volantes (4) da polícia alagoana que fizeram da cabeça do bandoleiro Lampeão um trofeu. Arguindo-se à espírito de sacrifício dos 47 heróis, que tinham como certa a condenação. Ora, morrer para japonês é o de menos. Desconte-se imponitância em todos os seus casos de renúncia à vida. Um jogador de futebol, — conta-nos o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo — suicidou-se por se julgar culpado da derrota do seu quadro e uma mulher, cujo marido foi convocado para a guerra, atravessa um estilete na garganta, "para, juntando os deuses, velar pelo marido que praticava bravuras, desprezando a vida, arriscando-a dia a dia para mais célebre ir encontrar, no céu, a dona do seu amor". Em suma, pela nossa formação moral e espiritual não podemos ser sensíveis à glorificação da vingança, da crueldade e do suicídio.

(4) Assim são denominados os destacamentos policiais móveis empregados na perseguição aos cangaceiros no Nordeste.

O casamento na terra dos samurais tem uma organização industrial que nos repugnaria: "Quando um rapaz quer casar-se, comunica seu desejo aos pais. Estes dirigem-se a várias "girls schools" e pedem informações acerca das senhoritas que terminaram o curso. Tudo é dito, ao mesmo tempo que admiram os retratos delas: peso, altura, frequência, gênero, disposição para o trabalho, habilidade, etc. Depois de tudo bem examinado, o pai decide, indo pedir, para o filho, a noiva, em casa dos seus genitores que ele, geralmente, não conhece. Num jantar ou mesmo em uma festa, os nubentes se vêem pela primeira vez..." (5) Depois de casados, ei-los na rua: "Ele marcha na frente e, alguns passos atrás, arrastando as guetas ou os zoris, caminha a esposa, carregando numa mão o *uroshiki* — grande lenço — no qual embrulha todas as compras que fizeram, e com a outra segura a sombrinha". Ao lado dessa rigidez existem, porém, as geishas, pagas a hora, que representam as transições da moral nipônica...

Muito bem. Feita esta discussão geral estamos em condições de apreender e compreender a organização militar nipônica, através do minucioso,gado e criterioso estudo do Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, o que farei na próxima vez.

(5) "No Japão foi assim..." — Lima Figueirêdo.

Société de Sucreries Brésiliennes

USINAS DE:

Estado de São Paulo: Piracicaba, Vila Raffard, Porto Feliz
Est. do Rio (Campos): Cupim, Paraiso

Escritório Central:

SÃO PAULO

Rua Barão Itapetininga n. 88-9.º
Telefone 4-4166

Escritório:

RIO DE JANEIRO

Rua São Pedro n. 23-4.º
Telefone 23-2481

FABRICAÇÃO DE AÇUCAR DE TODAS AS QUALIDADES
REFINÁRIAS EM SÃO PAULO

ALCOOIS INDUSTRIALIS E ANIDRO

Pioneira na fabricação de alcool anidro, pela entrega dos primeiros
100.000 litros que figuram na estatística, no ano de 1933 e proveniente
da USINA PIRACICABA

Caixotaria Brasil Ltda.



RUA GENERAL CAMARA 313
Rio de Janeiro

Snsr. Oficiais! Ide viajar?
Procurai a "Caixotaria Brasil"
Trabalha 90% para militares
Centenas de atestados.
Engradamento de moveis, cristais, louças etc.
Encarrega-se de embarque e despacho
Orçamento Sem compromisso

Rua General Camara, 313

Fone 43-4339

CASA SANO S. A.

Tem a honra de comunicar que acaba de inaugurar
uma secção modernizada para a fabricação de postes de
concreto armado, vibrado, para luz e força.

Está, assim, aparelhada para poder fornecer postes de
todos os tipos e cargas diferentes com comprimentos de
5,000 até 12,00m. — Consultem a nossa Secção Técnica, à

Rua Miguel Couto, 40 - Fone 23-4838 - Caixa Postal 1924 - Telegrs.: "SANO"

RIO DE JANEIRO

TÁTICA DE CAVALARIA

Major HEITOR PAIVA

4.ª SÉRIE

ANNAHAD R. ADIR

ANNAHAD R. ADIR

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

O BATISMO DO "OLAVO BILAC"

No batismo do "Olavo Bilac", no Campo de Marte, em São Paulo, o **General Firmo Freire** pronunciou o seguinte discurso:

"Houve uma fase da nossa vida contemporânea em que, se não era desprêmôr, era, pelo menos, antipático o ser soldado. As classes mais elevadas desadoravam as fileiras. Vestiam farda, apenas, os desherdados de bens e os "maus filhos", que se tornavam passíveis de punições mais severas. Refletia-se esse estado de espírito no congresso, na imprensa, nos comícios, em toda a parte, através de um civilismo artificial e desagregador.

Nessa campanha, figuravam em primeiro plano os chamados intelectuais. Quem fazia praça de certa ojeriza pelo "uniforme", não tinha assento entre os literatos e legistas.

Como se pudesse apagar as relações humanas entre a força e a lei. Lograr-se viver sob o domínio da lei, à margem da força organizada !

Era o quebrantamento moral da Nação !

Foi quando surgiu a jornada imortalizadora de Olavo Bilac, a combater o mal pernicioso da época, em uma evangelização cívica, encarnando o renascimento nacional — astro que culminou com a implantação máxima do serviço militar.

"O que me amedronta", dizia Bilac, "é a míngua de ideal que nos abate". Sem ideal, não há nobreza de alma; sem nobreza de alma, não há desinteresse; sem desinteresse não há coesão; sem coesão, não há Pátria.

Parece que neste momento triunfal, as palavras de sua musa inspirada ainda ecoam pela vastidão do país: "Moços de São Paulo, estudantes de Direito, sede também os estudantes e os pioneiros do ideal brasileiro ! Uni-vos a todos os moços e estudantes de todo o Brasil: num exército admirável, sereis os escoteiros da nossa fé !"

E apontando a lei do serviço militar como único remédio para o nosso definhamento, conclamou a mocidade para os quartéis.

Mas a guerra moderna, meus senhores, não se resolve simplesmente pela conscrição das massas, senão também, e principalmente, pelo seu mecanicismo; as máquinas e suas equipes — os técnicos.

Sobretudo, a aviação revolucionou os processos de combate. E' a arma do momento: avião e aviador; a máquina e o homem, conjugados.

Se durante a paz a aviação é incomparável instrumento de civilização, na guerra é elemento imprescindível de vitória.

Façamos, pois, meus senhores, aviadores para a paz e para a guerra: mensageiros do nosso progresso e reservistas dos nossos céos.

Este o programa patriótico, magnificado nesta campanha sem precedentes, da alma de Assis Chateaubriand, com o oferecimento pela Diretoria do Banco do Brasil do "Olavo Bilac" ao Aéreo Clube de Santo André, ao mesmo tempo que é um culto à memória imperecível do grande poeta, animador, entre nós, do ideal nacionalista.

Poeta que representaste na cadência do teu estro clavidante e sonoro, a paixão das idéias e a paixão da brasiliade, aí está o "Olavo Bilac", escola de paladinos para a defesa da nacionalidade; síntese desse noivado perene que cantaste entre o entusiasmo da mocidade e a Pátria inviolável; símbolo da tua fé na vertical dos nossos destinos; emblema de povo forte que sonhaste. Para o teu espírito, poeta, as oferendas de todos os corações que palpitam pela honra e pela glória de uma Pátria grandiosa.

Da alta significação desta solenidade, meus senhores, relevada com a presença do Ministro Salgado Filho, extenuado e inspirado organizador das Forças Aéreas Nacionais e de suas reservas, melhor dirá o paraninfo do "Olavo Bilac", consagrado orador e expoente das letras jurídicas do Brasil, o eminente e digno paulista Dr. Roberto Moreira, com as elucidações de sua eloquência".

Missão do Rádio

"Emocionante, esse filme "Uma voz nas trevas". Emocionante e eloquente. Aconselhamos aos leitores não perdê-lo, para conhecer um pouco da nefanda Alemanha feita por Hitler. Aconselhamos particularmente a assistir-lhe aos responsáveis pela nossa radiodifusão, dos "broadcasters" e direto-

res artísticos de nossas estações. Terão uma idéia mais nítida da missão do rádio, da força prodigiosa dessa técnica da qual estamos fazendo quasi que unicamente um passatempo fastidioso. Foi com o rádio, e sobretudo com ele, que Hitler conquistou a Alemanha. Esse filme, "Uma voz nas trevas", mostra bem como operou o nazismo para essa conquista. O rádio oficial, ouvido obrigatoriamente sob pena de crime, não era desconhecido nosso. Sabíamos disso, mas o filme exibe umas sequências eloquentíssimas. Em seguida, vemos aqueles grandes "meetings" em que Hitler associava às apresentações espetaculares, inspiradas no "operismo" mussolinico, o aparelho das ondas hertzianas com que atingia a mais remota aldeia do Reich e todos os recantos da Europa. Quando a Alemanha foi ajudar o general Franco, uma das primeiras armas introduzidas nas hostes legalistas do Fuehrer espanhol foram as "divisões" de rádio. Todos tivemos notícias dessas emissoras "ambulantes" que precediam a soldadesca legalista nas cidades assaltadas. Antes, aliás, um "bombardeio" de proclamações preparava os espíritos para a invasão. "Uma voz nas trevas", além da história emocionante da "Estação da Liberdade", mostra-nos a escravidão da Alemanha, conseguida, imposta pelo rádio. Assim, podemos tirar dessa obra tremenda a lição do bom aproveitamento que devemos fazer do rádio e aprender a dirigir a sua força miraculosa, no sentido das conquistas da paz e da liberdade. Neste momento, por exemplo, é preciso que as democracias oponham todos os nossos esforços no broadcasting, para aniquilar a obra que há muitos anos as ditaduras vêm consolidando através do rádio. E quando dizemos as democracias não estamos falando de nossos amigos em luta, da Inglaterra, dos Estados Unidos. Queremos dizer também, e principalmente, nós, o Brasil, que não temos o direito de tocar sambinhas bocós, valsínhas choronas, na hora grave em que a força do rádio deve ter uma orientação construtora, informando e orientando a opinião, fazendo a propaganda de nossas obrigações históricas e mostrando os perigos que nos ameaçam, terríveis e já próximos".

("O Globo", Rio).

A data natalícia do Gen. Heitor Borges

A guarnição da Vila Militar e Deodoro e a Primeira Divisão de Infantaria, prestou ao general Heitor Augusto

Borges, significativa homenagem, por motivo da passagem do aniversário natalício daquele ilustre soldado.

Ao amanhecer, uma banda de música do Regimento Sampaio tocou a alvorada defronte da residência do homenageado. Às 11,30 horas, com a presença do general Silva Junior, comandante da 1.^a Região Militar; coronel Tristão de Alencar Araripe, comandante do 2.^º Regimento de Infantaria; cel. Angelo Augusto de Moraes, comandante do Regimento Floriano Peixoto; coronel Odílio Denis, comandante da Polícia Militar do Distrito Federal, vários representantes de autoridades civis e militares e grande número de oficiais, e uma delegação de professores e alunos da Escola Orsina da Fonseca, teve início a manifestação principal, usando da palavra o coronel Tristão de Alencar Araripe, que, após saudar o distinto aniversariante, lhe ofereceu uma valiosa lembrança, tendo o general Heitor Augusto Borges agradecido.

Em A DEFESA NACIONAL, foi, também, prestada singular mas sincera homenagem ao aniversariante, que gosa de grande conceito e estima entre todos os que compõe a direção desta revista, tendo usado da palavra o coronel Orozimbo, que, em excelente improviso, ofereceu ao nosso presidente, em nome da Diretoria, uma lembrança.

A fuga do General Giraud

LONDRES, 27 (Da AFI para Ruters) — Não se tem nenhuma notícia do general Giraud, que acaba de fugir da fortaleza germânica de Koenigsten, e os rumores segundo os quais teria alcançado a fronteira da Suíça, ainda não foram confirmados.

O general Giraud, que tem 63 anos de idade, é uma das mais belas figuras do exército francês. Durante a última guerra, foi ferido três vezes. Enviado para o Marrocos em 1922, ele teve a honra de aprisionar Ab-del-Krim, após uma longa e difícil campanha. Depois, foi nomeado professor da Escola Superior de Guerra, onde ensinou durante dois anos, voltando, em seguida, ao comando do exército francês do Marrocos. Mais tarde, foi promovido a governador militar de Metz e comandante da Sexta Região. No momento da mobilização na França, tomou o comando de um exército e foi aprisionado pelos alemães, em consequência de avanço do inimigo na região de Sedan.

Durante a guerra mundial de 14-18 o general Giraud foi três vezes citado em ordem do dia do exército. Dois de seus filhos e dois de seus genros serviam no exército no princípio da presente guerra.

No decurso da sua carreira, o general Giraud teve numerosos contatos com o general De Gaulle, com quem estava de acordo no tocante à questão do emprego das unidades blindadas e a de necessidade de equipar o exército francês com maior número de carros de assalto. Em várias ocasiões ele exprimiu a sua admiração pelo general De Gaulle. Depois da campanha do Riff, o marechal Lyautey, falando a respeito dele, disse: — "Vêde-o: ele é grande em tudo".

*Comodidade
Perfeita*

Suprima, num minuto,
essa dôr de

CALLOS
CALLOSIDADES
JOANETES
OLHOS DE GALLO



O
ZINO-PAD
alivia a
dôr instantaneamente



O DISCO
extirpa o
callo em
48 horas



Allívio e comodidade terá V. S.
um minuto depois de aplicar
Zino-pads Dr. Scholl em qualquer
parte do pé, dolorida pela pressão
e pelo atrito do
calçado.

O callo mais rebelde
desaparece com um
DISCO MEDICADO,
e a dôr é eliminada
instantaneamente ao
cobri-lo com ZINO-
PADS Dr. Scholl.

A renda em toda parte
As caixas de Zino-pads
sontém Discos Medicados



Zino-pads Dr Scholl

Zino Aplicado - Callo Acabado!

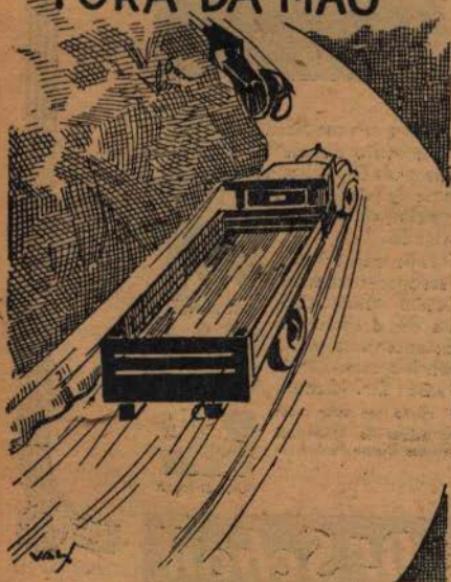
*
FATOS
QUE CONCORREM
PARA DESASTRES
DE AUTOMÓVEL

CAR. VALMIR
RAMOS

DESLIGAR O MOTOR
NAS DESCIDAS

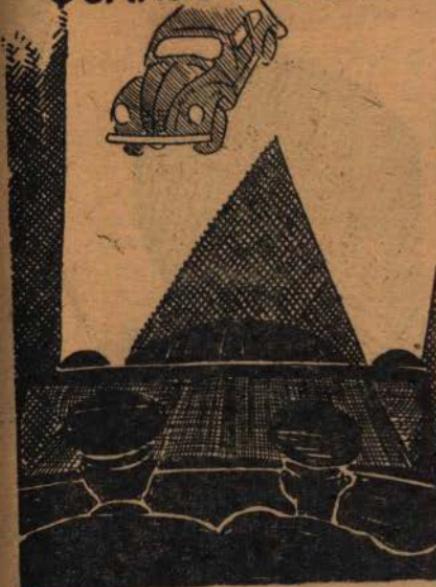


FAZER AS CURVAS
FÓRA DA MÃO ENCHER O ASSENTO
DE PESSOAS



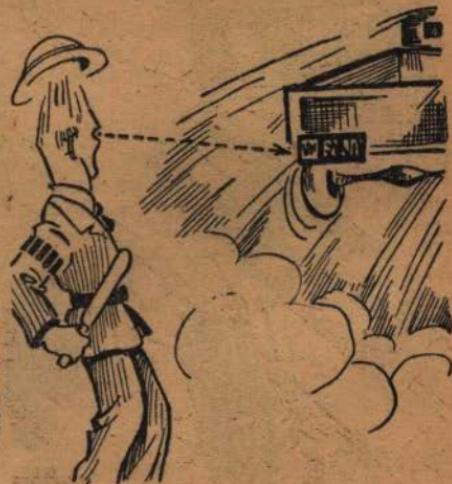
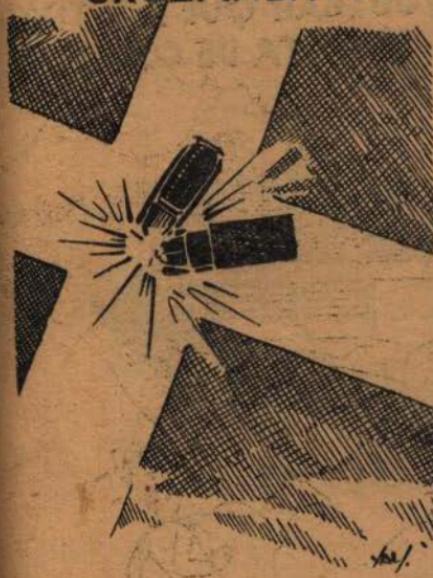
CONSERVAR OS FAROIS
QUANDO CRUZAR

DISTRAI-SE COM
AS "PEQUENAS"...

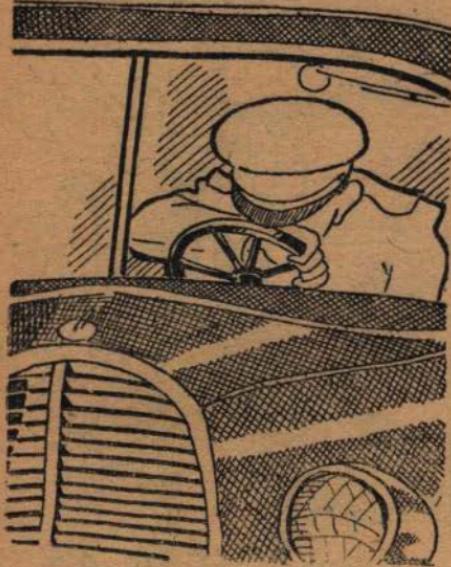


NÃO BUZINAR NOS
CRUZAMENTOS

DESOBEDECER AS
LEIS ABUSANDO
DAS PLACAS OFICIAIS

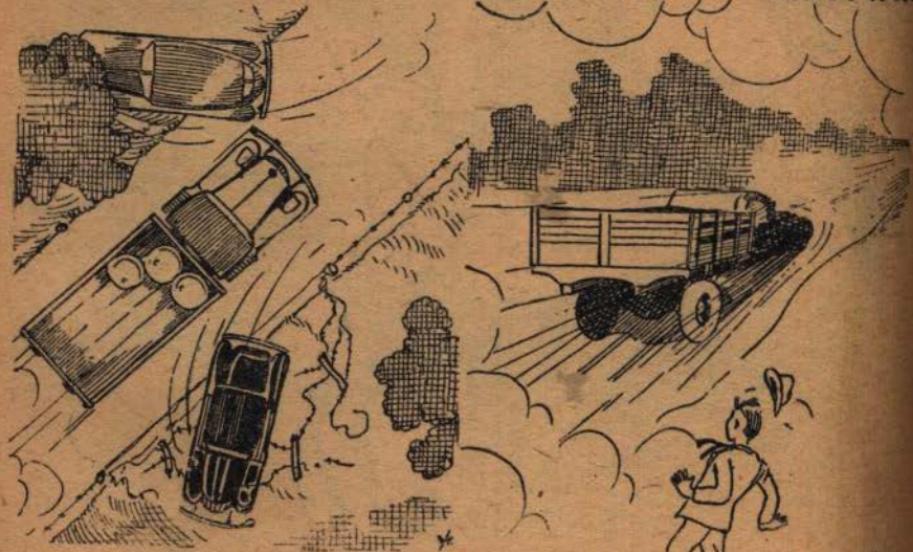


DORMIR NA DIREÇÃO



ENTRAR NUMA CURVA SEM DIMINUIR A VELOCIDADE

PENSAR QUE É DONO JULGAR QUE A ESTRADA
DA ESTRADA ... E PISTA DE CORRIDAS...



ATOS OFICIAIS RELATIVOS AO MINISTÉRIO DA GUERRA

publicados no Diário Oficial, de 20 de março a 20 de abril
de 1942

ARTILHARIA DIVISIONÁRIA DA 7.^a REGIÃO MILITAR — (autonomia)

A Artilharia Divisionária da 7.^a Região Militar passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938. — (Aviso n. 942, de 15 — D. O. de 17-4-942).

ASPIRANTES A OFICIAL DA RESERVA — (estágio)

Aprova as instruções reguladoras do estágio dos aspirantes a oficial intendente da reserva de 2.^a classe do Exército de 1.^a linha. — (Aviso n. 876, de 4 — D. O. de 7-4-942).

BRIGADA DE INFANTARIA — (cria)

E' criada, na 7.^a Região Militar, e com sede em Fortaleza, sob o comando de um General de Brigada ou Coronel, a 3.^a Brigada de Infantaria, a ser constituída de tropas e em datas a serem designadas, oportunamente, por ato do Ministro de Estado da Guerra. — (Decreto-lei n. 4.224, de 2 — D. O. de 6-4-942).

CAIXA GERAL DE ECONOMIA DA GUERRA — (instruções)

Aprova os modelos e instruções que deverão ser observados a partir desta data, nos recolhimentos de rendas à Caixa Geral de Economias da Guerra. — (Aviso n. 130, de 13 — D. O. de 4-4-942).

CÓDIGO DE JUSTIÇA MILITAR — (alteração)

O artigo 24 do decreto-lei n. 925, de 2 de dezembro de 1938, passa a vigorar com a redação seguinte:

"Artigo 24. O oficial juiz de conselho não deixa as funções militares, ficando apenas dispensado do serviço por ocasião das sessões do Conselho. Deverá, porém, passar as funções, o oficial juiz de conselho permanente ou especial, nos casos de servir em corpo ou estabelecimento com parada fora da sede da Auditoria, de deslocamento transitório do corpo, ou de manifesta impossibilidade de atender aos serviços militares sem preterir o judicial (manobras, acampamentos prolongados e locais afastados, etc.)". — Decreto-lei n. 4.225, de 2 — D. O. de 6-4-942).

COMPANHIA DE GUARDAS DO Q. G. M. G. — (quadro)

Aprova o quadro de efetivo que a este acompanha da Companhia de Guardas do Quartel General (Companhia orgânica — constituída de secção extranumerária, 4 pelotões de fuzileiros e 2 pelotões de metralhadoras) em substituição ao quadro n. 4 dos efetivos de organização do Exército para o corrente ano, aprovados pelo aviso n. 3.677, Quad. 63, de 11-12-1941. — Continuam fazendo parte da Companhia de Guardas, sem qualquer alteração, os contingentes das repartições constantes do Quadro n. 4 acima citado.

— Fica o comandante da Companhia de Guardas autorizado a receber voluntários, para preenchimento dos claros decorrentes da estrutura da Companhia ora adotada. — (Aviso n. 914, de 10 — D. O. de 13-4-942).

COMPANHIAS QUADROS (funcionamento)

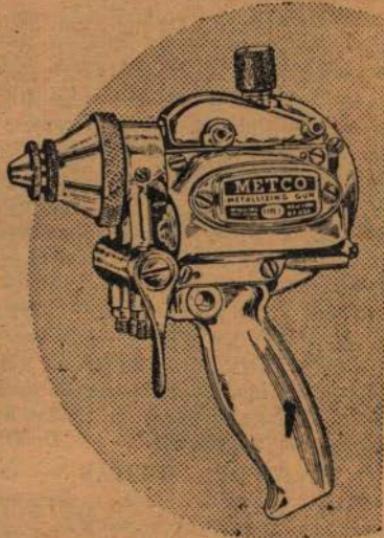
Determina o funcionamento, no corrente ano, das Companhias-Quadro dos 14.^o, 15.^o e 16.^o R. I.

Aviso n.^o 760 de 18 — D. O. de 24-3-942.

METALIZAÇÃO POR JÁTO

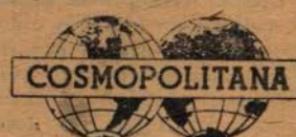


Equipamentos completos para aplicação de chumbo, zinco, aço inoxidável, etc., sobre superfícies metálicas, ou não, para reconstituição de peças, proteção em geral ou decorações.



Agente Geral no Brasil :

Empreza Cosmopolitana de Comércio Geral Limitada



Rua General Camara, 149 - A e B

Telefone 43-5389

Rio de Janeiro

CONTABILIDADE — (normas)

O Diário Oficial de 18-3-942, publica na íntegra, o decreto-lei n. 4.185, de 16-3-942, que estabelece normas de Contabilidade para os Ministérios da Guerra, Marinha e Aeronáutica, e dá outras providências.

CURSO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA — (consulta)

Consulta o chefe da 8.^a Circunscrição de recrutamento se os brasileiros que tiraram o curso secundário no estrangeiro podem ser matriculados nos C. P. O. R.

Em solução, declara o Snr. Ministro:

Teem direito à matrícula nos C. P. O. R., os brasileiros que tendo feito o curso secundário no estrangeiro, hajam revalidado o mesmo na forma do art. 30, do decreto n. 21.241, de 7 de abril de 1932, que regula a organização do ensino secundário civil. — (Aviso n. 796, de 24 — D. O. de 26-3-942).

COZINHAS DO EXÉRCITO — (relatório)

Fica aprovado o relatório final da Comissão de Padronização de Cozinhas do Exército, criada pelo Aviso número 3.558-X-35, de 17 de novembro de 1940, e cujas conclusões são as seguintes:

1 — *Causas de pouca durabilidade do material já instalado* —

Proveem, principalmente:

- da inobservância das prescrições técnicas de funcionamento;
- da falta de conservação;
- da escolha inadequada do tipo de cozinha.

Para evitar os inconvenientes resultantes das duas primeiras causas mencionadas, devem os chefes responsáveis exercer a mais severa fiscalização a respeito.

2 — *Padronização das cozinhas militares* —

- a) Para pequenas unidades (70 refeições no máximo) ou como complemento de instalação, será adotado o fogão comum a lenha;
- b) Para as unidades de maior número de refeições, será utilizada a cozinha a vapor, caldeira em compartimento separado, empregada a lenha como combustível, ou carvão nacional, quando possível o seu fornecimento regular;
- c) Para as unidades abastecidas de energia elétrica proveniente de usinas elétricas do Exército ou de empresas que apresentem taxas compensadoras para a energia elétrica empregada como fonte de calor, deve ser adotada a cozinha elétrica.

A instalação de cozinhas dos tipos constantes das alíneas b e c, anteriores, deve constituir assunto de projeto e orçamento, a serem aprovados pela Diretoria de Engenharia.

3 — *Especificações do material a ser empregado na cozinha a vapor*. — Foram apresentadas as relativas à caldeira, caldeirões, marmitas, "boiler", copa de preparação e copa de lavagem — as quais são encaminhadas à Diretoria de Engenharia, para publicação em Boletim interno.

(Aviso n. 933, de 14 — D. O. de 16-4-942).

CURSOS — (funcionamento)

Aprova as Diretrizes para o Funcionamento de Cursos nas Guardiões Militares — sedes de Grandes Comandos, organizadas pelo Estado Maior do Exército de acordo com o Aviso Ministerial n. 33-Curs. 1, de 6 de janeiro último. — (Aviso n. 675, de 16 — D. O. de 18-3-942).

CURSO DE COMANDANTE DE PELOTÃO — (revalidação)

Tendo em vista as ponderações das Diretorias de Armas sobre a deficiência de concorrentes à promoção a primeiro sargento, sargento-ajudante e

A COMPANHIA DOCAS DE SANTOS

Ma's um ano de intensas atividades

A Companhia Docas de Santos, acaba de divulgar mais um importante relatório, que é um magnífico índice de um ano intenso de múltiplas e grandes atividades.

Apesar das perturbações da guerra, as estatísticas provam como se realizam os negócios e se avultam.

O relatório, consigna dois fatos que, embora alheios ao ritmo e à estrutura econômica e social da prestigiosa organização, sobre elas se refletem porque se ligam a dois nomes da sua direção e, portanto, constituem acontecimentos envaidecedores para quantos cooperem, nos vários setores, para a maior grandeza da Companhia e projeção do seu nome.

Um desses fatos é a eleição do Sr. Guilherme Guinle, seu presidente, para a presidência da Companhia Siderúrgica Nacional, e o seu diretor, Sr. Oscar Weinschenck, para diretor-comercial, altas honrarias com que teve por bem o Governo distinguir aquelas ilustres figuras e significa quanto estimou e soube avaliar o excepcional esforço que desenvolveram para tornar realidade, com a siderurgia, um dos grandes sonhos de emancipação do Brasil. O segundo acontecimento é a inclusão do Sr. Guilherme Guinle no "Livro do Mérito", ainda como uma homenagem a tudo que S.S. tem feito pelo Brasil e seus compatriotas. Tudo isto está consignado no parecer do Conselho Fiscal, integrando o relatório que é uma peça admirável pela lucidez da exposição e vulto das atividades, tudo condensado em forma sugestiva, permitindo, mesmo aos leigos, formar uma idéia das dimensões econômicas e financeiras da Companhia Docas de Santos.

O fecho do citado parecer do Conselho Fiscal, que transcrevemos a seguir, dispensará maiores comentários sobre a significação do importante relatório:

"Ao dizer-vos sobre o movimento da nossa Companhia Docas de Santos, no ano de 1941, como apreciareis pelo seu bem elucidativo Relatório, devemos ressaltar, ainda, a competência e dedicação da esforçada Diretoria desta Empresa que venceu, galhardamente, o exercício de 1941 com todas as dificuldades causadas pela guerra europeia, tendentes a aumentar com a propagação da guerra às nações do Pacífico e da América.

O Relatório da digna Diretoria vos informa sobre os seus atos, movimento das "Docas" e de sua situação econômica e financeira. Notareis que o "Capital da Companhia" (inicial e adicional), em 31 de dezembro de 1941, é de Rs. 237.783:119\$451. Verificou-se a renda bruta de Rs. 78.156:040\$750, maior que a de 1940, em 3,57%. Entretanto a "Despesa de Custo", elevando-se a Rs. 53.964:206\$900, aumentou o coeficiente do tráfego para 69,04%, maior do que o de 1940, que havia sido de 68,26%.

A escrituração continua na mesma rigorosa perfeição, em dia e conferindo os balanços e anexos que vos apresenta a Diretoria, com o Diário e demais livros de Contabilidade.

Portanto, o Conselho Fiscal conclue o seu parecer proondo-vos:

1.º) — que sejam aprovados o balanço, contas e atos da dedicada Diretoria, relativos ao ano findo em 31 de dezembro de 1941;

2.º) — que se renove, como demonstração do vosso alto apreço e louvor, um voto à competente e esforçada Diretoria que tão elevadamente preside os destinos da Companhia Docas de Santos;

3.º) — que signifiqueis, com vossos aplausos, os esforçados serviços do prosector Inspetor Geral da Companhia no porto de Santos, Sr. Dr. Ismael Coelho de Souza, e seus dedicados auxiliares, e bem assim, o Sr. Mário Henrique da Cruz, competente chefe do escritório central e seus dignos companheiros.

Rio de Janeiro, 26 de março de 1942. — Alfredo Loureiro Ferreira
ra Chaves, — Eduardo de Vasconcellos Pederneiras. — Luiz Felipe de
Souza Leão.

sub-tenente, por não ser válido para o acesso na ativa o curso de comandante de secção e pelotão anterior a 1935 e não-revalidados posteriormente, determina que seja considerado válido aquele curso, com coeficiente 3 (tres) para o cômputo do Aviso n. 1.198, de 23 de março de 1940 e como o coeficiente 4 (quatro) o curso citado posterior a 1935, ou revalidado depois desta data. — (Aviso n. 952, de 16 — D. O. de 18-4-942).

DESTACAMENTO MIXTO DE FERNANDO DE NORONHA — (Estado Maior)

O Estado Maior do Destacamento Mixto de Fernando de Noronha é constituído de: 1 Tenente-Coronel Chefe; 1 Major adjunto; e 1 Capitão assistente, todos do Q. E. M.

Terá à sua disposição, para o serviço do Estado Maior: 1 3.^o sargento; 3 cabos; e 3 soldados. — (Aviso n. 805, de 25 — D. O. de 27-3-942).

DIRETORIA DE RECRUTAMENTO — (atribuição)

I — A retificação de nome, filiação ou idade, no tocante a praças da ativa ou de reserva, é de atribuição da Diretoria do Recrutamento e só será feita mediante requerimento do interessado.

II — O requerimento deve ser instruído com a certidão de nascimento, de inteiro teor (*de verbo ad verbum*), extraída do Registro Civil e, quando for o caso, com o documento onde deve ser feita a retificação.

III — Ordenada pela Diretoria do Recrutamento a retificação solicitada, será o processo respectivo encaminhado ao corpo em que servir o interessado ou à Circunscrição de Recrutamento a que pertencer o reservista, a qual executará a ordem e comunicará a alteração à unidade ou estabelecimento onde estiver relacionado o mesmo reservista.

IV — No caso de se acharem as alterações do reservista recolhidas ao Arquivo do Exército, a Circunscrição de Recrutamento interessada fará em ofício a essa repartição a comunicação de que trata o item anterior, ofício esse que será anexado às referidas alterações, sem necessidade de serem feitas quaisquer anotações relativas à retificação ordenada.

V — Em caso de necessidade poderá a Diretoria do Recrutamento exigir a apresentação de justificação judicial.

VI — Fica sem efeito o Aviso n. 2.160, de 12 de junho de 1940.
(Aviso n. 857, de 31-3 — D. O. de 2-4-942).

DISTRIBUIÇÃO DE CASAS — (plano)

O Diário Oficial de 18-3-942 publica o plano para distribuição de casas para os cargos de estabelecimentos dependentes da Inspetoria Geral do Ensino e dos oficiais e sargentos da 1.^a Região Militar. — (Nota n. 348, de 16-3-942).

EFETIVO DO EXÉRCITO — (elevação)

É o Ministro da Guerra autorizado a elevar o efetivo orçamentário da tropa das unidades do Exército atualmente organizadas para o efetivo de paz (efetivo-tipo), convocando-se as classes da reserva pertencentes ao contingente em disponibilidade do Exército ativo abrindo o voluntariado para o preenchimento dos claros.

A execução dessa transformação para o efetivo-tipo processar-se-á na ordem de urgência proposta pelo Ministro da Guerra, e segundo instruções que se tornarem necessárias para execução desta lei.

Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. — (Decreto-lei n. 4.237, de 8 — D. O. de 10-4-942).

ENSINO SECUNDÁRIO — (Lei orgânica)

O Diário Oficial de 10-4-942, publica na íntegra o decreto-lei n. 4.244, de 9-4-942, que aprova a Lei orgânica do Ensino Secundário.

Biblioteca da A DEFESA NACIONAL

Livros à venda

| | |
|--|---------|
| Anuario Militar do Brasil, 1935 | 17\$500 |
| Anuario Militar do Brasil, 1936 | 22\$500 |
| Anuario Militar do Brasil, 1937 | 17\$500 |
| Anuario Militar do Brasil, 1938 | 22\$500 |
| Anuario Militar do Brasil, 1939 | 22\$500 |
| A Campanha da Africa Oriental — Gal. Waldomiro Lima | 31\$500 |
| A Campanha da Africa Oriental — Gal Waldomiro Lima (para oficiais) | 21\$000 |
| Anuario Militar do Brasil, 1940 | 27\$500 |
| Aspéto Geográficos Sul-Americanos - Ten.-Cel. Mario Travassos | 6\$000 |
| A. C. P. — Cap. Geraldo Cortes | 16\$000 |
| A. C. P. (blocos para o) | 3\$000 |
| Acentuação gráfica — Cap. Antônio Pereira Lira | 2\$500 |
| Atestado de Origem e Inquerito Sanitario de Origem — Ten.Cel. Dr. E. Marques Porto | 4\$000 |
| As Condições Geográficas e o Problema Militar Brasileiro — Ten.-Cel. Mario Travassos | 5\$500 |
| Boletim n.º 2 — Ten.-Cel. Araripe e Ten.-Cel. Lima Figueirêdo | 11\$000 |
| Bandeira do Brasil — Ten. Janary Gentil Nunes | 11\$000 |
| Balistica Externa — Cel. A. Morgado da Hora | 65\$000 |
| Cadernetas de ordens e partes | 11\$000 |
| Cadernetas de ordens e partes (blocos para) | 3\$000 |
| Caderneta do Comandante | 1\$500 |
| Cannae e nossas batalhas — Cap. Wiederspahn | 8\$000 |
| Caxias (Eudoro Berlink) | 20\$000 |
| Coletânea de Leis e Decretos de 1544 a 1938 - Maj. Bento Lisboa | 13\$000 |
| Combate e Serviço em Campanha — Ten.-Cel. Araripe | 13\$000 |
| Contribuições para a Historia da Guerra entre Buenos Aires e Brasil — Trad. do Gal. Klinger | 13\$000 |
| Código da Justiça Militar — Cel. José Faustino da Silva Filho | 27\$000 |
| Dispersão do Tiro — Ten.-Cel. A. Morgado da Hora | 13\$000 |
| Duque de Caxias — Cap. Orlando Rangel Sobrinho | 2\$500 |
| Do Brasil à Italia — Gal. Newton Braga | 7\$500 |
| Defesa Pessoal — Cap. Waldemar de Lima e Silva | 17\$000 |
| Ensaio sobre Instrução Militar — Cmt. Braillon — Tradução dos Caps. Garcia e Salm | 13\$000 |
| Elogio de Caxias | 2\$500 |
| Escola do Pelotão — Ten.-Cel. Araripe | 13\$000 |
| Equitação em Diagonal — Major Osvaldo Rocha | 13\$000 |
| Exemplo de Sessões de Estudos de Elementos, lições de Educação Física e Jogos — Cap. Jair Jordão Ramos | 3\$000 |
| Estudos sobre granadas de mão e de fuzil — Ten. Moacir Nunes de Assunção | 11\$000 |
| Educação Física Feminina — Cap. Jair | 3\$000 |
| Educação Física Militar — Cap. Guttenbergh Ayres | 10\$000 |
| Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoio | 18\$000 |
| Fichário para Inst. de Ed. Física — Cap. Jair Jordão Ramos | 16\$000 |
| Formulário do Contador — Cap. José Sales | 5\$000 |
| Formulário Processual — Major Niso Montezuma | 7\$000 |
| Guia para Instrução Militar — Cap. Ruy Santiago — 1940 | 13\$000 |
| História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — Gal. Tasso Fragoso | 70\$000 |

EQUIPAMENTO DO EXÉRCITO — (comissão)

Nomeia os oficiais abaixo para, em comissão, estudarem o novo tipo de equipamento do Exército:

Presidente — General de brigada, Emilio Fernandes de Souza Doca;
Membros — Coronel Mario Ramos, coronel Adriano Saldanha Maza, coronel Cicero Costard, major Omar Cavalcanti Barcelos, major Renato Vóssio Brígido e major Armando de Moraes Áncora.

(Portaria n. 3.193, de 10 — D. O. de 13-4-942).

ESCOLA DE INTENDÊNCIA — (matrícula)

Em vista do que preceituam os artigos 69 e 79 do decreto n. 6.585, de 10 de novembro de 1940, fica assegurada nova matrícula, oportunamente, aos alunos que cursaram o 1.º ano da Escola de Intendência em 1941 e foram desligados, por falta de aproveitamento, desde que ao renovarem o curso satisfaçam as exigências de idade, saúde e conduta. — (Aviso n. 870, de 2 — D. O. de 6-4-942).

ESCOLA PREPARATÓRIA DE CADETES DE FORTALEZA — (distintivos)

Aprova o distintivo, cujo desenho a este acompanha, para as praças da Escola Preparatória de Cadetes em Fortaleza, com as seguintes características: distintivo em metal oxidado da Escola Preparatória de Cadetes em Fortaleza, no interior de um aro circular de 0,035 mm de diâmetro. Aprova as insígnias de Comando da Escola Preparatória de Cadetes em Fortaleza, cujos desenhos a este acompanham, a saber: Insígnia do Comando da Escola, Insígnia do Comandante do Batalhão Escodar e Insígnia de Comandante de Companhia. — (Avisos ns. 822 e 825, de 27-3-942 — D. O. de 30-3-942).

Aprova a tabela anexa de Enxoval dos Alunos da Escola Preparatória de Fortaleza:

Relação do enxoval de alunos:

Caneta-tinteiro, 1; Carteira de identidade, 1; Calção mescla-azul, 2; Colcha branca, 3; Colchão, 1; Copo de metal, 1; Camisa branca, 4; Cuecas, 4; Chinelos (par), 1; Escova para dentes, 1; Escova para roupa, 1; Escova para cabelo, 1; Escova para unhas, 1; Escova p/ sapatos, 1; Fronhas, 3; Lençóis, 4; Lenços, 6; Meias pretas de seda (par), 3; Meias pretas comuns (par), 6; Pijamas, 2; Sapatos tenis, 1; Saboneteira de metal, 1; Travesseiro, 1; Toalha de rosto, 4; Toalha de banho, 2; Tesoura para unhas, 1; Estojo para barba, 1; Espelho pequeno, 1. — Aviso n. 816, de 26 — D. O. de 28-3-942).

Ficam transferidos do Ministério da Educação e Saúde para o Ministério da Guerra, de acordo com as tabelas e relação nominal anexas, os seguintes cargos que se acham lotados no Colégio Floriano, do Ceará:

I — Do Quadro Suplementar do Ministério da Educação e Saúde para o Quadro Permanente do Ministério da Guerra: 3 Escriturário, classe G; 1 Escriturário, classe F; 2 Escriturário, classe E.

II — Dos Quadros Permanente e Suplementar do Ministério da Educação Educação e Saúde para o Quadro Suplementar do Ministério da Guerra: 3 Inspetor de Alunos, classe F; 9 Inspetor de Alunos, classe E; 2 Servente, classe D; 20 Servente, classe C; 1 Assistente, padrão H; 2 Professor Catedrático, padrão 24; 2 Professor Catedrático, padrão 22.

Parágrafo único — Os cargos de trata este artigo serão lotados na Escola Preparatória de Cadetes em Fortaleza.

Os decretos de nomeação dos funcionários ocupantes dos cargos abrangidos pelo disposto neste decreto-lei serão apostilados pelo Chefe do Serviço de Pessoal Civil do Ministério da Guerra. — (Decreto-lei n. 4.246, de 10 — D. O. de 15-4-942).



LIVROS À VENDA
em

“A Defesa
Nacional”



••••

| | |
|--|---------|
| R. I. S. G. | 7\$000 |
| Boletim n.º 2 | 10\$000 |
| Boletim n.º 3 | 10\$000 |
| Caderneta de ordens e partes | 10\$000 |
| Atestado de origem em inquérito sanitário de saude | 1\$500 |
| O livro do soldado, Cel Arararipe | 6\$000 |
| Combate e serviço em campanha, Cel. Araripe | 12\$000 |
| Escola do Pelotão, Cel. Araripe | 12\$000 |
| Transposição dos cursos dágua, Ten.-Cel. Lima Figueirêdo | 7\$000 |
| Teoria e emprego dos milésimos, Major Campelo | 5\$000 |
| Estudos sobre granadas de mão e de fuzil, Ten. Moacir N. de Assunção | 10\$000 |
| O livro do Observador, Cap. Paladini | 10\$000 |



••••

TODOS DA
BIBLIOTECA DE CULTURA MILITAR

Fundada pelo Major João Ribeiro Pinheiro

Casa Editora Henrique Velho



ESTABELECIMENTO DE INDÚSTRIA CIVIL — (Diretor Técnico)

E' considerado de interesse para o serviço militar o exercício em comissão, do cargo de Diretor-Técnico, no estabelecimento de indústria civil Aliança Comercial de Anilinas Limitada", com sede nesta Capital. (Decreto n. 6.080, de 20 — D. O. de 23-3-942).

ESTABELECIMENTOS "MINISTRO MALLET" — (administração)

Para atender aos trabalhos de conservação, vigilância e manutenção dos Estabelecimentos "Ministro Mallet" (A. E. M. M.) fica criado o Serviço de Administração dos mesmos Estabelecimentos, subordinado à Diretoria de Engenharia.

Fica criada, no Quadro Permanente do Ministério da Guerra, a função gratificada de Chefe do Serviço de Administração dos Estabelecimentos "Ministro Mallet", a qual será exercida por funcionário ou oficial da Reserva, designado pelo respectivo Ministro de Estado.

A gratificação anual da função é fixada em 6.000\$0 (seis contos de reis). Para atender no corrente exercício, às despesas decorrentes do presente decreto-lei, fica aberto, ao Ministério da Guerra, o crédito especial de 4.500\$0 (quatro e quinhentos mil réis). — (Decreto-lei n. 4.258, de 15 — D. O. de 17-4-942).

ESTATÍSTICA MILITAR — (secções)

O Diário Oficial de 18-3-942, publica na íntegra o Decreto-lei n.4.181, de 16-3-942, que dispõe sobre a criação de Secções de Estatística Militar e dá outras providências.

FÉRIAS — (solução de consulta)

Consulta o capitão comandante da 1.^a Companhia Independente de Fronteiras, se a vantagem de que trata a última parte do art. 21 do decreto-lei n. 3.752, de 23 de outubro de 1941, deverá ser concedida considerando-se o direito à sua obtenção a partir da data da entrada em execução da citada lei, ou abonada a todos os oficiais que já tenham ou venham a completar, antes do início do período de férias, dois anos de guarnição. Em solução, declara o Snr. Ministro:

Todo oficial que, servindo em uma mesma Guarnição especial, na data da entrada em execução do decreto-lei n. 3.752, de 23 de outubro de 1941, terá direito a 60 dias de férias, de acordo com o art. 21, *in-fine*, do citado decreto, desde que tenha completado ou venha a completar dois anos de ininterruptos serviços nessas guarnições antes do início do período de férias. — (Aviso n. 865, de 1.^º — D. O. de 4-4-942).

FISCAL ADMINISTRATIVO — (consulta)

O comandante do 13.^º Regimento de Infantaria, em ofício n. 1.933, de 24 de setembro de 1941, consulta como proceder, em face do art. 80 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, quando o fiscal administrativo nomeado por Portaria Ministerial se afastar definitivamente do corpo por transferência ou nomeação efetiva para função estranha ao corpo, até que seja nomeado outro para a aludida função.

Em solução declara o Snr. Ministro que, no caso em apreço, o subcomandante ou subdiretor da unidade (corpo, estabelecimento ou repartição), em face do que dispõem as arts. 1.^º e 2.^º do decreto-lei n. 3.075, de 22 de fevereiro de 1941, acumula as funções de fiscal administrativo (Aviso n. 899, de 8 — D. O. de 10-4-942).

FORMAÇÃO DE INTENDÊNCIA — (autonomia)

A 7.^a Formação de Intendência passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com disposto no artigo 25 do Regulamento para Adminis-

tração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938. — (Aviso n. 847, de 31-3 — D. O. de 2-4-942).

FORTE DE MONDUBA — (organização de Bia.)

E' organizada, para instalação no corrente ano, a 5.^a Bateria Independente de Artilharia de Costa (Forte de Monduba) à barra de Santos. — (Decreto-lei n. 4.248, de 10 — D. O. de 13-4-942).

FOTOGRAFIAS — (proibição)

Fica expressamente proibido tirar no interior dos quartéis, estabelecimentos, repartições ou acampamentos militares, fotografias de solenidades, atos, cerimônias cívicas ou particulares, sem autorização dos respectivos comandantes, chefes ou diretores.

— Quando reunidas várias unidades ou estabelecimentos militares, compete esta autorização ao comandante ou chefe do conjunto.

— Ademais, nenhuma reportagem escrita ou fotográfica do interior de quartéis e estabelecimentos militares pode ser publicada sem que antes tenham sido fiscalizados seus dizeres pelas autoridades competentes.

(Aviso n. 336, de 30-3 — D. O. de 1-4-942).

FUNÇÃO GRATIFICADA — (cria)

Fica criada, no Quadro Permanente do Ministério da Guerra — Supremo Tribunal Militar — a função gratificada de chefe de portaria, que deverá ser exercida por contínuo e, na falta deste, por servente.

A gratificação de função, a que se refere este artigo, fica fixada em 2.400\$0 (dois contos e quatrocentos mil réis), anuais. — (Decreto-lei n. 4.249, de 10 — D. O. de 13-4-942).

FUNCIONARIOS PUBLICOS CIVIS (promoções)

O art. 35 do Regulamento de Promoções dos Funcionários Públicos Civis, expedido com o decreto n.º 2.290, de 28 de janeiro de 1938, passa a ter a seguinte redação:

“Art. 35. Nas promoções a serem realizadas em abril, agosto e dezembro, serão providas, respectivamente, todas as vagas verificadas até o último dia dos meses de fevereiro, junho e outubro”. — (Decreto n. 9.137, de 30-3 — D. O. de 1-4-942).

GABINETE FOTOCARTOGRÁFICO DO MINISTÉRIO DA GUERRA — (Regulamento)

O Diário Oficial de 25-3-942, publica na íntegra o regulamento do Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra, aprovado pelo Decreto n. 9.086, de 23-3-942.

GERENAIOS DO EXÉRCITO — (novas funções)

Foram nomeados:

O General de Divisão Christovão de Castro Barcellos Inspetor do 3.^º Grupo de Regiões Militares.

O General de Brigada Mario Xavier Comandante da 9.^a Região Militar.

O General de Brigada Milton de Freitas Almeida Diretor de Moto-Mecanização e Transporte.

O General de Divisão Newton de Andrade Cavalcante Comandante da 5.^a Região Militar.

O General de Divisão Pedro de Alcantara Cavalcanti de Albuquerque Comandante da 4.^a Região Militar. — (Decreto de 24 — D. O. de 26-3-942).

HOSPITAL MILITAR DE MANAUS — (contingente)

II — Fica ser efectivo o contingente do Hospital Militar de Manaus, por se achar este estabelecimento, presentemente, sem organização. — (Aviso n. 914, de 1.^º — D. O. de 4-4-942).

HOSPITAL MILITAR DE NATAL — (quadro)

Aprova o quadro de efetivos do contingente para o Hospital Militar de 3.^a classe em Natal (R. G. N.), constituído dos seguintes elementos: Primeiro sargento enfermeiro, 1; Segundo sargento enfermeiro, 1; Terceiro sargento enfermeiro, 2; Terceiro sargento, manipul. farmácia, 1; Terceiro sargento, manipul. radiologia, 1; Terceiro sargento, auxiliar da administração, 1; Cabos auxiliares da administração, 2; — Total, 9. Os auxiliares da administração dependem da S. G. M. G. e os demais da D. S. E.

(Aviso n. 914, de 1.^º — D. O. de 4-4-942).

INSUBMISSOS — (indulto)

Decreto-lei n. 4.223, de 2-4-942:

Art. 1.^º E' concedido indulto aos insubmissos que se apresentarem às autoridades militares, ou, que, sendo maiores de 30 anos, requererem a expedição de certificados de reservista, numa e noutra hipótese dentro do prazo de 180 dias, contados da data da publicação do presente decreto-lei, bem como àqueles que estejam presos, aguardando julgamento ou cumprindo condenação por esse crime.

Art. 2.^º Os insubmissos, menores de 30 anos, que se apresentarem serão submetidos a inspeção de saúde e incorporados, se forem julgados aptos, sendo a incorporação feita na unidade designada pelo Comandante da Região, na qual for feita a apresentação.

Art. 3.^º Os termos de irsubmissão dos indultados serão cancelados nos corpos onde se encontrarem, independentemente de quaisquer formalidades judiciais, por ordem do respectivo Comandante e deixarão de ser lavrados quando não o tenham sido, em tempo, fazendo-se disso menção em boletim; e os processos em curso serão arquivados, na fase em que se encontrarem, por despacho do Presidente do Supremo Tribunal Militar ou do Conselho de Justiça, ou do Auditor, conforme o caso, fazendo-se as comunicações necessárias.

Art. 4.^º Os requerimentos para a expedição de certificado de reservista, no caso do artigo 1.^º, serão instruídos com certidão de registro civil, de nascimento ou de casamento, considerados inexistentes, independentemente de busca, todos os registros militares anteriores referentes ao reservista. Parágrafo único. Do certificado de reservista constará a declaração de ter sido o mesmo expedido nos termos do presente decreto-lei.

Art. 5.^º Estão sujeitos ao pagamento da taxa militar de 10\$0, que será arrecadada na conformidade do regulamento aprovado pelo decreto n. 8.981, de 12 de março do corrente ano, os cidadãos maiores de 30 anos de que trata o artigo 1.^º

Art. 6.^º As certidões de nascimento e de casamento para o fim previsto no artigo 4.^º estão isentas de selo, taxas, custas e emolumentos e são fornecidos gratuitamente aos interessados.

Art. 7.^º Durante a vigência deste decreto-lei, suas regalias e providências deverão ter ampla difusão, que será feita, nesta Capital e nos Estados pelos órgãos oficiais de imprensa e propaganda.

(Diário Oficial de 6-4-942).

IMPOSTO SOBRE A RENDA — (arrecadação)

O Diário Oficial de 24-3-942, publica na íntegra, o Regulamento para a cobrança e fiscalização do imposto sobre a renda, baixado como Decreto n. 4.178, de 13-3-942.

OFICIAIS DA RESERVA — (convocação)

O Diário Oficial de 6-4-942, publica o Decreto-lei n. 4.222, de 2-4-942, que regula a convocação de oficiais da Reserva do Exército.

Aprova as instruções reguladoras da convocação dos oficiais da reserva para o serviço ativo. — (Portaria n. 3.196, de 14 — D. O. de 16-4-942).

PARQUE DE MOTO-MECANIZAÇÃO — (distintivo)

Aprova o distintivo cujo desenho a este acompanha para o Parque de Moto-Mecanização da 7.^a Região Militar, com as seguintes características:

— Distintivo de praças em metal oxidado — o Símbolo do serviço de Moto-Mecanização no interior de uma elipse dentada — 0,045 x 0,030. (Aviso n. 791, de 24 — D. O. de 26-3-942).

PÁSCOA DOS MILITARES — (concessão de facilidades)

Atenrendo ao que solicitou o presidente da União Católica dos Militares e tendo em conta os fins patrióticos dessa associação, declara que devem ser concedidas facilidades para que os oficiais, subalternos, sargentos e demais praças, que o desejarem, possam compartilhar da Páscoa dos Militares que terá realização, domingo, dia 3 de maio em todas as guarnições. (Aviso n. 748, de 20 — D. O. de 23-3-942).

SARGENTOS ORIUNDOS DAS ESCOLAS PREPARATÓRIAS — (tempo)

Consulta o comandante da 1.^a R. M. como proceder quanto ao tempo de serviço e preferência para os cursos, com os sargentos oriundos das Escolas Preparatórias.

Em solução, declara:

- 1 — devem ser considerados como enganados, pois possuem uma primeira praça voluntária, como aluros de Escola Preparatória de Cadetes;
- 2 — deve o tempo de serviço ser o de enganados por um (1) ano contado a partir da promoção a sargento;
- 3 — que deve ser permitida a matrícula no Curso de Cmt. de Pel. para a ativa ou um dos cursos de especialização, pois unicamente vantagens auferirá o Exército com a melhor habilitação de seus quadros;
- 4 — que a matrícula no Curso de Cmt. de Pel. para a ativa, deve ter preferência sobre a matrícula no curso para a reserva. — (Aviso n. 934, de 14 — D. O. de 16-4-942).

SECÇÃO DE CADASTRO DO PESSOAL CIVIL DO M. G. — (criação)

Fica criada a Secção de Cadastro do Pessoal Civil da 4.^a Divisão da Secretaria Geral do Ministério da Guerra. — (Decreto-lei n. 4.234, de 6 — D. O. de 8-4-942).

Fica aprovado o Regimento da Secção de Cadastro do Pessoal Civil do Ministério da Guerra. — (Decreto n. 9.202, de 6 — D. O. de 8-4-942).

SERVICO DE FUNDOS DO EXÉRCITO — (balancetes)

Para uniformidade de escrituração e considerando a necessidade de ser levado até ao "saldo de caixa" o controle, pelos órgãos fiscalizadores do Serviço de Fundos do Exército, dos valores a cargo das Unidades Administrativas, deverão essas unidades consignar em seus balancetes de Pessoal e de Material, a partir do mês em que for esta decisão publicada na unidade, as alterações publicadas no Diário Oficial de 17-4-942. — (Aviso n. 941, de 15 — D. O. de 17-4-942).

SERVIÇOS DE FUNDOS REGIONAIS — (recomendação)

Recomenda que os pagamentos de requisições de vencimentos de praças pelos Serviços de Fundos Regionais, às unidades administrativas, se mantenham sempre, rigorosamente, dentro dos limites fixados nas respectivas demonstrações-bases, não sendo permitido o fornecimento de numerário para o pagamento de praças excedentes, ressalvados os casos explicitamente previstos nas disposições em vigor. — (Aviso n. 930, de 13 — D. O. de 15-4-942).

SERVIÇO DE INTENDÊNCIA DA 7.^a R. M. — (praças)

Fica revigorado para o corrente ano o aviso n. 2.851-Eft 12, de 26 de setembro do ano passado, que atribuiu ao Serviço de Intendência da sétima Região Militar, um segundo sargento, dois terceiros, dois cabos e cinco soldados, e para serviço de fiscalização administrativa do Quartel General — um terceiro sargento, um cabo e dois soldados. — (Aviso n. 943, de 15 — D. O. de 17-4-942).

SERVIÇO DE SAÚDE DO EXÉRCITO — (alteração no Regulamento)

Passa a ter a seguinte redação o § 2.^º do art. 67 do Regulamento aprovado pelo decreto n. 984, de 25 de julho de 1936, alterado pelo de n. 8.536, de 15 de janeiro do corrente ano:

“§ 2.^º Nas 1.^a, 2.^a, 3.^a e 4.^a Regiões Militares a Chefia do Serviço de Saúde é cargo privativo de oficial com o posto de Coronel; nas 5.^a, 7.^a e 9.^a Regiões Militares de Coronel ou Tenente-Coronel; e nas 6.^a e 8.^a de Tenente-Coronel. — (Decreto-lei n. 9.198, de 2 — D. O. de 6-4-942). Aprova as Instruções para o Abastecimento de Material Sanitário para o Serviço do Exército, em tempo de paz, organizadas pela Diretoria de Saúde. — (Aviso n. 900, de 8 — D. O. de 10-4-942).

SUNGAS DE MESCLA AZUL — (fornecimento)

Atendendo ao que expõe o Comandante do 1.^º Grupo do 2.^º Regimento de Artilharia Anti-Aérea, em Ofício número 14, de 26 de fevereiro findo, autoriza o fornecimento a todas as praças daquele Grupo de sungas mesclazues, observando-se o que determinam as observações 6.^a e 7.^a das Instruções para Distribuição de Fardamento. — (Aviso n. 758, de 20 — D. O. de 23-3-942).

SUPREMO TRIBUNAL MILITAR — (composição)

Fica alterada a composição do Supremo Tribunal Militar fixada no artigo 8.^º do Código de Justiça Militar (decreto-lei n. 925 de 2 de dezembro de 1938) que passa a ter a seguinte redação:

“Art. 8.^º O Supremo Tribunal Militar compor-se-á de 11 juizes vitalícios com a denominação de Ministros, nomeados pelo Presidente da República, dos quais três escolhidos entre os generais efetivos do Exército, dois dentre os oficiais generais da Armada, dois dentre os oficiais generais da Aeronáutica e quatro civis.”

Aos Ministros militares da Aeronáutica fica extensiva a prescrição do artigo 11 e toda legislação em vigor relativa aos demais Ministros militares. A nova composição do quadro dos Ministros militares tornar-se-á efetiva conforme forem ocorrendo as respectivas vagas, atinentes aos oficiais generais do Exército e da Marinha. — (Decreto-lei n. 4.235, de 6 — D. O. de 11-4-942).

TRANSPORTE DE FAMÍLIAS — (oficiais, sub-tenentes e sargentos)

Fica prorrogado por prazo indeterminado o direito a transporte, por conta deste Ministério, concedido às famílias dos oficiais, sub-tenentes e sargentos, cujos chefes se deslocaram para a 7.^a Região Militar, com as suas unidades. — (Aviso n. 921, de 11 — D. O. de 14-4-942).

UNIDADES-QUADROS — (instruções)

Aprova as Instruções visando uma rápida formação de sargentos, cabos e especialistas.

Instruções provisórias para o funcionamento das unidades-quadros

I — As Unidades-Quadros, enquanto durar a atual deficiência de sargentos, cabos e de especialistas, ficarão com a atribuição exclusiva da formação desses elementos.

II — As Unidades-Quadros já em funcionamento deverão passar imediatamente ao regime das presentes Instruções, com o aproveitamento dos atuais instrumentos que satisfaçam aos requisitos necessários.

III — No caso de não ser possível obter, dentro das próprias Unidades-Quadros, o número de matrículas fixado, serão aproveitados, por transferência compulsória, instruendos dos Tiros de Guerra e Escolas de Instrução Militar que satisfaçam às condições de aptidão exigidas, mediante relação fornecida pelos inspetores regionais de Tiro de Guerra.

IV — O funcionamento dos cursos se processará na forma prescrita nas "Instruções para o funcionamento das Unidades-Quadros", ora em vigor. (Aviso n. 3.177, de 22 de outubro de 1941). O primeiro mês será consagrado à adaptação e selecionamento dos candidatos, bem como ao complementamento de que trata o item anterior (Tiro de Guerra e Escola de Instrução Militar).

a) O curso de candidatos a cabo durará do 2º ao 6.º mês; o de sargento do 7.º ao 8.º; e o de especialista do 2.º ao 6.º, todos, inclusive.
b) O 9.º mês será destinado ao aperfeiçoamento da instrução, aos exercícios de guarnição ou manobras.

V — Os comandantes de Região Militar, baixarão instruções complementares para regular as adaptações que se tornarem necessárias nas Unidades-Quadros, cuja instrução já se tenha iniciada, dentro das idéias gerais fixadas e reduzindo os respectivos programas ao mínimo indispensável, com a preocupação de ministrar conhecimentos os mais práticos e objetivos possíveis.

VI — Os instruendos dessas unidades que não forem aproveitados, serão transferidos, se o desejarem, para os Tiros de Guerra e Escolas de Instrução Militar, desde que se sujeitem às condições desses centros.

VII — Para que possam bem desempenhar-se de suas novas atribuições, as Unidades-Quadros deverão ter os quadros — oficiais e sargentos — completos, tendo para esse fim, dentro do razoável, prioridade sobre as demais sub-unidades. — (Aviso n. 889, de 3 — D. O. de 9-4-942).

VANTAGENS — (7.º R. M.)

Decreto n. 9.242, de 10-4-942:

Art. 1.º A partir de 1 de abril do corrente ano, fazem jus, com as limitações do artigo 2.º deste decreto, à vantagem prevista no artigo 73 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, os militares da ativa que servirem na 7.ª Região Militar, em localidades que não tenham sido ainda contempladas com a dita vantagem.

Art. 2.º O militar, que ocupe próprio nacional como residência, perde, em benefício do Estado, a metade da vantagem concedida pelo artigo anterior.

Parágrafo único. A idêntica redução fica sujeito o militar que, em virtude de Plano de Distribuição de Casas, tenha direito a próprio nacional para residência e, por conveniência pessoal, não o ocupe.

(Diário Oficial de 13-4-942)

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL recebeu, no período de 20 de Março a 20 de Abril de 1942, as seguintes publicações: "El Ejército Constitucional", n. 71 e 72, Novembro e Dezembro

de 1941, Havana, Cuba. "Novas Diretrizes", n. 51, Abril de 1942, Rio. — "Revista Militar", n. 2, Fevereiro de 1942, Buenos Aires, Argentina. "Alerta", n. 253, Fevereiro de 1942, Montevideu, Uruguai. "Visão Brasileira", n. 45, Abril de 1942, Rio. "Novas Diretrizes", n. 52, Abril de 1942, Rio. "Baioneta", Btl. Escola, Comemorativa do 10.º aniversário, Rio.

DESDE AQUELE DIA



*parece que
os negócios tomaram
novo impulso...*

A direção da firma cabia a um socio apenas. Por isso, os Bancos limitavam seu crédito. Não havia pleno desenvolvimento. Um dia, porém, os tres socios resolveram proteger a firma e protegerem-se mutuamente, instituindo um Seguro Comercial, na Sul America. Desde então o cre-

FIRME
Companhia Nacional de
Seguros de Vida

ditto firmou-se, os negócios aumentaram e os lucros multiplicaram-se. Siga este exemplo, o Sr. que também é comerciante!

SUL AMERICA

Companhia Nacional de
Seguros de Vida

Fornecimentos de L. Liscio & Cia.

Entre as rigorosas medidas tomadas pelo Ministério da Guerra, em relação aos fornecimentos para o Exército, deve-se antes de mais nada, reconhecer que há um critério de rigorosíssima seleção, afim de que os interesses em jogo sejam reciprocamente zelados pelas partes interessadas.

Nada mais, portanto, credencia a "CAMA PATENTE" (L. Liscio Bruns & Cia.), cujo fornecimento feito às principais unidades militares do país mencionamos a seguir, num tipo de cama oficializada pelo Exército.

PRINCIPAIS FORNECIMENTOS FEITOS A UNIDADES MILITARES

Distrito Federal

| Escola de Sargentos de Infantaria | R. de Janeiro | — | Camas Patente | 212 | |
|--------------------------------------|----------------|---|---------------|-------|--|
| Batalhão Escola | R. de Janeiro | — | " " | 1.171 | |
| Escola de Artilharia | Vila Militar | — | " " | 206 | |
| 1.º Batalhão de Engenharia | | — | " " | 20 | |
| 1.º Grupo de Artilharia Pesada | São Cristovão | — | " " | 97 | |
| Corpo de Fuzileiros Navais | R. de Janeiro | — | " " | 147 | |
| 1.º Batalhão Ferroviário | R. de Janeiro | — | " " | 10 | |
| 1.º Grupo de Artilharia de Dorso | R. de Janeiro | — | " " | 261 | |
| Escola de Aviação Militar | R. de Janeiro | — | " " | 390 | |
| Quartel General da 1.º R. M. | R. de Janeiro | — | " " | 30 | |
| Escola de Engenharia | R. de Janeiro | — | " " | 18 | |
| 3.º Regimento de Infantaria | R. de Janeiro | — | " " | 670 | |
| 1.º Reg. de Cavalaria Divisionária | R. de Janeiro | — | " " | 545 | |
| 1.º Reg. de Artilharia Montada | Vila Militar | — | " " | 545 | |
| Batalhão dos Guardas | R. de Janeiro | — | " " | 140 | |
| Forte de São Luiz | Niterói | — | " " | 160 | |
| 1.º Regimento de Infantaria | Vila Militar | — | " " | 1.270 | |
| Centro de Instr. de Artilh. de Costa | R. de Janeiro | — | " " | 15 | |
| Escola Veterinária do Exército | R. de Janeiro | — | " " | 30 | |
| Grupo Escola | Vila Militar | — | " " | 654 | |
| Escola do Estado Maior | R. de Janeiro | — | " " | 96 | |
| Colégio Militar | R. de Janeiro | — | " " | 500 | |
| Dir. de Aeronáutica da Marinha | I. Governador | — | " " | 130 | |
| Corpo de Bombeiros | R. de Janeiro | — | " " | 242 | |
| 1.º Batalhão de Caçadores | Petrópolis | — | " " | 450 | |
| 2.º Batalhão de Caçadores | R. de Janeiro | — | " " | 150 | |
| 1.º Grupo de Artilharia da Costa | Forte St. Cruz | — | " " | 35 | |
| 2.º Reg. de Artilharia Montada | Santa Cruz | — | " " | 127 | |
| Forte Marechal Hermes | R. de Janeiro | — | " " | 80 | |
| Forte Copacabana | R. de Janeiro | — | " " | 231 | |
| Forte da Lage | R. de Janeiro | — | " " | 60 | |
| Forte da Vigia | R. de Janeiro | — | " " | 150 | |
| Base da Aviação Naval | R. de Janeiro | — | " " | 75 | |
| 7.º Bateria Independente de Arth. | Macaé | — | " " | 62 | |
| Casino Fortaleza Santa Cruz | R. de Janeiro | — | " " | 10 | |
| Fábrica de Material contra Gazes | R. de Janeiro | — | " " | 36 | |
| Escola Naval | R. de Janeiro | — | " " | 21 | |
| Diretoria da Aviação | R. de Janeiro | — | " " | 60 | |
| Dir. Aeron. do Exer. 1.º Reg. Av. | R. de Janeiro | — | " " | 375 | |
| 2.º Cia do 1.º Bat. de Caçadores | R. de Janeiro | — | " " | 120 | |
| Escola Militar | Realengo | — | " " | 200 | |

PRINCIPAIS FORNECIMENTOS FEITOS A UNIDADES MILITARES

| | | | | | |
|--------------------------------------|---------------|---|-----------|------------|-----|
| 1.º Regimento de Aviação | R. de Janeiro | — | ” | ” | 136 |
| Fábrica de Cartuchos de Infantaria | Realengo | — | ” | ” | 6 |
| Depósito Naval (Ilha das Cobras) . | R. de Janeiro | — | ” | ” | 50 |
| Fortaleza São João | R. de Janeiro | — | ” | ” | 10 |
| Fortaleza de São José | R. de Janeiro | — | C. Pat | c. armário | 40 |
| 11.º Regimento de Infantaria | R. de Janeiro | — | Camas | Patente | 150 |
| Policia Militar Distrito Federal . . | R. de Janeiro | — | ” | ” | 300 |
| Repartição Central de Policia . . | R. de Janeiro | — | ” | ” | 25 |
| Quartel General da Inf. Divis. . . | R. de Janeiro | — | C. e Mov. | Patente | |
| Bat. do 4.º G.A.C. Forte da Lage . | R. de Janeiro | — | Camas | Patente | 10 |
| Cia. Escola de Transmissão | R. de Janeiro | — | ” | ” | 150 |
| Centro de Constr. Defesa Anti-Aérea | R. de Janeiro | — | ” | ” | 80 |
| Estab. Central Material Intendência | R. de Janeiro | — | ” | ” | 350 |
| Diret. Aeronáutica do Exército . . | R. de Janeiro | — | ” | ” | 460 |
| 1.º Formação Sanitária Regional . . | R. de Janeiro | — | ” | ” | 50 |
| Casa de Correção | R. de Janeiro | — | ” | ” | 70 |
| Delegacia Especial de Segurança . | R. de Janeiro | — | ” | ” | 60 |
| Chefatura de Policia | Riachuelo | — | ” | ” | 18 |

Rio de Janeiro

| | | | | | |
|--------------------------------------|---------|---|-------|---------|-----|
| Secret. das Finanças Est. do Rio . . | Niterói | — | Camas | Patente | 110 |
| Chefia de Policia. Casa de Detenção | | — | ” | ” | 200 |

São Paulo

| | | | | | |
|--|--------------|---|-----------|---------|-------|
| 4.º Batalhão de Caçadores | São Paulo | — | Camas | Patente | 690 |
| 2.º Cia. de Administração | São Paulo | — | ” | ” | 400 |
| Quartel General da 2.ª Reg. Militar | São Paulo | — | ” | ” | 372 |
| 2.º Cia. de Estabelecimento | São Paulo | — | ” | ” | 380 |
| 1.º Batalhão de Infantaria | São Paulo | — | ” | ” | 1.400 |
| 1.º Regimento de Artilharia Montada | Itú | — | ” | ” | 400 |
| 4.º Esquadrão Divisionário | São Paulo | — | ” | ” | 314 |
| 6.º Regimento de Infantaria | Caçapava | — | ” | ” | 480 |
| 2.º Batalhão de Engenharia | São Paulo | — | ” | ” | 800 |
| Força Pública de São Paulo | São Paulo | — | ” | ” | 1.183 |
| Guarda Civil | São Paulo | — | ” | ” | 30 |
| 1.º Região Militar. 4.º Esquadrão . | São Paulo | — | ” | ” | 100 |
| Núcleo do 2.º Reg. de Aviação . . | São Paulo | — | ” | ” | 64 |
| Esc. Educ. Física da Força Pública | São Paulo | — | ” | ” | 50 |
| 3.º Reg. de Artilharia Montada . . | São Paulo | — | ” | ” | 300 |
| 1.º Regimento de Infantaria | Quitaúna | — | ” | ” | 20 |
| 4.º Esq. 2.º Reg. de Cavalaria Divis. | Quitaúna | — | ” | ” | 71 |
| 2.º Grupo Indep. de Artilh. Montada | Quitaúna | — | ” | ” | 60 |
| 2.º Batalhão do 5.º Reg. de Infantaria | São Paulo | — | ” | ” | 330 |
| 5.º Regimento de Infantaria | Lorena | — | ” | ” | 160 |
| 1.º Reg. de Cavalaria Divisionária | Pirassununga | — | ” | ” | 303 |
| 3.º Batalhão de Caçadores | São Paulo | — | ” | ” | 800 |
| 2.º Cia. Estabelecimento Regional . | São Paulo | — | ” | ” | 100 |
| Corpo de Bombeiros | São Paulo | — | ” | 65 | 65 |
| Casino dos Oficiais do 3.º B. C. . | Socorro | — | C. e Mov. | Patente | |
| 2.º Reg. de Av. do Ex. C. M. . . | São Paulo | — | Camas | Patente | 80 |
| Serv. de Intendência da F. Pública | São Paulo | — | ” | ” | 392 |
| 15.º Reg. Cavalaria Independente. | São Paulo | — | ” | ” | 50 |
| 6.º Grupo de Artilharia de Dorso . | Quitaúna | — | ” | ” | 130 |

PRINCIPAIS FORNECIMENTOS FEITOS A UNIDADES MILITARES

| | | |
|-------------------------------------|-----------|------------------|
| Q. G. da 2.º R. M. — 2 R. C. D. . . | São Paulo | — Moveis Patente |
| Centro de Instrução Militar . . . | São Paulo | — |
| Dep. de Estradas de Rodagem . . . | São Paulo | — Camas Patente |
| 4.º Regimento de Infantaria . . . | Quitaúna | — Moveis Patente |
| Dep. Ed. Física do Sst. de S. Paulo | Santos | — Camas Patente |

Minas Gerais

| | | | |
|--------------------------------------|---------------|---------------------|------|
| 11.º Regimento de Infantaria . . . | S. J. Del Rei | — Camas Patente | 1.19 |
| 12.º Regimento de Infantaria . . . | Juiz de Fora | — " | 1.00 |
| Fab. de Estojos e Espoletas de Art. | Benfica | — " | 5 |
| 3. R. A. M. | Pouso Alegre | — " | 28 |
| 4.º Formação de Intendência . . . | Itajubá | — " | 25 |
| 1.º Batalhão de Caçadores . . . | Ouro Preto | — " | 28 |
| 4.º R. C. D. | Três Corações | — " | 20 |
| 4.º Esq. do 4.º R. C. D. . . . | M. Procopio | — " | 37 |
| 2.º Batalhão da Força Pública . . . | Tapera | — " | 10 |
| 1.ª Cia. do 11.º Btl. de Caçadores . | Ouro Fino | — " | 10 |
| 10.º Regimento de Infantaria . . . | B. Horizonte | — " | 8 |
| 7.º Batalhão da Força Pública . . . | B. Despacho | — C. Pat. c armário | |

Rio Grande do Sul

| | | | |
|---------------------------------------|--------------|------------------|-----|
| 3.º Grupo de Art. Montada . . . | Cachoeira | — Camas Patentes | 20 |
| 1.ª Divisão de Cavalaria | Cachoeira | — " | 1 |
| 7.º Reg. de Cavalaria Independente | Livramento | — " | 21 |
| 3.º Regimento de Artilharia Pesada | Cachoeira | — " | 3 |
| 5.º Reg. Cavalaria Independente . | Sev. Ribeiro | — " | 20 |
| 3.º Regimento de Aviação | Santa Maria | — " | 26 |
| 2.º Batalhão de Pontoneiros . . . | Cachoeira | — " | 42 |
| 3.º Grupo de Artilharia de Dorso . | Porto Alegre | — " | 10 |
| 2.º Grupo de Artilharia a Cavalo .. | Uruguaiana | — " | 15 |
| 3.º Reg. de Cavalaria Independente | Uruguaiana | — " | 10 |
| 1.º Grupo de Artilharia a Cavalo . | Itaqui | — " | 100 |
| 3.º Cia. Ind. de Transmissões . . . | Cachoeira | — " | 170 |
| 3.º Grupo de Art. a Cavalo | Bagé | — " | 28 |
| 7.º Regimento de Infantaria . . . | Santa Maria | — " | 300 |
| 3.º Btl. do 8.º Reg. de Infantaria . | Passo Fundo | — " | 510 |
| 8.º Regimento de Infantaria | Cruz Alta | — Camas Patentes | 750 |
| Q. G. da 3.º R. M. | Porto Alegre | — " | 447 |
| 1.º Btl. Montado de Transmissão .. | Rosário | — " | 450 |
| 1.º Btl. do 9.º Reg. de Infantaria .. | Rio Grande | — " | 300 |
| 8.º Batalhão de Caçadores | São Leopoldo | — " | 600 |
| Casa de Correção | Porto Alegre | — " | 13 |
| 6.º Reg. Cav. Independente . . . | Alegrete | — " | 400 |
| 12.º Reg. de Cav. Independente .. | Bagé | — " | 170 |
| 13.º Reg. de Cav. Independente .. | Jaguarão | — " | 250 |
| 3.º Reg. de Cavalaria Independente | Santo Angelo | — " | 250 |
| 2.º Cia. do 1.º Reg. Art. de Dorso. | Santo Angelo | — " | 150 |
| 9.º Reg. de Cavalaria Independente | São Gabriel | — " | 150 |
| 6.º Reg. Artilharia Montada . . . | Cruz Alta | — " | 100 |
| 1.ª Cia. do 3.º Reg. Artilharia D.C. | Bagé | — " | 40 |
| 5.º eRg. de Cav. Independente . . | Mancarrão | — " | 30 |

PRINCIPAIS FORNECIMENTOS FEITOS A UNIDADES MILITARES

Paraná

| | | | | |
|--|--------------|---|-------------------|-----|
| Reg. de Art. Montada | Curitiba | — | Camas Patente | 372 |
| Reg. de Infantaria | Ponta Grossa | — | " " | 350 |
| Reg. de Cavalaria Divisionaria | Curitiba | — | " " | 330 |
| Regimento de Infantaria | Curitiba | — | " " | 400 |
| Regimento de Aviação | Curitiba | — | " " | 200 |
| Corpo de Bombeiros | Curitiba | — | " " | 200 |
| Batalhão Ferroviário | Rio Negro | — | C. Pat. c armário | 80 |

Mato Grosso

| | | | | |
|--|--------------|---|---------------|-----|
| Reg. Cav. Independente | Campo Grande | — | Camas Patente | 40 |
| Região Militar | Campo Grande | — | " " | 260 |
| Esq. Mixto de Trem | Campo Grande | — | " " | 40 |
| Cia. do 16.º Reg. de Caçadores | Três Lagoas | — | " " | 30 |
| Batalhão de Caçadores | Aquidauana | — | " " | 50 |
| Cia. de Fronteira | P. Esperança | — | " " | 60 |
| Bateria do 6.º G. A. C. | P. Esperança | — | " " | 10 |
| Secretaria Pública do E. M. Grosso | Cuiabá | — | " " | 100 |

Baía

| | | | | |
|---|------|---|---------------|-----|
| Batalhão de Caçadores | Baía | — | Camas Patente | 400 |
| Secretaria de Polícia da F. Pública | Baía | — | " " | 40 |
| Guarda Civil do Estado | Baía | — | " " | 60 |

Pernambuco

| | | | | |
|------------------------------------|--------|---|-------------------|-----|
| Corpo Policial do Estado | Recife | — | Camas Patente | 220 |
| Região Militar | Recife | — | " " | 933 |
| Guarda Militar | Recife | — | C. Pat. c armário | 70 |

Paraíba do Norte

| | | | | |
|-----------------------------------|-------------|---|-------------------|-----|
| Corpo do Estado | João Pessoa | — | Camas Patente | 220 |
| Corpo Policial Estadual | João Pessoa | — | " " | 200 |
| Batalhão de Caçadores | João Pessoa | — | C. Pat. c armário | 20 |

Espírito Santo

| | | | | |
|------------------------------------|---------|---|-------------------|-----|
| Corpo Policial do Estado | Vitória | — | Camas Patente | 30 |
| Guarda Militar do Estado | Vitória | — | C. Pat. c armário | 200 |
| Batalhão de Caçadores | Vitória | — | Camas Patente | 450 |

Goiás

| | | | | |
|---|---------|---|-------------------|-----|
| Batalhão de Caçadores | Ipameri | — | Camas Patente | 355 |
| Guarda Militar do Est. de Goiás | Goiás | — | C. Pat. c armário | 100 |

Sergipe

| | | | | |
|-----------------------------|---------|---|---------------|-----|
| Bat. de Caçadores | Aracajú | — | Camas Patente | 120 |
|-----------------------------|---------|---|---------------|-----|

Alagoas

| | | | | |
|-----------------------------|--------|---|---------------|-----|
| Btl. de Caçadores | Maceió | — | Camas Patente | 261 |
|-----------------------------|--------|---|---------------|-----|

Maranhão

| | | | | |
|-----------------------------|---------|---|---------------|-----|
| Btl. de Caçadores | S. Luiz | — | Camas Patente | 150 |
|-----------------------------|---------|---|---------------|-----|

Piauí

| | | | | |
|-----------------------------|----------|---|---------------|-----|
| Btl. de Caçadores | Terezina | — | Camas Patente | 100 |
| Guarda Militar | Terezina | — | " " | 66 |

PRINCIPAIS FORNECIMENTOS FEITOS A UNIDADES MILITARES

Território do Acre

Policia Militar R. de Janeiro — Camas Patente

ANO DE 1940

Distrito Federal

| | | |
|-----------------------------------|-------|---------|
| Casa St. Dumont. C. Militar | Camas | Patente |
| Policia Civil do Distrito Federal | " | " |
| Bat. I. Atr. Auto 8.º R. M. | " | " |

São Paulo

| | | |
|------------------------------------|---------|---------|
| Chefatura de Policia | Camas | Patente |
| Corpo Municipal de Bombeiros | Santos | — |
| Dep. de Estradas de Rodagem | " | " |
| Dep. S. Soc. (Inst. Mod. Menores) | " | " |
| Sec. Viação (C. Esp. Auto Estrada) | " | " |
| Dep. Serv. Soc. (Penit. do Estado) | " | " |
| 4.º Regimento de Infantaria | Quitúna | — |

Minas Gerais

| | | | | |
|-----------------------------------|--------------|---|-------|---------|
| 10.º Regimento de Infantaria | B. Horizonte | — | Camas | Patente |
| 4.º Cia. do 4.º B. Ferroviário | Diamantina | — | " | " |
| 10.º Btl. de Caçadores | Ouro Preto | — | " | " |
| Dep. de Compras Sec. das Finanças | B. Horizonte | — | " | " |

Rio Grande do Sul

| | | | | |
|-----------------------------------|--------------|---|-------|---------|
| 3.º R. M. — 5.º R. C. I. | Quaraí | — | Camas | Patente |
| 3.º R. M. — 1.º R. C. I. | Sant. Boq. | — | " | " |
| 3.º R. M. — 7.º B. C. | Porto Alegre | — | " | " |
| 3.º R. M. — 3.º R. C. I. | Sto. Angelo | — | " | " |
| 3.º R. M. — 3.º B. do 8.º R. I. | P. Fundo | — | " | " |
| 3.º R. M. — 1.º B 4.º R. A. D. C. | Livramento | — | " | " |
| 3.º R. M. — 1.º B 3º R. A. D. C. | Bagé | — | " | " |
| 3.º R. M. — 3.º F. S. | Porto Alegre | — | " | " |
| 3.º R. M. — 8.º B. C. | S. Leopoldo | — | " | " |
| 3.º R. M. — 4.º R. C. I. | Sto. Angelo | — | " | " |
| 3.º R. M. — 1.º do 1.º R. C. I. | Itaqui | — | " | " |
| 3.º R. M. — 9.º B. C. | Caxias | — | " | " |
| Regimento Osorio 3. R. C. D. | Porto Alegre | — | " | " |

Pernambuco

| | | | | |
|--------------------------------|-----------|---|-------|---------|
| Presidio Agricola de Itamaricá | Itamaricá | — | Camas | Patente |
| 3.º Bateria do 4.º G. A. D. | Recife | — | " | " |
| 21.º Batalhão de Caçadores | Recife | — | " | " |

Baía

| | | | | |
|-----------------|------|---|-------|---------|
| Policia Militar | Baía | — | Camas | Patente |
|-----------------|------|---|-------|---------|

Maranhão

| | | | | |
|-----------------------------|--|--|-------|---------|
| 24.º Reg. Cav. Independente | | | Camas | Patente |
| Policia Militar | | | " | " |

Amazonas

| | | | | |
|----------------------------|--------|---|-------|---------|
| 27.º Batalhão de Caçadores | Manaos | — | Camas | Patente |
|----------------------------|--------|---|-------|---------|

Paraná

| | | | | |
|--------------------------------|--------|---|-------|---------|
| 15.º Reg. de Cav. Independente | Castro | — | Camas | Patente |
|--------------------------------|--------|---|-------|---------|

Mato Grosso

| | | | | |
|----------------------------|--------|---|-------|---------|
| 16.º Batalhão de Caçadores | Cuiabá | — | Camas | Patente |
|----------------------------|--------|---|-------|---------|

Redação e Administração:
QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.

O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

“A Defesa Nacional” mantém uma secção de informações destinada a todos os Srs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição Rio-de-Janeiro.

- a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses suas ou militares.
- b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Orozimbo Martins Pereira

Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

C O R R E S P O N D E N C I A

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser encaminhadas ao Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, Caixa Postal, Ministério da Guerra, ou Escola de Educação Física do Exército, Barra do Rio de Janeiro, Urca.

P R E Ç O S

| | | | |
|-------------------------------|---|-------------------|---------|
| Oficiais e sub-tenentes | { | ano | 30\$000 |
| Oficiais e sub-tenentes | | semestre | 15\$000 |
| Oficiais e sub-tenentes | { | ano | 25\$000 |
| Oficiais e sub-tenentes | | semestre | 14\$000 |

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista seja registrada, assinantes do estrangeiro, devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os oficiais que desejarem ser socios de “A Defesa Nacional”, devem pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

Colaboram neste número:

Cel. F. de Paula Cidade

Cel. Renato Batista Nunes

Cel. Silveira Mello

Maj. Heitor Paiva

Cap. Lindolfo Ferraz Filho

Cap. Vitor Hugo de Alencar Cabral

Cap. Hugo Garrastazu

1.º Ten. Umberto Peregrino

Ten. Otávio Alves Velho.

2.º Ten. Ferdinando de Carvalho

Cibele Silvia Fonseca

Barreto Leite Filho



4\$000